

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**MARCELINA DE CARVALHO**

**INTERFERÊNCIAS LINGUÍSTICAS NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS DE TIMOR-LESTE**  
**(PTL) POR FALANTES DO TÉTUM: a concordância verbal**

**Uberlândia - MG**

**2026**

MARCELINA DE CARVALHO

**INTERFERÊNCIAS LINGUÍSTICAS NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS DE  
TIMOR-LESTE (PTL) POR FALANTES DO TÉTUM: a concordância verbal**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

**Área de Concentração:** Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

**Linha de Pesquisa:** Teoria, descrição e análise linguística.

**Orientador:** Prof. Dr. José Sueli de Magalhães

Uberlândia – MG

2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C331  
2026 Carvalho, Marcelina de, 1999-  
INTERFERÊNCIAS LINGUÍSTICAS NA APRENDIZAGEM DO  
PORTUGUÊS DE TIMOR-LESTE (PTL) POR FALANTES DO TÉTUM  
[recurso eletrônico] : a concordância verbal / Marcelina de  
Carvalho. - 2026.

Orientadora: José Sueli de Magalhães.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Pós-graduação em Estudos Linguísticos.

Modo de acesso: Internet.

DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2026.317>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Magalhães, José Sueli de, 1967-, (Orient.). II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos  
Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



# UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



## ATA

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação - PPGEL				
Data:	Dez de março de 2026	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12412ELI017				
Nome do Discente:	Marcelina de Carvalho				
Título do Trabalho:	INTERFERÊNCIAS LINGUÍSTICAS NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS DE TIMOR-LESTE (PTL) POR FALANTES DO TÉTUM: a concordância verbal				
Área de concentração:	Estudos Linguísticos e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Modelos fonológicos, variação e ensino - revelações da oralidade e da escrita II				

Reuniu-se, presencialmente, na sala 1U-209, Campus Santa Mônica, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Danielle Kely Gomes (UFRJ); Talita de Cássia Marine (UFU), e José Sueli de Magalhães (UFU), orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos, o presidente da mesa, Dr. José Sueli de Magalhães, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem, sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Danielle Kely Gomes, Usuário Externo**, em 10/03/2026, às 15:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Sueli de Magalhães, Professor(a) do Magistério Superior**, em 10/03/2026, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Talita de Cássia Marine, Professor(a) do Magistério Superior**, em 10/03/2026, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **7127888** e o código CRC **06726447**.

**Referência:** Processo nº 23117.015043/2026-25

SEI nº 7127888

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus amados pais, Domingos de Carvalho e Elisa de Carvalho, por seu apoio incondicional, mesmo à distância, e por serem minha eterna inspiração.

E aos meus irmãos: Hermengildo e sua esposa, Rui e sua esposa, Irene, Antoninho e sua esposa, Maria, Leandro e Adelaide, pelo suporte incansável e pela força que me transmitiram, mesmo de longe. Essa jornada não teria sido a mesma sem o apoio incondicional de vocês.

Muito obrigada por tudo!

Amo vocês!

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, força maior que guia nossas vidas, por transformar sonhos em realidade.

Em seguida, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado, especialmente:

À minha família, em especial, ao meu pai Domingos de Carvalho e à minha mãe Elisa de Carvalho, aos meus irmãos: Hermengildo e sua esposa, Rui e sua esposa, Irene, Antoninho e sua esposa, Maria, Leandro e Adelaide, e os meus sobrinhos. Obrigada por sempre torcerem pela minha vitória;

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Sueli de Magalhães, que desde o início desta trajetória me acolheu e conduziu com sensibilidade, responsabilidade e competência acadêmica. Sou profundamente grata pela paciência, pela disponibilidade constante e pelo tempo dedicado à minha formação, sempre me guiando pelos caminhos mais adequados para o desenvolvimento deste trabalho. Além de um excelente professor, registro minha admiração por seu compromisso humano, cujos ensinamentos levarei comigo ao longo de minha trajetória pessoal e profissional.

Às professoras Dra. Danielle Kelly Gomes e a professora Dra. Talita de Cássia Marine pelas valiosas contribuições para este trabalho, na ocasião da minha qualificação. Expresso meu especial agradecimento, mais uma vez, à professora Dra. Danielle Kelly Gomes por acompanhar o desenvolvimento deste estudo nos Seminários de Pesquisa em Linguística e Linguística Aplicada – SEPELLA, de 2024 e 2025.

Aos professores do PPGEL/UFU, em especial aos professores com quem tive aula, pela contribuição na minha formação durante o curso;

Às secretárias do PPGEL-UFU, Virgínia e Luana, pela assistência e pela atenção dedicadas aos discentes, em especial aos bolsistas. Sempre eficiente e solícita nos informou e orientou para que não perdêssemos nenhum prazo importante;

À Universidade Federal de Uberlândia (UFU), deixo meu sincero agradecimento por ter sido espaço de formação acadêmica, crescimento pessoal e construção de vínculos. Agradeço aos colegas

de curso e aos funcionários da instituição, que contribuíram direta ou indiretamente para minha permanência e desenvolvimento ao longo desse percurso.

Aos meus colegas professores: Teodora, Adrian, Domingos (*Dukai*) e Leopoldina Gouveia, por fornecerem os dados que constituem o *corpus* desta pesquisa. Sem as vossas contribuições, não seria possível avançar neste estudo.

Aos diretores da escola e meus 120 participantes que contribuíram com os dados desta pesquisa;

À professora Doutora Benvinda Lemos, minha eterna gratidão por toda a dedicação e apoio ao longo da minha jornada. Sem a sua ajuda, eu não teria alcançado este sonho;

Aos meus amigos e colegas, que torceram por mim durante todo o período do curso e me repassaram mensagens de incentivo para que eu conquistasse este título;

Ao governo do Brasil, por meio do Programa de Mobilidade do Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras (MOB-GCUB) e com o suporte financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001, processo n.º 23117.016748/2023-17, pelo apoio concedido para minha estadia no país;

Foi o apoio valioso e a presença de cada um de vocês que me ajudaram a ser quem sou hoje e a não desistir dos meus sonhos. Obrigada *BARAK*

## EPÍGRAFE

Provérbios 16:3

**Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos.**

Filipenses 4:13

**Tudo posso naquele que me fortalece**

## RESUMO

Este trabalho visa analisar a interferência linguística do tétum no português, especificamente no que diz respeito à concordância verbal por falantes que têm o tétum como língua materna de ensino básico 3º ciclo e ensino secundário em Timor-Leste. Para tanto, foram analisados textos produzidos por alunos timorenses em fase de aprendizagem do português em quatro escolas diferentes. A justificativa desta pesquisa fundamenta-se nas diferenças nas estruturas verbais entre o tétum e o português condiciona a interferência no português. A metodologia adotada para esta pesquisa foi a da Sociolinguística Variacionista, com base nos estudos de Labov (2008) e Weinreich, Labov e Herzog (1978). Nesse sentido, foi selecionada a variável dependente o fenômeno da interferência da concordância verbal, tendo como variantes: concordância padrão, concordância não padrão, ausência verbal e o uso do infinitivo. No que diz respeito às variáveis linguísticas, foram selecionadas o tipo de verbo (ação e estado), o tipo de sujeito (simples e composto), o tempo verbal, o tipo de conjugação verbal e a pessoa gramatical. Além disso, as variáveis extralinguísticas foram escolaridade (3.º do ensino básico e ensino secundário), sexo (masculino e feminino), tipo de escola (pública e privada), além de analisar o fator da língua materna. Para sustentar teoricamente esta pesquisa, utilizamos a teoria do Bilinguismo (Grosjean, 1982; Winreich 1970), Diglossia (Ferguson 1959; Fishman 1967), Interferência (Odlin, 2003; Weinreich, 1953; Cardoso 2005, 2007), bem como a teoria da Variação e da Mudança Linguística, (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 1968; LABOV, 1972). Para sustentar a descrição do tétum recorreremos a autores como Hull e Eccles (2005) Costa (2001, 2015). Analisaram-se 120 textos escritos por estudantes do 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário, totalizando 1527 dados identificados. Destes dados, observou-se 52,65% (804 ocorrências) de concordância padrão e 47,35% (723 ocorrências) de fenômenos de interferências, os quais incluem à concordância não-padrão (20,37%), à ausência do verbo (16,37%) e uso do infinitivo (10,61%). Esses resultados demonstram que a estrutura verbal do tétum influencia significativamente a aprendizagem do português por timorenses, visto que quase metade dos dados apresentaram interferências. Em relação às variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas para este estudo, observou-se que os fatores extralinguísticos que favoreceram o fenômeno da interferência foram o ensino básico (3.º ciclo) e a escola pública. Dessa forma, os resultados sobre o fator de escolaridade convergem dos resultados de outros estudos que controlaram a escolaridade em amostras do PB (SCHERRE; NARO, 1997; MONGUILHOTT, 2001; RODRIGUES, 1997; VIEIRA, 1994). Quanto às variáveis linguísticas, destacaram-se o verbo de estado, o sujeito composto, o tempo futuro e a 1ª e a 3ª pessoa do plural. Esses resultados nos fatores linguísticos confirmam exatamente o que Costa (2015) destacou, em tétum, os verbos são palavras invariáveis, *i.é*, não flexionadas. Todas as formas verbais são reduzidas ao infinitivo e servem para designar o presente, o pretérito e o futuro, bem como os modos e as diferentes pessoas e números. As marcas de pessoa, número, tempo e aspecto são expressas através de palavras que ocorrem na frase (advérbios, locuções adverbiais, locuções verbais, etc.). Dessa forma, concluiu-se que o sistema linguístico do tétum, especificamente sua estrutura verbal, favorece a interferência na aprendizagem do português.

**Palavras-chave:** Interferência, Concordância verbal; Ensino e Aprendizagem, Tétum; Timor-Leste

## ABSTRACT

This study aims to analyze the linguistic interference of Tetum in Portuguese, specifically with regard to verbal agreement produced by speakers whose mother tongue is Tetum at the Basic Education (3rd cycle) and Secondary Education levels in Timor-Leste. To this end, texts produced by Timorese students in the process of learning Portuguese from four different schools were analyzed. The justification for this research is based on the differences in verbal structures between Tetum and Portuguese condition interference in Portuguese. The methodology adopted was that of Variationist Sociolinguistics, based on the studies of Labov (2008) and Weinreich, Labov, and Herzog (1978). Accordingly, the dependent variable selected was the phenomenon of verbal agreement interference, with the following variants: standard agreement, non-standard agreement, absence of the verb, and use of the infinitive. Regarding linguistic variables, the following were selected: type of verb (action and state), type of subject (simple and compound), verb tense, type of verbal conjugation, and grammatical person. In addition, the extralinguistic variables considered were level of schooling (3rd cycle of basic education and secondary education), sex (male and female), type of school (public and private), as well as the factor of mother tongue. The theoretical framework of this research draws on theories of Bilingualism (Grosjean, 1982; Weinreich, 1970), Diglossia (Ferguson, 1959; Fishman, 1967), Interference (Odlin, 2003; Weinreich, 1953; Cardoso, 2005, 2007), as well as the theory of Linguistic Variation and Change (Labov, Weinreich, Herzog, 1968; Labov, 1972). For the description of Tetum, works by authors such as Hull and Eccles (2005) and Costa (2001, 2015) were consulted. A total of 120 written texts produced by students from the 3rd cycle of basic education and secondary education were analyzed, yielding 1,527 identified data points. Of these, 52.65% (804 occurrences) exhibited standard agreement, while 47.35% (723 occurrences) presented interference phenomena, including non-standard agreement (20.37%), absence of the verb (16.37%), and use of the infinitive (10.61%). These results demonstrate that the verbal structure of Tetum significantly influences the learning of Portuguese by Timorese learners, given that nearly half of the data showed interference. With respect to the extralinguistic and linguistic variables selected for this study, the extralinguistic factors that favored interference were basic education (3rd cycle) and public schools. Thus, the results regarding the schooling factor converge from those of other studies that controlled for schooling in samples of Brazilian Portuguese (Scherre & Naro, 1997; Monguilhott, 2001; Rodrigues, 1997; Vieira, 1994). As for linguistic variables, state verbs, compound subjects, future tense, and first person and third person plural stood out. These results concerning linguistic factors confirm precisely what Costa (2015) points out: in Tetum, verbs are invariable words, that is, they are not inflected. All verbal forms are reduced to the infinitive and are used to denote present, past, and future, as well as moods and different persons and numbers. Markers of person, number, tense, and aspect are expressed through words that occur in the sentence (adverbs, adverbial phrases, verbal periphrases, etc.). Thus, it is concluded that the linguistic system of Tetum, specifically its verbal structure, favors interference in the learning of Portuguese.

**Keywords:** Interference; verbal agreement; teaching and learning; Tetum; Timor-Leste.

## REZUMU

Traballu ida-ne'e hakarak analiza interferénsia linguístika tétun nian iha portugés, espesíficamente kona-ba konkordánsia verbu nian husi koalia nain sira ne'ebé nia lian materna maka tétum, iha ensinu báziku (3.º Siklu) no ensinu sekundáriu iha Timor-Leste. Ba ida-ne'e, analiza testu sira ne'ebé prodús hosi estudante timoroan sira iha prosesu aprendizajen portugés iha escola haat ne'ebé la hanesan. Razaun fundamental ba peskiza ida-ne'e bazeia ba diferença iha estrutura verbál entre tétun no portugés kondisiona interferénsia iha portugés. Metodolojia ne'ebé adota ba pesquiza ne'e maka Sociolinguístika Variasionista, bazeia ba estudu sira Labov (2008) no Weinreich, Labov no Herzog (2006). Iha sentidu ida-ne'e, variável dependente ne'ebé hili maka fenómenu interferénsia konkordánsia verbu nian ho variante sira hanesan tuirmai ne'e: konkordánsia padraun, konkordánsia la'os padraun, auzénsia verbu nian no uza infinitivu. Kona-ba variável linguístika sira, mak hanesan tuirmai ne'e: tipu verbu (asaun no estadu), tipu sujeitu (simples no kompostu), tempu verbu nian, tipu konjugasaun verbu nian no pesoa gramatikal. Aleinde ne'e, variável estralinguístika sira mak hanesan nível eskolaridade (3.º ensinu báziku no ensinu sekundáriu), seksu (mane no feto), tipu eskola (públika bo privada) no análice mos fator lian materna nian. Atu suporta teorikamente peskiza ida-ne'e, ami uza teoria Bilinguizmu (Grosjean, 1982, weinreich, 1970) Diglossia (Ferguson, 1959; Fishman, 1967), Interferénsia (Odlin, 2003; Weinreich, 1953; Cardoso 2005, 2007), no mós teoria kona-ba Variasaun no Mudansa Linguístika (Labov, Winreich, Herzog, 1968; Labov, 1972). Atu sustenta deskrisaun Tétun nian, ami utiliza autor sira hanesan Hull no Eclless (2005) no Costa (2001, 2005). Analiza ona testu atus ida ruanulu ne'ebé hakerek hosi estudante sira iha siklu 3.º ensinu báziku no ensinu sekundáriu nian no identifika dadus hamutuk 1527. Husi dadus sira-ne'e, 52,65% (804 kazu) hatudu konkordánsia padraun no 47,35% (723 kazu) hatudu fenómenu interferénsia, ne'ebé inklui konkordánsia la'os padrão (20,37%), auzénsia verbu nian (16,37%) no uza infinitivu (10,61). Rezultadu sira-ne'e hatudu katak estrutura verbál Tétun nian fó influénsia maka'as ba aprendizajen Portugés hosi timoroan sira, haree katak kuaze metade husi dadus hatudu fenómenu interferénsia. Kona-ba variável linguístika no estralinguístika sira ne'ebé hili ba estudu ida-ne'e, observa katak fator estralinguístika sira ne'ebé favorese fenómenu interferénsia maka ensinu báziku (siklu 3) no eskola públika. Nune'e, rezultadu sira kona-ba fator eskolaridade nian konverje hosi rezultadu sira seluk husi Portugés Brazileiru ((SCHERRE; NARO, 1997; MONGUILHOTT, 2001; RODRIGUES, 1997; VIEIRA, 1994). Kona-ba variável linguístika sira ne'ebé favorese interferénsia maka: verbu estativu, sujeitu kompostu, tempu futuro no 1.<sup>a</sup> no 3.<sup>a</sup> pesoa plurál. Rezultadu sira kona-ba fator linguístiku nian konfirma loloos saída mak Costa (2015) destaca: iha tétum, verbu hanesan liafuan invariável. Forma verbu hotu-hotu redús ba infinitivu no serve atu dezigna tempu prezente, pasadu, no futuro, no mós modu no pesoa no número oioin. Markadór sira kona-ba ema, número, tempu, no aspetu espresa liuhosi liafuan sira ne'ebé mosu iha fraze (advérbiu, fraze adverbial, fraze verbál, nst). Nune'e, konklui katak sistema linguístiku Tetum nian, espesíficamente ninia estrutura verbál, favorese interferénsia iha aprendizajen lian Portugés.

**Liafuan Xave:** Interferénsia; konkordánsia verbál; Ensину no aprendizajen; Tétum; Timor-Leste

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Mapa político de Timor-Leste.....	27
<b>Figura 2</b> – Mapa de Timor-Leste e a distribuição das línguas nativas.....	34
<b>Figura 3</b> – Texto do informante.....	72
<b>Figura 4</b> – Texto do informante.....	73
<b>Figura 5</b> – Texto do informante digitalizado.....	75
<b>Figura 6</b> – Texto do informante digitalizado.....	75

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> – Representação do tempo em tétum .....	63
<b>Quadro 02</b> – Conjugação verbal no tétum vs. no português .....	65
<b>Quadro 03</b> – Distribuição dos informantes segundo fatores extralinguísticos .....	77

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01</b> – Variantes concordância padrão VS outras .....	83
<b>Tabela 02</b> – Distribuição das ocorrências não padrão.....	84
<b>Tabela 03</b> - Fatores extralinguísticos .....	84
<b>Tabela 04</b> – Fatores linguísticos .....	86
<b>Tabela 05</b> - Frequência de CP segundo variável escolaridade .....	90
<b>Tabela 06</b> – Frequência de CP segundo variável sexo.....	91
<b>Tabela 07</b> – Frequência de CP segundo variável tipo de escola.....	92
<b>Tabela 08</b> – Frequência de CNP segundo variável escolaridade.....	94
<b>Tabela 09</b> – Frequência de CNP segundo variável sexo .....	95
<b>Tabela 10</b> – Frequência de CNP segundo variável tipo de escola.....	96
<b>Tabela 11</b> – Frequência de ausência verbal segundo variável escolaridade.....	97
<b>Tabela 12</b> – Frequência de ausência verbal segundo variável sexo.....	98
<b>Tabela 13</b> – Frequência de ausência verbal segundo variável tipo de escola.....	99
<b>Tabela 14</b> – Frequência de uso do infinitivo segundo variável escolaridade .....	100
<b>Tabela 15</b> – Frequência de uso do infinitivo segundo variável sexo .....	101
<b>Tabela 16</b> – Frequência de uso do infinitivo segundo variável tipo de escola .....	102

<b>Tabela 17</b> – Frequência de CP segundo variável tipo de verbo.....	104
<b>Tabela 18</b> – Frequência de CP segundo variável tipo de sujeito .....	105
<b>Tabela 19</b> – Frequência de CP segundo variável tipo de conjugação verbal .....	107
<b>Tabela 20</b> – Frequência de CP segundo variável tempo verbal.....	108
<b>Tabela 21</b> – Frequência de CP segundo variável pessoa do discurso .....	110
<b>Tabela 22</b> – Frequência de CNP segundo variável tipo de verbo.....	111
<b>Tabela 23</b> – Frequência de CNP segundo variável tipo de sujeito .....	113
<b>Tabela 24</b> – Frequência de CNP segundo variável tipo de conjugação .....	114
<b>Tabela 25</b> – Frequência de CNP segundo variável tempo verbal .....	115
<b>Tabela 26</b> – Frequência de CNP segundo variável pessoa do discurso .....	116
<b>Tabela 27</b> – Frequência de ausência verbal segundo variável tipo de verbo .....	117
<b>Tabela 28</b> – Frequência de ausência verbal segundo variável tipo de sujeito .....	118
<b>Tabela 29</b> – Frequência de ausência segundo variável tipo de conjugação .....	119
<b>Tabela 30</b> – Frequência de ausência verbal segundo variável tempo verbal.....	120
<b>Tabela 31</b> – Frequência de ausência verbal segundo variável pessoa do discurso .....	121
<b>Tabela 32</b> – Frequência de uso do infinitivo segundo variável tipo de verbo .....	122
<b>Tabela 33</b> – Frequência de uso do infinitivo segundo variável tipo de sujeito .....	123
<b>Tabela 34</b> – Frequência de uso do infinitivo segundo variável tipo de conjugação .....	124
<b>Tabela 35</b> – Frequência de uso do infinitivo segundo variável pessoa do discurso .....	125
<b>Tabela 36</b> – Distribuição geral da frequência da variável língua materna .....	126

### **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 01</b> – Resultado de concordância padrão segundo variável escolaridade .....	90
<b>Gráfico 02</b> – Resultado de concordância padrão segundo variável sexo .....	91
<b>Gráfico 03</b> – Resultado de concordância padrão segundo variável tipo de escola .....	92
<b>Gráfico 04</b> – Resultado de CNP segundo variável escolaridade .....	94
<b>Gráfico 05</b> – Resultado de CNP segundo variável sexo .....	95
<b>Gráfico 06</b> – Resultado de CNP segundo variável tipo de escola .....	96
<b>Gráfico 07</b> – Resultado de ausência verbal segundo variável escolaridade .....	98
<b>Gráfico 08</b> – Resultado de ausência verbal segundo variável sexo .....	99

<b>Gráfico 09</b> – Resultado de ausência verbal segundo variável tipo de escola .....	99
<b>Gráfico 10</b> – Resultado de uso do infinitivo segundo variável escolaridade .....	101
<b>Gráfico 11</b> – Resultado de uso do infinitivo segundo variável sexo.....	101
<b>Gráfico 12</b> – Resultado de uso do infinitivo segundo variável tipo de escola .....	102
<b>Gráfico 13</b> – Resultado de CP segundo variável tipo de verbo .....	104
<b>Gráfico 14</b> – Resultado de CP segundo variável tipo de sujeito.....	106
<b>Gráfico 15</b> – Resultado de CP segundo variável tipo de conjugação verbal.....	107
<b>Gráfico 16</b> – Resultado de CP segundo variável tempo verbal .....	109
<b>Gráfico 17</b> – Resultado de CP segundo variável pessoa do discurso .....	110
<b>Gráfico 18</b> – Resultado de CNP segundo variável tipo de verbo .....	112
<b>Gráfico 19</b> – Resultado de CNP segundo variável tipo de sujeito.....	113
<b>Gráfico 20</b> – Resultado de CNP segundo variável tipo de conjugação verbal.....	114
<b>Gráfico 21</b> – Resultado de CNP segundo variável tempo verbal .....	115
<b>Gráfico 22</b> – Resultado de CNP segundo variável pessoa do discurso.....	116
<b>Gráfico 23</b> – Resultado de ausência verbal segundo variável tipo de verbo .....	117
<b>Gráfico 24</b> – Resultado de ausência verbal segundo variável tipo de sujeito .....	118
<b>Gráfico 25</b> – Resultado de ausência verbal segundo variável tipo de conjugação .....	119
<b>Gráfico 26</b> – Resultado de ausência verbal segundo variável tempo verbal .....	120
<b>Gráfico 27</b> – Resultado de ausência verbal segundo variável pessoa do discurso .....	121
<b>Gráfico 28</b> – Resultado de uso do infinitivo segundo variável tipo de verbo .....	122
<b>Gráfico 29</b> – Resultado de uso do infinitivo segundo variável tipo de sujeito.....	123
<b>Gráfico 30</b> – Resultado de uso do infinitivo segundo variável tipo de conjugação.....	124
<b>Gráfico 31</b> – Resultado de uso do infinitivo segundo variável pessoa do discurso.....	125

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CV	: Concordância Verbal
CP	: Concordância Padrão
CNP	: Concordância não padrão
CRDTL	: Constituição da República Democrática de Timor-Leste
GN	: Gramática Normativa
H	: (High) Variedade Alta
INL	: Instituto Nacional de Linguística
L	: (Low) variedade baixa
LBE	: Lei Base de Educação
LE	: Língua Estrangeira
LM	: Língua Materna
LN	: Língua Nacional
LP	: Língua Portuguesa
L1	: Língua Materna
L2	: Língua-alvo
ONU	: Organização das Nações Unidas
PB	: Português Brasileiro
PP	: Pessoa Plural
PS	: Pessoa Singular
PLNM	: Português Língua Não Materna
PTL	: Português de Timor-Leste
RDTL	: República Democrática de Timor-Leste
SN	: Sintagma Nominal
SVO	: Sujeito-Verbo-Objeto
UNPAZ	: Universidade da Paz
VSO	: Verbo-Sujeito-Objeto

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
1.1 O fenômeno em estudo.....	20
<b>2 TIMOR-LESTE: ASPETOS HISTÓRICOS, ENSINO E O PAPEL DA LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>	<b>25</b>
2.1. A língua portuguesa em Timor-Leste: papel, ensino e desafios .....	27
2.2. Breve histórico da língua tétum .....	32
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>36</b>
3.1. Bilinguismo.....	36
3.2. Diglossia .....	40
3.3. Interferência.....	44
3.5. Variação e Mudança Linguística.....	47
3.6. Variação e Ensino .....	51
3.7. Concordância verbal e variação .....	54
<b>4 A VARIEDADE DO PORTUGUÊS DE TIMOR-LESTE .....</b>	<b>59</b>
4.1. Verbo e a estrutura verbal do tétum .....	61
4.2 Marcadores verbais do tétum.....	66
<b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>68</b>
5.1. A Comunidade de fala investigada .....	68
5.2. Perfil de escola privada e pública em Timor-Leste.....	70
5.3. <i>Corpus</i> e Coleta de Dados .....	71
5.4. Transcrição e tratamento dos dados .....	73
5.5. VARIÁVEIS ANALISADAS .....	75

5.5.1. Variável dependente .....	75
5.5.2. Variáveis independentes extralinguísticas .....	75
5.5.3. Variáveis independentes linguísticas.....	78
<b>6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>82</b>
6.1. ANÁLISE DAS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS.....	88
6.1.1. CONCORDÂNCIA PADRÃO .....	88
6.1.2. CONCORDÂNCIA NÃO-PADRÃO .....	92
6.1.3. AUSÊNCIA VERBAL .....	96
6.1.4. USO DO INFINITIVO.....	99
6.2. ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS .....	102
6.2.1. CONCORDÂNCIA PADRÃO .....	102
6.2.2. CONCORDÂNCIA NÃO-PADRÃO .....	110
6.2.3. AUSÊNCIA VERBAL .....	116
6.2.4. USO DO INFINITIVO.....	121
6.3. VARIÁVEL LÍNGUA MATERNA VS. OUTRAS LÍNGUAS MATERNAS .....	125
<b>7 CONCLUSÃO.....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>138</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Instituto Camões informou, no dia 5 de maio de 2022, Dia Mundial da Língua Portuguesa, que 260 milhões de pessoas (3,7% da população mundial) falam o idioma, sendo a quarta língua materna mais falada no mundo, depois do mandarim, inglês e espanhol. Desde que Timor-Leste alcançou a sua independência em 2002, os representantes do povo na primeira legislatura determinaram o português e o tétum como línguas oficiais do país consagrada no artigo 13.º da Constituição da República Democrática de Timor-Leste (CRDTL) e na Lei de Base de Educação (LBE) de Timor-Leste (n.º 14/2008) em seu artigo 8º aponta: “as línguas do sistema de ensino timorense são o tétum e o português”.

Embora o português seja uma língua oficial do país ao lado do tétum, ele não é falado majoritariamente pelos timorenses, já que uma parcela significativa da população fala tétum e outras línguas<sup>1</sup>. O tétum, além de Língua Nacional (LN), também é Língua Materna (LM) da maioria dos timorenses. O português, em contrapartida, assume o estatuto de Língua Segunda (L2) para alguns indivíduos e de Língua Estrangeira (LE) para outros. Em Timor-Leste, há uma complexa situação de multilinguismo, em que as diversas línguas maternas convivem com uma língua franca de comunicação interétnica, a língua tétum, juntamente com o indonésio do período de dominação (1975-1999) e com a língua portuguesa, língua oficial, e a língua inglesa, língua de comunicação internacional (Albuquerque, 2012). Diante desse quadro de multilinguismo, é possível apontar algumas influências das línguas nativas maternas (L1) e da língua tétum (que pode ser L1, em alguns casos, ou L2, a depender do falante leste-timorense) sobre o processo de aprendizagem e aquisição da língua portuguesa em Timor-Leste. Para o universo de análise deste fenômeno morfossintático, delimita-se como *corpus* de análise a modalidade escrita da língua, levando em conta as produções textuais de estudantes do 3.º ciclo do ensino básico<sup>2</sup> e do ensino secundário<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Ministério da Educação de Timor-Leste (2008) destaca que a questão das Línguas Oficiais em Timor-Leste é delicada. O Tétum é uma língua em construção-sobretudo como língua escrita e corretamente falada como língua oral enquanto que o português é uma língua em reconstrução. Ambas têm respaldo da lei como línguas oficiais e línguas de instrução, mas que são fracas na prática: o Tétum quanto ao seu uso é carreto (sic) e o português de fato é pouquíssimo falado nas universidades, nos ministérios e nas escolas em geral, pelo que ainda não temos nem sequer 15% da população que fala/entende português. Quantos anos ainda vão levar para chegarmos a ter uma percentagem expressiva de 40% -50%.

<sup>2</sup> Monteiro (2017) declara que a estrutura do Ensino Básico está organizada em um período de nove anos, divididos em três ciclos de ensino: o 1.º ciclo (do 1.º ao 4.º ano), o 2.º ciclo (5.º e 6.º ano) e o 3.º ciclo (do 7.º ao 9.º ano).

Consequentemente, o português de Timor-Leste apresenta uma significativa heterogeneidade na oralidade quanto na escrita. Como se sabe, a variação linguística exerce um papel significativo na comunicação oral entre diferentes comunidades linguísticas, sendo provocada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

A concordância verbal, fenômeno inerente a todas as línguas naturais, apresenta variações significativas, o que também ocorre no português falado em Timor-Leste. Nesse contexto, a concordância verbal apresenta intensa variação que abrange variantes relativas à flexão e à não flexão de número e pessoa verbais. Essa variação pode estar relacionada à língua materna dos falantes, refletindo possíveis transferências interlinguísticas (intersistêmicas). Este assunto remete a um debate fundamental na sociolinguística, como levantado por Labov (2008, p. 241), ao questionar sobre “como os sistemas se inter-relacionam em situações bilíngues e polissistêmicas”. Essa discussão é fundamental nesta pesquisa, pois o tétum e o português têm estruturas distintas.

Segundo Costa (2015, p. 67),

Em tétum, os verbos são palavras invariáveis, isto é, não flexionadas. Todas as formas verbais são reduzidas ao infinitivo e servem para designar o presente, o pretérito e o futuro, bem como os modos e as diferentes pessoas e números. As marcas de pessoa, número, tempo e aspecto são expressas através de palavras que ocorrem na frase (advérbios, locuções adverbiais, locuções verbais, etc.).

Habitantes de um país multilíngue, os aprendizes timorenses frequentemente dominam mais de um idioma. Em sala de aula, por exemplo, um aluno pode falar diversas línguas, sendo o tétum o idioma que é comum a todos os timorenses. Consequentemente, reconhecendo que o bilinguismo pode gerar fenômenos de interferência entre as duas línguas em contato, assim, a coexistência do tétum com o português cria um cenário complexo em que a transferência de estruturas linguísticas se revela um processo natural.

No processo do ensino aprendizagem, os estudantes que têm o português como Língua Não Materna (LNM), ou seja, como língua estrangeira apresentam muitas dificuldades com a

---

Nesta pesquisa, trabalhamos com textos produzidos por alunos do ensino básico 3.º ciclo. E o ensino básico em Timor-Leste corresponde, em linhas gerais, ao ensino fundamental I e II, conforme o sistema de ensino brasileiro.

<sup>3</sup> Em Timor-Leste, o Ensino Secundário é composto por três anos (10º, 11º e 12º anos) e oferece duas vias principais: o Ensino Secundário Geral (ESG) e o Ensino Secundário Técnico-Vocacional. Este nível de ensino corresponde ao Ensino Médio no sistema educacional brasileiro.

concordância verbal, uma vez que a estrutura dos verbos em português é bastante diferente da estrutura do tétum. Ocorre, então, uma transferência da estrutura do tétum para o português pelos aprendizes timorenses, embora sejam línguas Sujeito-Verbo-Objeto (SVO).

Além disso, a maioria das línguas nativas de Timor-Leste apresenta característica da ausência de flexão morfológica, e o tétum compartilha essa característica. Portanto, os alunos no processo de aprendizagem do português padrão tendem a transferir a estrutura morfossintática do tétum para a estrutura do português. Em relação ao fenômeno em questão, a investigação de Labov (2008) postula que as variações linguísticas que se encontram no domínio da produção oral e escrita são induzidas por vários processos como “...dissimilação, analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória...” (LABOV, 2008, p. 19). Isso significa que tais variações podem ocorrer a partir da interação do sistema linguístico com as características psicológicas do indivíduo.

Portanto, a interferência linguística da estrutura verbal do tétum no português na produção escrita ocorre primordialmente por um processo de contaminação e secundariamente, mediada por analogia. Esses mecanismos são modulados pela interação dinâmica entre o sistema linguístico internalizado, as características psicolinguísticas<sup>4</sup> individuais e a experiência bilíngue ou multilíngue dos alunos.

Importa destacar que, segundo Bastos (1996), a contaminação é vista como transferência de traços formais de uma língua para outra, o que resulta em desvios em relação à norma da língua-alvo. Conforme Weinreich (1953), a contaminação evoca formas ou estruturas de uma língua que se alteram sob influência de outra língua em contato.

Essa interferência linguística pode ser vista especialmente na morfossintaxe, incorrendo sobre a concordância verbal e outros aspectos gramaticais. Em relação a esse fenômeno, nossa investigação buscará analisar sentenças como as seguintes:

(1) O meu pai agricultor e a minha mãe dona da casa.

O meu pai *é* agricultor e a minha mãe *é* dona da casa.

(2) Eu preparar o meu material da escola.

---

<sup>4</sup> O estudo das conexões entre a linguagem e a mente. A psicolinguística começou a destacar-se como uma disciplina autônoma nos anos 1950. Em alguma medida, seu aparecimento foi promovido pela insistência com que o linguista Noam Chomsky defendeu, naquela época, que a linguística precisa ser considerada como parte da psicologia cognitiva, mas há também outros fatores, notadamente o interesse crescente pela questão da aquisição da linguagem pelas crianças (Trask, 2004)

Eu *preparo* o meu material da escola.

(3) Eu e a minha família vai a Ermera.

Eu e a minha família vamos à Ermera.

Analisaremos, assim, casos de aplicação de concordância padrão e não padrão, e o emprego do infinitivo e ausência de verbos presentes na produção textual de alunos de escolas públicas e privadas do ensino básico (3.º ciclo) e do ensino secundário de Timor-Leste, com o objetivo de verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem essa interferência. Conforme Monte (2014), os fenômenos de variação linguística são condicionados não só por fatores internos à estrutura linguística, mas também por fatores extralinguísticos, de natureza social, ligados ao próprio falante e à situação em que a comunicação se processa.

Estamos certos de que a concordância verbal é um fenômeno linguístico variável, entretanto, não pode ser analisado somente em termos de suas relações internas na gramática, mas, sim, como parte de um amplo contexto sociocultural.

## 1.1 O fenômeno em estudo

Nesta seção, apresentaremos a justificativa da presente pesquisa. Elencamos também os objetivos gerais e específicos de nossa investigação e as hipóteses a serem testadas em nosso trabalho.

O presente estudo surge da necessidade de investigar a interferência da concordância verbal na produção textual de alunos timorenses falantes de tétum, uma vez que, até então, não há notícia de trabalho que aborde especificamente tal questão. O estudo se justifica também pelo fato de o tétum e o português coexistirem como línguas estatais. No entanto, o português é predominantemente classificado como Língua Segunda/Língua Estrangeira (L2/LE). Uma das principais causas do fenômeno estudado reside nas diferenças significativas na estrutura verbal entre os dois idiomas.

O estudo se baseia na metodologia da Sociolinguística Variacionista (LABOV [1972] 2008)<sup>5</sup>, área da pesquisa que lida com os estudos da variação e da mudança linguística no

---

<sup>5</sup> A obra original de Labov data de 1972. Neste trabalho, utilizaremos a tradução para o português de Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco publicada em 2008.

contexto social da comunidade de fala. Adotaremos essa abordagem metodológica para lidar com dados escritos e para o controle dos fatores condicionantes do fenômeno de interferência em análise.

A nossa pesquisa se justifica também pelo fato de a concordância verbal ser um obstáculo no processo de aprendizagem do português por falantes de tétum, como demonstram os textos que utilizamos como *corpus* desta pesquisa. Os informantes são estudantes de diferentes níveis de escolaridade, alunos do 3.º ciclo da educação básica e do ensino secundário, provenientes de escolas públicas e privadas de Timor-Leste. As interferências linguísticas dos alunos, tanto no domínio oral quanto na modalidade escrita, são constantemente compreendidas como erros pelos professores. Portanto, este estudo visa reconhecê-las não como desvios ou erros, mas como ocorrências naturais no processo do ensino-aprendizagem e uso da língua em situações de coexistência entre línguas distintas. Ademais, o presente estudo busca compreender como e por que a interferência da estrutura verbal do tétum interfere em português.

Ao investigar as particularidades do português de Timor-Leste, esta pesquisa poderá oferecer uma perspectiva importante para o melhoramento do desempenho dos alunos no processo de aprendizagem da língua portuguesa, proporcionando uma abordagem pedagógica que considere a diversidade linguística presente no território. Ademais, esta pesquisa pode auxiliar os professores em Timor-Leste a apoiar de maneira mais eficaz o processo de ensino aprendizagem, tornando-o mais sólidos e preciso da língua portuguesa, considerando a realidade do bilinguismo tétum-português.

Acreditamos que o tema de estudo é muito relevante para a descrição do PTL em termos sociolinguísticos, especificamente para a interpretação da variedade escrita dos aprendizes das escolas públicas e privadas investigadas. Além disso, este estudo poderá contribuir para o ensino e a aprendizagem de forma diversificada, considerando também a diversidade linguística do país.

Conforme mencionado anteriormente, embora o tétum e o português coexistam como línguas de instrução em Timor-Leste, observa-se uma interferência significativa da estrutura do tétum no português por falantes de tétum. Desta forma, o presente trabalho traz como principal objetivo investigar a interferência linguística do tétum no português, especificamente a

concordância verbal em textos escritos por alunos timorenses em fase de aprendizagem do português e que têm o tétum como língua materna. Além disso, pretende-se:

- Descrever as semelhanças e diferenças entre o processo de concordância verbal no português e no tétum;
- Descrever como se ocorre a flexão verbal no tétum relacionado ao português;
- Verificar os níveis de interferência a partir do grau de escolaridade;
- Analisar as possíveis diferenças nas interferências da concordância verbal do tétum no português em relação ao sexo dos aprendizes;
- Verificar se há diferenças na realização da concordância verbal entre alunos de escolas públicas e privadas de Timor-Leste;
- Investigar que tipos de verbos provocam ou sofrem mais interferências;
- Identificar que tipos de sujeitos favorecem mais as interferências;
- Identificar que tempos verbais influenciam mais as interferências;
- Verificar que tipos de conjugação verbal condicionam mais as interferências;
- Verificar que pessoa do discurso favorece mais a concordância padrão.

Tendo em vista esses objetivos, formulamos as seguintes hipóteses:

- Aprendizes com níveis de escolaridade mais avançados apresentam menor grau de interferência na concordância verbal;
- O sexo feminino favorece a maior aplicação da concordância padrão;
- A frequência de concordância padrão é mais elevada entre aprendizes de escola privada do que da escola pública;
- A ausência do verbo ocorre mais nas produções textuais do ensino básico 3.º ciclo;
- Os verbos de ação favorecem mais a aplicação da concordância padrão do que outros tipos de verbos;
- A ausência verbal ocorre mais nos verbos de estado;
- O sujeito simples condiciona mais a aplicação da concordância verbal padrão;
- O verbo de 1.ª conjugação favorece mais a aplicação da concordância padrão do que os de 2.ª e 3.ª conjugação;

- A concordância padrão ocorre com maior frequência no tempo presente em comparação com outros tempos verbais;
- A 3.<sup>a</sup> pessoa do singular apresenta mais a concordância padrão do que outras pessoas gramaticais;
- Os informantes cuja língua materna é o tétum apresentam maior ocorrência de concordância padrão.

Destaca-se que o objeto da presente pesquisa se restringe à concordância verbal, realizada ou não nos textos escritos de alunos de diferentes níveis de escolaridade. Isso porque, no fenômeno da concordância verbal no tétum, conforme destaca Costa (2015), em tétum não há concordância do verbo com o sujeito (simples, composto); o verbo permanece em sua forma invariável. Considerando esse pressuposto, a interferência da concordância verbal no português é favorecida linguisticamente por este fenômeno.

Este trabalho está dividido em sete capítulos, conforme descrito a seguir:

O capítulo 1 dedica-se à introdução, na qual expusemos o tema desta dissertação, o fenômeno investigado e o processo morfossintático do tétum, especificando a delimitação do estudo, seus objetivos gerais e específicos e as hipóteses levantadas.

O capítulo 2 traz a apresentação sobre os aspectos históricos, ensino e papel da língua portuguesa em Timor-Leste e tratamos a breve história do tétum.

No capítulo 3, apresentamos a base teórica sobre a qual se constrói este trabalho. Passamos, primeiramente, sobre os conceitos de bilinguismo, diglossia, interferência, seguidos pelos processos de formação de línguas crioulas. Abordamos também os princípios da sociolinguística para compreensão da Teoria da Variação e Mudança Linguística, incluindo a relação entre variação e ensino, por fim, o nosso fenômeno estudado, a concordância verbal.

O capítulo 4 dedica-se à apresentação de variedades do português falado em Timor-Leste e da estrutura gramatical do tétum conforme Hull e Eccles (2005) e Costa (2001, 2015). Tais descrições sustentam a análise do fenômeno da interferência linguística proposto neste estudo.

No capítulo 5, trazemos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Explicitamos a metodologia laboviana, detalhamos os procedimentos para a coleta de dados, a população investigada e as nossas variáveis.

O capítulo 6 é dedicado à análise dos dados coletados, no qual detalhamos os resultados obtidos sobre as variáveis linguísticas e extralinguísticas delimitadas.

Finalmente, o capítulo 7 apresenta a conclusão deste estudo, com a caracterização de interferência do tétum no português, refutando ou confirmando as hipóteses levantadas.

## **2 TIMOR-LESTE: ASPETOS HISTÓRICOS, ENSINO E O PAPEL DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Neste capítulo, apresentamos breves informações sobre a história da língua portuguesa em Timor-Leste, o seu ensino, os desafios enfrentados e o seu papel no país.

Como um país plurilíngue, cada região possui o seu próprio língua materna. Conforme o linguista Geoffrey Hull (2001), há dezesseis línguas que se ramificam em vários outros línguas da mesma espécie, dependendo da região. São elas: baiqueno, búnaque, fataluco, galóli, idaté, lacalei, macalero, macassai, mambai, midíque, nauéti, quémaque, rahêssuc, tocodede, tétum e uaimoa. Além das línguas nativas, também existem línguas estrangeiras que desempenham um papel no país, como o inglês e o *bahasa indonésia*<sup>6</sup>, consagradas como línguas de trabalho no artigo 159.º da Constituição da RDTL. Olhando para a história, verificamos que o português desempenhou um papel muito pertinente na revolução sociocultural dos timorenses, uma vez que essa língua foi a primeira a conduzir os timorenses ao conhecimento das ciências educativas por meio dos missionários portugueses na época da colonização.

Para compreender a dimensão histórica de Timor-Leste e seus desafios nos âmbitos sócio-histórico, cultural, educacional e político, é fundamental apresentar alguns fatores relevantes. Geograficamente, Timor-Leste é um país mais jovem, localizado na parte oriental da ilha de Timor, no Sudeste Asiático. Antes de se tornar um país democrático, Timor-Leste passou por três momentos históricos importantes, a saber: o período colonial português, que durou mais de quatrocentos e cinquenta (450) anos; o período da invasão indonésia, de 1975 a 1999; e o período atual, ou seja, o período de desenvolvimento.

Os portugueses tiveram seus primeiros contatos com os habitantes da ilha de Timor em 1515, quando a armada enviada por Afonso de Albuquerque alcançou o local (Figueiredo, 2004, p.113). Portanto, a ilha foi colonizada por Portugal por cerca de 450 anos (de 1515 a 1975), no início do século XVI. As razões importantes para que eles pusessem os pés na ilha eram a comercialização e a evangelização. A partir do século XVIII, iniciou-se o processo de fixação permanente, e a ilha começou a ser conhecida como Timor-Português. Nesse contexto de crescente influência, “a língua portuguesa se espalhou em Timor por três vias: a Igreja, a

---

<sup>6</sup> Nome oficial da língua indonésia

administração e o militarismo” (Baxter, 1996, p. 312). Consequentemente, a política linguística portuguesa na colônia consistia em ensinar a língua portuguesa somente aos cidadãos nativos que tinham poder, como os régulos, os chefes e as famílias de classe alta. Assim, em 1898, a Companhia de Jesus<sup>7</sup> fundou o Colégio Católico de Soibada<sup>8</sup> com o propósito de formar professores-catequistas e funcionários para a administração colonial, o colégio era, ao mesmo tempo, responsável pela tarefa de alfabetizar e catequizar as populações rurais. Dessa forma, o papel da educação na colônia era responsabilidade dos padres católicos, principalmente dos frades dominicanos.

A Revolução dos Cravos, ocorrida em Portugal em 1974, abriu caminho à descolonização que atingiu diversas partes do império português, como em alguns países da África e na ilha de Timor-Leste. Além da colonização portuguesa, a ilha foi invadida pelo Japão entre 1942 e 1945<sup>9</sup>, durante a Segunda Guerra Mundial. Após os colonizadores deixarem a ilha, em 28 de novembro de 1975, Timor-Leste proclamou unilateralmente a sua independência. Após alguns dias da proclamação, o território foi invadido e ocupado ilegalmente pelas forças indonésias, que o anexaram como sua 27ª província. A dominação durou vinte e quatro anos (1975-1999) e, durante esse período, a língua portuguesa foi proibida; contudo, ela continuou a ser usada como língua de resistência. Durante essa luta, foram incluídas três importantes frentes: a armada, a diplomática e a clandestina. A consulta popular de 30 de agosto de 1999, momento decisivo de um processo de autodeterminação, demonstrou que 78,5% da população timorense votou pela independência. Este resultado, inequivocamente favorável à restauração da independência, foi fundamental para que Timor-Leste fosse oficialmente reconhecido como nação soberana. E em 20 de maio de 2002, o país tornou-se independente, marcando o nascimento da República Democrática de Timor-Leste (RDTL).

---

<sup>7</sup> Jesuítas

<sup>8</sup> Colégio de Soibada: foi fundado por missionários portugueses em 1898, com o objetivo de disseminar a língua portuguesa na região.

<sup>9</sup> Em fevereiro de 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, o Japão invadiu Timor, que estava dividido entre a colônia portuguesa de Timor-Leste e a colônia holandesa de Timor Ocidental. Esse período foi marcado por conflitos intensos e muito sofrimento para a população local. A ocupação japonesa trouxe execuções, trabalho forçado, fome e doenças. A infraestrutura foi destruída e muitas pessoas foram forçadas a deixar suas casas. A ocupação japonesa terminou em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial. As tropas aliadas retomaram o controle de Timor, que voltou ao domínio colonial português e holandês (Ramires, 2006; Paulino, 2012).



variedade conhecida como tétum-praça). A Lei de Base da Educação (LBE) de Timor-Leste (Lei n.º 14/2008, de 29 de outubro) em seu Artigo 8.º diz: “as línguas do sistema de ensino timorense são o tétum e o português.” Dessa forma, a língua portuguesa desempenha um papel fundamental em Timor-Leste, não apenas por sua importância histórica na luta pela independência, mas também por sua relevância contemporânea na administração pública, educação, comunicação e cooperação internacional.

No contexto da construção do Estado, a língua portuguesa não se limita ao sistema educativo, mas também é utilizada nos âmbitos judicial, político e administrativo, bem como nos meios de comunicação. Ademais, simboliza a soberania nacional e a conexão de Timor-leste com o mundo lusófono. Além disso, o português constitui um idioma que abre caminho ao acesso à ciência e tecnologia, bem como ao desenvolvimento do conhecimento científico, social e cultural. Ao longo da história, essa língua foi utilizada como instrumento de poder e dominação, mas também se transformou como veículo de resistência e união entre os timorenses.

De fato, a escolha do português como língua oficial foi motivada principalmente pela sua relevância histórica para o país, como realça Taur Matan Ruak:

Queremos, enfim, afirmar que nunca perdemos a vontade de manter a língua portuguesa, tanto oral como ortograficamente, apesar das várias dificuldades e limitações impostas na redução física dos falantes da língua portuguesa. Sempre com espírito de que a mesma será nossa língua oficial, logramos conseguir aquilo que para muitos foi um sonho. (RUAK, 2001, p.42)

O atual Presidente de Timor-Leste, José Ramos Horta afirma também que:

(...) sem o português e uma forte ligação com Portugal e outros países lusófonos, o Timor-Leste seria “invadida” pela cultura anglófona e seria relegada para o lugar não muito honroso de um pequeno jardim australiano ou manter-se-ia a predominância da língua indonésia e seria eternamente uma colônia cultural javanesa. (HORTA, 1994, p.318)

A partir das perspectivas apresentadas por tais autores, revela-se a centralidade da língua portuguesa na trajetória histórica de Timor-Leste, não apenas como um instrumento linguístico, mas como símbolo de identidade, de resistência nacional e de afirmação cultural. Sua importância na construção da nação timorense mostra-se inegável, e sua preservação é vista como um elemento fundamental para a manutenção da identidade e patrimônio cultural do país.

Ao abordar o ensino da Língua Portuguesa em Timor-Leste, é necessário analisar, primeiramente, a trajetória do sistema educativo do país. Nesse contexto, Paulino (2022, p. 8) apresenta as três grandes fases da trajetória histórica da educação em Timor-Leste:

a). A primeira foi até os anos 1975, caracterizada por conceber educação como fator de submissão ou sujeição dos timorenses à soberania portuguesa (isto é, *portugalização dos timorenses*), dando, assim, pouca formação aos filhos da terra. Parecia que a educação tinha um caráter seletivo, pois somente os filhos de *liurais*<sup>10</sup> e os assimilados podiam frequentar o ensino. Aliás, nesse período, havia uma distribuição de classe social no sistema da educação:

i) filhos de liurais, filhos de chefes de sucos e outros nativos eram obrigados a frequentar o ensino das missões católicas;

ii) os filhos europeus, particularmente portugueses, eram inscritos no ensino liceal. Esse tipo de distribuição de classe social parecia ser uma prática, de educação seletiva que visava inferiorizar uma classe social em relação à outra, aplicada pelo sistema da administração colonial da época.

b). A segunda fase, que se estendeu de 1976 a 1999 – o período indonésio –, caracterizou-se por conceber a educação como fator de “*indonesianização dos timorenses*”, com uma aparente cultura democrática de acesso à educação e a aplicação de um currículo que demonstrava, claramente, um “*optimismo pedagógico*”. Porém, a situação de vida dos timorenses continuava na miséria devido ao isolamento do território por parte do regime de Jakarta.

c). A terceira e última fase ocorreu após o *referendum* de 1999 e a restauração da independência, quando o funcionamento do sistema de educação estava em fase de transição. Todas as organizações internacionais apoiavam o governo transitório da ONU na recuperação do sistema da educação (incluindo outros setores); porém, essa intervenção deixou uma grande confusão nesse setor tão importante. Por exemplo, levou os timorenses a confrontarem-se sobre o uso de língua portuguesa como língua de instrução no ensino, e muitas coisas que as organizações internacionais criaram ou estabeleceram geraram confusões. Certo é que essas confusões que sucederam a pós-restauração da independência de Timor-Leste revelam que o

---

<sup>10</sup> No tempo da colonização, “Liurai” era o título dado aos reis ou chefes supremos de reinos tradicionais timorenses. Atualmente, “Liurai” significa o chefe de suco, detentor do mais alto poder timorense na respectiva área.

sistema educativo não está consolidado, a implementação do currículo nacional de ensino é bastante truncada e as infraestruturas escolares são, em sua maioria, bastante miseráveis.

Portanto, segundo Paulino (2022), a língua, o currículo e a formação de professores são temas que necessitam de máxima atenção por parte do estado e de todos os timorenses. Dessa forma, essas três concepções constituem pilares fundamentais para o desenvolvimento de um sistema educacional eficaz em Timor-Leste. A construção de um sistema educacional de excelência exige uma abordagem multidimensional que abrange não apenas os processos de ensino e aprendizagem, mas também a formulação e implementação de políticas públicas que promovam a valorização e o uso da língua em todos os setores da sociedade.

As dificuldades no ensino da Língua Portuguesa em Timor-Leste são diversas e complexas, refletindo a história do país e a sua situação sociolinguística atual. A dificuldade de ensinar um idioma não está exatamente na língua em si, mas nas condições em que esse ensino ocorre. Como um país onde o português coexiste a par do tétum, das Línguas Nacionais (LN), dos dialetos locais, do indonésio e do inglês, o governo precisa criar condições mais efetivas para a divulgação e preservação dessa língua no território. Isso se deve ao fato de que, apesar de ser umas das línguas de ensino no sistema educativo timorense juntamente com o tétum, seu uso efetivo limita-se, predominantemente, ao contexto da sala de aula, o que relega o português a praticamente a uma língua estrangeira no contexto escolar. Como afirma Brito (2010), a língua utilizada em todas as situações cotidianas era o tétum, enquanto a LP se restringia à escrita ou a atividades relativas a determinados fins de ordem cultural ou administrativa.

O problema no setor da educação em Timor-Leste é causado por vários fatores como, o problema da língua de instrução, o currículo, a falta de professores, os edifícios escolares danificados e a falta de bibliotecas escolares, entre outros problemas educativos (Paulino, 2022). Esses problemas mencionados pelo autor também dificultam o processo do ensino do português em um país multilíngue como Timor-Leste. A dificuldade do ensino da língua portuguesa em Timor-Leste é, portanto, motivada por vários fatores, tais como: a diferença entre as estruturas morfológica e sintática das línguas locais e do português; inadequação na alocação de professores; a falta de contato informal (fora da sala de aula) e a falta de materiais didáticos, infraestruturas, entre outros.

Em outubro de 2010, o Parlamento Nacional sancionou a Resolução n.º 24/2010, tratando do uso das línguas oficiais, na qual são feitas recomendações ao governo:

- a prossecução de uma efetiva política bilíngue na Administração Pública, promovendo o uso das línguas oficiais em todos os domínios da sua atuação (...);
- a utilização do tétum e do Português em todos os atos da Administração Pública, nomeadamente nas comunicações internas e externas e em quaisquer anúncios públicos e investindo nos serviços de interpretação e tradução;
- o reforço do apoio ao INL da UNTL, com vista a apoiar o desenvolvimento do tétum, (...) através do recrutamento de linguistas para a investigação e para publicações relativas à Língua Tétum; - o aumento do investimento no Português (...) para o recrutamento de Professores de Língua Portuguesa (...);
- reforçar os laços de cooperação com os países irmãos da CPLP, ao nível do desenvolvimento linguístico (Resolução do Parlamento Nacional, 2010, p. 1)

Portanto, durante esses últimos anos, os órgãos competentes se esforçaram muito para superar essas dificuldades, mas ainda não há uma mudança significativa no progresso da língua portuguesa nos níveis formal e informal. Neste sentido, é fundamental que o governo, por meio do Ministério da Educação, busque solucionar os problemas já apontados, promovendo a qualificação dos recursos humanos em áreas específicas.

E para superar essas dificuldades é importante tomar em consideração as seguintes estratégias:

- ❖ É necessário reconhecer e valorizar a diversidade linguística de Timor-Leste, promovendo as línguas nativas e culturas. O ensino do português deve ser feito de forma intercultural, levando em consideração as diferentes línguas maternas dos alunos e estabelecendo pontes entre elas e o português.
- ❖ O ensino do português deve estar relacionado com a realidade de Timor-Leste, utilizando exemplos e situações do quotidiano dos alunos. É importante mostrar a importância do português para o desenvolvimento do país, tanto a nível profissional como social e cultural.
- ❖ É fundamental utilizar metodologias de ensino ativas e participativas, que motivem os alunos a aprender e a usar o português de forma criativa e autónoma.
- ❖ É essencial investir na formação inicial e contínua dos professores de português, oferecendo-lhes ferramentas pedagógicas adequadas para lidar com os desafios do ensino

da língua em Timor-Leste. É importante que os professores tenham um bom domínio do português e que sejam capazes de adaptá-lo às necessidades dos alunos.

- ❖ É necessário desenvolver e disponibilizar materiais didáticos de qualidade, que sejam adequados à realidade de Timor-Leste e que promovam o ensino do português de forma intercultural e contextualizada.

Recentemente, a questão da Língua Portuguesa no sistema educativo de Timor-Leste gerou controvérsia, após o Reitor da UNPAZ<sup>11</sup> proferiu um discurso contrário ao seu uso, expressando preocupações sobre os impactos no acesso ao mercado de trabalho. Apesar disso, verifica-se que o número de cidadãos que defendem o português como língua oficial e de instrução tem crescido significativamente em comparação com os primeiros anos da restauração da independência. Podemos verificar que o primeiro censo pós-independência, realizado em 2004, apontava 13,6% de falantes. Outros dados apontam um acréscimo de 23,5%, em 2010, cerca de 30% em 2019 e, para 2022, ecoam uns 40% por via do Instituto Nacional de Estatística timorense referindo-se a “pessoas que conseguem usar essa língua para comunicar”, dados publicados pelo Diligente<sup>12</sup>.

Apesar dos desafios persistentes, o governo continua investindo gradualmente na expansão do ensino, difusão e utilização da língua portuguesa, em paralelo com o tétum.

## **2.2. Breve histórico da língua tétum**

A língua tétum formou-se por volta do século XVII a partir de um ancestral de origem austronésia, chamado de Proto Timórico (HULL, 2001). Antes da época colonial portuguesa, os diferentes grupos etnolinguísticos já utilizavam uma língua franca para se comunicar, que era o tétum. FOX (2002) considera as origens da língua tétum como língua franca, ou língua veicular. Assim, evoluiu-se para a prevalência de uma das variedades do tétum, a de Díli, recentemente chamada de tétum-praça/tétum nacional. Segundo Albuquerque e Taylor-Leech (2012, p. 157), a língua tétum possui duas variedades principais: o tétum-praça, usado como L1 na capital (Díli), e o tétum-terik, variedade rural, é L1 de diversas comunidades mais isoladas, principalmente em

---

<sup>11</sup> Universidade da Paz é uma instituição de ensino superior privada, localizada em Díli, Timor-Leste.

<sup>12</sup> Diligente: é o primeiro *website* informativo totalmente em português, em Timor-Leste.

algumas partes dos distritos de Bobonaro, Covalima, Manatuto, Manufahi e Viqueque. O tétum-praça (ou tétum-díli) é uma língua simplificada que tem como base o léxico do tétum térique com várias palavras portuguesas e malaias incorporadas (Czopek, 2021). O tétum-praça se caracteriza pela perda de morfologia flexional, enquanto o tétum terik se caracteriza pela retenção das estruturas austronésias, como a rica morfologia flexional, léxico tradicional e empréstimos malaios, e inventário fonológico reduzido (Albuquerque, 2011). Dessa forma, o tétum-praça apresenta a característica de língua crioula, conforme afirma Costa (2001, p. 11), “o tétum-praça é, de certo modo, um dialeto crioulo, de gramática simplificada como todos os crioulos, só baseado num tétum mesclado de português e não num português contaminado de outros falares, como os crioulos africanos ou indo-portugueses”. A variedade do tétum tratada nesta pesquisa é a variedade tétum-praça/tétum díli.

Albuquerque (2013, p. 178) salienta ainda que,

o Tétum-Praça se caracteriza pela perda da morfologia flexional, presente no Tétum-Térik, que consiste em uma série de sufixos marcadores de pessoa, posse e mudança de valência, dos quais o Tétum-Praça apresenta alguns resquícios somente dos sufixos que modificam a valência.

Tais características morfológica encontra-se também nas línguas locais; conseqüentemente, tanto os falantes de tétum quanto os falantes de outras línguas maternas apresentam sempre essa estrutura morfológica em outras línguas, especificamente no português.

No Artigo 13.º da Constituição da República também estabelece que o tétum e as outras línguas nacionais são valorizadas e desenvolvidas pelo Estado. (...). nesse sentido, informações adicionais são encontradas no Decreto do Governo n.º 1/2004, de 14 de abril, intitulado “*O padrão ortográfico da língua Tétum*”, que regulamenta o Tétum-Oficial e o papel do INL (Instituto Nacional de Linguística). Neste decreto, há somente duas alíneas no Artigo 4.º o que dizem o seguinte:

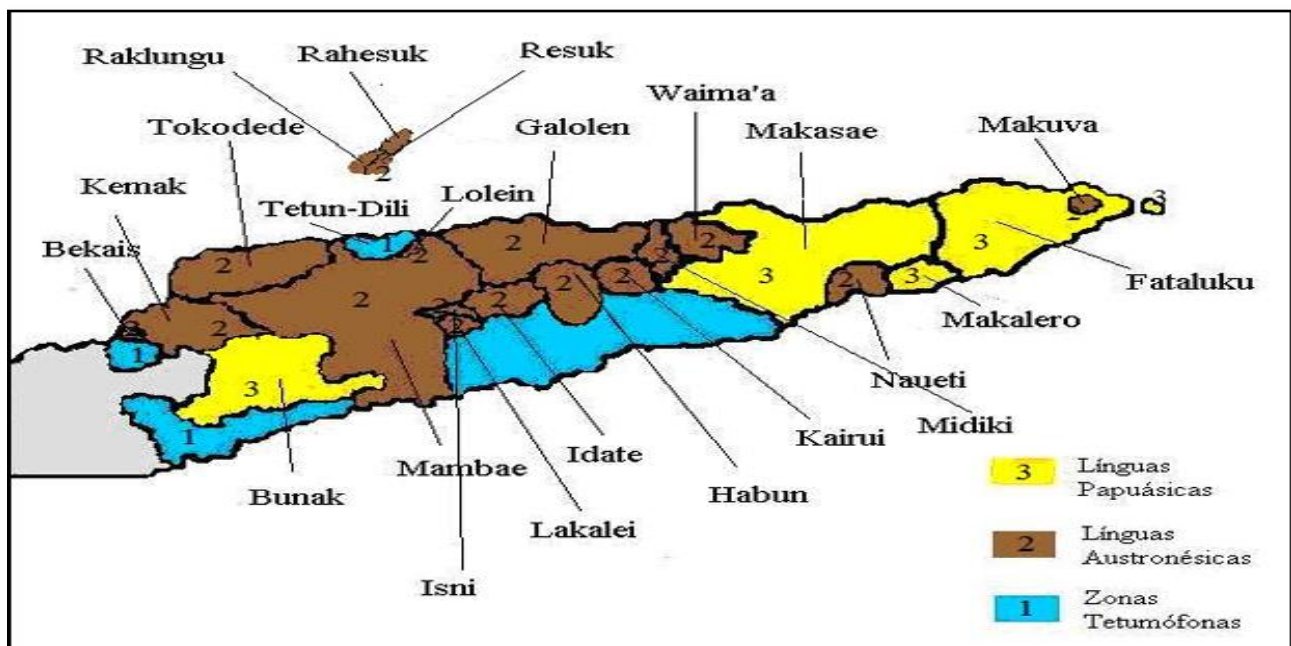
1. O INL deve desenvolver as actividades científicas necessárias à preservação e protecção das restantes línguas nacionais, trabalhando nomeadamente os respectivos padrões ortográficos.
2. O trabalho de pesquisa e desenvolvimento do Tétum e restantes línguas nacionais da República Democrática de Timor-Leste deve ser conduzido em estreita cooperação com o INL (REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE, 2004, p. 2).

O tétum-praça apresenta uma estrutura básica de Sujeito + Verbo + Objeto (SVO), semelhante à do português, porém a estrutura verbal são distintas. A estrutura verbal do tétum é bem simples, pois os verbos não flexionam para indicar o tempo, modo e aspecto. Em vez disso, essas categorias são indicadas por partículas ou palavras adicionais, como advérbios, locuções adverbiais, locuções verbais. Esses pontos serão aprofundados no capítulo 4.

Em Timor-Leste, o tétum é a língua geralmente utilizada entre os timorenses possuidores de diferentes línguas maternas. É considerado o idioma que entrelaça e permite a interação entre os falantes das demais línguas presentes no país. Ou seja, a maioria da população timorense é, no mínimo, bilíngue, falando, o tétum além de sua língua local (Guimarães, 2015, p. 2). Cada município e posto administrativo possui sua própria língua materna. Na escola ou dentro de uma sala de aula, pode haver uma variedade de línguas maternas entre os alunos, e muitos alunos são capazes de falar mais do que uma língua. O tétum é, portanto, a língua que facilita a comunicação diária entre os estudantes ou os timorenses.

Na figura abaixo, apresentamos o panorama linguístico das línguas locais timorenses.

**Figura 02** - Timor-Leste e a distribuição das línguas nativas pelo território



Fonte: Albuquerque (2011a, p.66. adaptado)

Após a contextualização do presente estudo, o qual aponta para a interferência do tétum na aprendizagem do português pelos estudantes timorenses, torna-se fundamental delimitar os conceitos centrais que permeiam nossa análise: Bilinguismo, Diglossia, Interferência Linguística e outras teorias relevantes à nossa pesquisa.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Neste capítulo, apresentamos as bases teóricas da nossa pesquisa, fundamentadas nos pressupostos do Bilinguismo, (Grosjean, 1982), da Diglossia (Cf, Ferguson 1959, Fishman 1967), e da Interferência Linguística, conforme discutido por autores como Odlin (2003), Weinreich (1953), Cardoso (2005 e 2007) dentre outros. Exploreemos também a Teoria da Variação e Mudança Linguística (Cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968]2006, LABOV, [1972]2008) que amparam o fenômeno investigado.

#### **3.1. Bilinguismo**

É bastante comum a coexistência de diferentes línguas em territórios reduzidos, o que promove uma rica diversidade cultural e desafios sociolinguísticos. É evidente que as comunidades multilíngues são predominantes, mas, nas comunidades plurilíngues, nem todas as línguas são valorizadas da mesma forma, assim como, nas comunidades monolíngues, nem todos os dialetos gozam do mesmo prestígio. O prestígio e estatuto das línguas são concedidos dependendo do poder dos grupos sociais, além dos interesses políticos e econômicos, que determinam os usos linguísticos e o modelo adotado por uma comunidade. Estas situações de prestígio e domínio entre línguas contribuem para o surgimento do bilinguismo e da diglossia.

Bilinguismo é um tema de grande discussão entre pesquisadores das áreas da linguística, sociolinguística, psicolinguística e neurolinguística pela complexidade de fatores envolvidos em seu processo. A nossa perspectiva nesta pesquisa é a sociolinguística, com ênfase na interferência linguística. O bilinguismo é considerado um fenômeno sociolinguístico que desperta interesse de estudiosos devido ao seu crescimento significativo em diversos grupos sociais e às características individuais presentes em seus falantes.

O termo bilíngue é primariamente associado a um indivíduo que tem proficiência em duas línguas. Sob uma perspectiva idealizada, o bilíngue seria alguém que entende duas ou mais línguas de maneira igualmente fluente na fala e na escrita em ambas as línguas, sem sotaque e sem quaisquer outros traços que permitam distingui-lo de um monolíngue. Grosjean (1982), define o bilíngue não são dois monolíngues completos ou incompletos, mas têm uma configuração única e específica. Considerando essa definição, será quase impossível um

indivíduo desenvolver a mesma competência nas duas línguas, ou seja, falar, escrever, ler e ouvir igualmente nas duas línguas em qualquer situação social.

A partir da década de 70, houve uma mudança significativa nas abordagens sobre o bilinguismo. A união de pesquisadores da linguística, sociolinguística, psicolinguística e neurolinguística levou a uma nova visão: o bilinguismo individual passou a ser visto como o bilinguismo social. A preocupação passa a ser então as mudanças que ocorrem na língua e seu uso em relação à comunidade. Dessa forma, as pesquisas em sociolinguística se concentram principalmente no uso das línguas e nas funções que elas exercem nos diversos domínios (teoria funcionalista). Isso significa que a necessidade do indivíduo adquirir e usar uma determinada língua depende do lugar e das pessoas com quem ela interage.

Conforme Moreno (1998) distingue entre bilinguismo individual e social. A primeira modalidade, o bilinguismo individual, refere-se àquilo que afeta o indivíduo, ou seja, ao falante que possui proficiência comunicativa comparável em outra língua. No estudo do bilinguismo surgem quatro questões fundamentais: i) grau: o nível de proficiência do bilíngue; ii) função: os usos que o bilíngue dá às línguas envolvidas; iii) alternância: até que ponto o bilíngue consegue separar essas línguas e iv) interação: como as duas línguas do bilíngue influenciam uma à outra. Em relação ao bilinguismo social, o autor define a comunidade bilíngue como “[...] aquela comunidade em que todos os seus componentes ou parte deles são bilíngues” Moreno (1998, p. 215-216).

Muitos acreditam que ser bilíngue é apresentar o mesmo grau de fluência na escrita e na fala com relação a dois idiomas, o que possibilitaria a tradução sem treinamento prévio. Contrariando as expectativas, porém, “o bilinguismo está presente em quase todos os países do mundo, em todas as faixas etárias e em todas as classes sociais. Na verdade, estima-se que metade da população mundial é bilíngue” Grosjean (2008, p. 163). “Na visão popular, ser bilíngue é igual a ser capaz de falar duas línguas perfeitamente” Hamers e Blanc (2000, p. 6)<sup>13</sup>. Entretanto, os estudos atuais contrariam tal concepção.

Grosjean (2008, p. 164) classifica como bilíngues “somente os indivíduos que possuem proficiência elevada, de modo a serem considerados monolíngues em duas comunidades de fala

---

<sup>13</sup> Texto original: “in the popular view being bilingual equals being able to speak two languages perfectly”.

distintas, descarta outros sujeitos que utilizam e se comunicam regularmente nas duas línguas, em variado grau, ainda que não possuam fluência nativa”. Essa perspectiva era comum entre alguns estudiosos, como Bloomfield (1961, p. 56) define o bilinguismo como “casos onde este aprendizado perfeito de língua estrangeira não é acompanhado pela perda da língua nativa, resultam em bilinguismo, controle semelhante ao nativo de duas línguas”<sup>14</sup>. Desde então, surgiram outras definições, segundo Grosjean (2008, p. 164), “o bilinguismo é a habilidade de produzir enunciados significativos em mais de uma língua; o domínio de pelo menos uma das habilidades linguísticas em outro idioma; e o uso alternado de diversas línguas”.

De acordo com Weinreich (1970, p.1), define-se o bilinguismo como “a prática de usar duas línguas alternadamente”<sup>15</sup> dando destaque ao uso da língua. Ademais, conforme Mackey (1962), bilinguismo não é um fenômeno da linguagem, mas é uma característica de seu uso. Se a língua é uma propriedade de um grupo, bilinguismo é uma propriedade do indivíduo. Grosjean (2008, p. 166) classifica o bilinguismo como “o fato de duas ou mais línguas estarem em contato na mesma pessoa”. Em contrapartida, segundo Hamers e Blanc (1990, p. 12), o uso não mostra a dimensão do bilinguismo, mas é a expressão de uma ou mais dimensões do fenômeno, já que esta noção implica que o indivíduo bilíngue tenha capacidade de rememorar ambas as línguas, demonstrando uma competência mínima em cada uma delas. Portanto, o uso certificaria que o sujeito domina ambos os idiomas.

Segundo Siguán e Mackey (2001), os fatores históricos que costumam levar a situação de bilinguismo são os seguintes: a) expansão: processos de expansão de alguns povos através de territórios onde se fala outra língua; b) unificação: processos de unificação política para a criação de grandes Estados (estas unificações são geralmente guiadas por um grupo de poder que tende a impor ou difundir os seus hábitos linguísticos); c) situações pós-coloniais: países ou territórios independentes com populações linguisticamente diversas; d) imigração: países ou cidades que recebem grandes contingentes de imigrantes que falam uma língua diferente (várias situações ocorrem aqui, mas nos interessa aquela que ocorre aqui especificamente, que é quando eles não se integram socialmente e, portanto, sua língua e seu ensino de pais para filhos são mantidos,

---

<sup>14</sup> Texto original: “cases where this perfect foreign-language learning is not accompanied by loss of the native language result in bilingualism, native-like control of two languages”.

<sup>15</sup> Texto original: the practice of alternately using two languages

bem como o surgimento do bilinguismo para determinadas funções); e) cosmopolitismo: locais de contatos internacionais, geralmente comerciais e econômicos.

Como se pode perceber, a questão do bilinguismo envolve uma complexa rede de aspetos que envolve posicionamentos políticos, além de elementos puramente linguísticos. Do ponto de vista da educação, (Moreno, 1998) destaca as vantagens sociais de conhecer mais de uma língua, mas também se refere à dificuldade de desenvolver uma verdadeira educação bilíngue, pois há vários fatores que entram em jogo. Uma das dificuldades que o bilinguismo pode trazer é que por vezes a integração numa cultura, comunidade ou grupo social é dificultada ou atrasada, devido ao domínio de instrumentos linguísticos considerados estrangeiros.

Lambert (1975) apresenta duas principais visões sobre o bilinguismo, são o bilinguismo subtrativo e o bilinguismo aditivo. O bilinguismo subtrativo é a percepção de que a aquisição da L2 levaria ao enfraquecimento da L1 de um indivíduo. Essa situação pode ocorrer devido ao aumento da carga cognitiva decorrente da aprendizagem da L2, o que acaba por enfraquecer a competência dos falantes na L1. Esse fenómeno é observado em grupos minoritários, especialmente quando não são escolarizados em sua L1. Com o uso frequente da L2, sua competência e cultura na L1 são gradualmente substituídas pela L2.

Em contraste com essa perspectiva, existe o bilinguismo aditivo, que sugere que a aquisição da L2 não é prejudicial à L1, mas, ao contrário, traz vantagens para o falante. O termo “aditivo” é usado porque descreve uma adição ao repertório linguístico de alguém. Ou seja, mesmo ao aprender uma segunda língua, as habilidades e a cultura da primeira língua permanecem valorizadas. Portanto, o bilinguismo aditivo é visto como o principal objetivo da educação bilíngue. Além disso, Landry e Allard (1993) constataram que o bilinguismo aditivo geralmente ocorre quando a L1 de alguém tem um estatuto mais elevado na comunidade em comparação com a L2. Como a L1 tem um estatuto elevado, a comunidade continuaria a usá-la nas atividades diárias e, portanto, é menos provável que alguém perca sua L1, bem como sua cultura, ao adquirir a L2.

De acordo com esses autores, o contexto do bilinguismo encontrado em Timor-Leste é o bilinguismo aditivo, em que, o tétum é uma língua dominante e o português é uma língua adquirida principalmente no contexto escolar, sem implicar a substituição da língua materna dos

falantes, mas sim o aumento do seu conhecimento linguístico de outro idioma. Mais do que o bilinguismo entre o português e o tétum, Timor-Leste vive num verdadeiro multilinguismo, com a coexistência de dezenas línguas nativas.

Portanto, embora Timor-Leste apresente um quadro de bilinguismo aditivo, a relação entre o tétum e o português mostra uma distribuição funcional dos usos linguísticos, o que permite compreender esse contexto à luz do conceito de diglossia, como apresentado na sessão 3.2 a seguir.

### 3.2. Diglossia

Ao estudar a relação entre forma linguística e função social, foi descrito um fenômeno denominado *diglossia*, um termo usado em inglês pela primeira vez por Ferguson (1959). De acordo com o autor,

Diglossia é uma situação linguística relativamente estável em que, além dos dialetos primários da língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais), há uma variedade sobreposta, muito divergente, altamente codificada (amiúde gramaticalmente mais complexa), veículo de uma grande e respeitada parcela da literatura escrita, quer de um período anterior quer de outra comunidade de fala, e que é aprendida essencialmente pela educação formal e usada para a maioria dos propósitos escritos e formais, mas não é usada por nenhum segmento da comunidade para a conversação ordinária (p. 244-245).<sup>16</sup>

Para ilustrar tal conceito, Ferguson evoca exatamente os cenários sociolinguísticos da Grécia e dos países árabes, aos quais acrescenta os casos das comunidades falantes do vernáculo alemão na Suíça e do crioulo de matriz francesa no Haiti. Ele indica que em todos esses lugares diferentes empregava-se um código linguístico em âmbitos formais ao qual se pode chamar “variedade alta” ou “A” (o grego padrão, o árabe padrão, o alemão padrão e o francês padrão) e outros códigos linguísticos em âmbitos informais a cujo conjunto se pode chamar “variedade baixa” ou “B” (o grego vernáculo, o árabe vernáculo, o alemão vernáculo e o crioulo). Como, a variedade H possui prestígio, que a variedade L não possui. A variedade H é mais complexa,

---

<sup>16</sup> Diglossia is a relatively stable language situation in which, in addition to the primary dialects of the language (which may include a standard or regional standards), there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature, either of an earlier period or in another speech community, which is learned largely by formal education and is used for most written and formal spoken purposes but is not used by any section of the community for ordinary conversation”.

bela, lógica e expressiva do que a variedade L. Além disso, as duas variedades são aprendidas de maneira diferente. Enquanto as crianças adquirem a variedade L inconscientemente em casa, a variedade H é ensinada nas escolas através do estudo da gramática e do uso de dicionários e livros didáticos. Ele salienta ainda que

L é invariavelmente aprendido pelas crianças de uma maneira que pode ser considerada a forma ‘normal’ de aprender a língua materna. H pode ser ouvido pelas crianças de tempos em tempos, mas o aprendizado real de H é principalmente realizado por meio da educação formal. (...) A estrutura gramatical de L é apreendida sem discussão explícita de conceitos gramaticais; a gramática de H é aprendida em termos de “regras” e normas a serem imitadas (Ferguson, 1959, p. 331).<sup>17</sup>

Os fatores definidores de Ferguson (1959) para High e Low citado por Dimande (2016, p. 18-20) são os seguintes:

### 1) FUNÇÃO

Um dos mais importantes traços da diglossia é a distribuição funcional ou especialização de funções para as variedades High e Low. A variedade H é para atos formais: sermões nas igrejas/mesquitas, ensino, discursos políticos, parlamento, editoriais de Jornais, poesia, etc. A variedade L é para atos menos formais como: instrução a trabalhadores e criados, literatura popular, peças radiofônicas, cartas pessoais e conversas familiares, etc.

### 2) PRESTÍGIO

A variedade H goza de prestígio social que a variedade L não tem, é considerada superior em relação à variedade L por ser usada na religião, ser maravilhosa, lógica e por exprimir pensamentos. A variedade H é vista como verdadeira e a L como “não existente.”

### 3) HERANÇA LITERÁRIA

A variedade H exprime o peso da literatura e da tradição literária no seio da comunidade linguística. É a variedade-padrão de língua e de uso de palavras, frases ou construções. A variedade L exprime a literatura popular ou folclórica.

---

<sup>17</sup> “L is invariably learned by children in what may be regarded as the ‘normal’ way of learning one’s mother tongue. H may be heard by children from time to time, but actual learning of H is chiefly accomplished by the means of formal education. (...) The grammatical structure of L is learned without explicit discussion of grammatical concepts; the grammar of H is learned in terms of “rules” and norms to be imitated”.

#### **4) AQUISIÇÃO**

A variedade L é adquirida como língua materna e é usada para falar com as crianças entre si. A variedade H é aprendida na escola ou através de tutores privados, usa regras gramaticais e dicionários. A pessoa que aprende em casa a variedade L não domina a gramática de H.

#### **5) PADRONIZAÇÃO**

A variedade H é padronizada, tem forte tradição gramatical e dicionários, tratados de pronúncia, de estilos e normas de correção e ortográficas. A variedade L não tem estudos normativos e descritivos, e tem larga variação na pronúncia, na ortografia e no vocabulário.

#### **6) ESTABILIDADE**

A diglossia é relativamente estável, perdurando por vezes por milhares de anos. As tensões comunicativas entre os que dominam as variedades H e L são resolvidas pelo uso de formas não codificadas, instáveis e intermediárias da língua e de empréstimos de H para L.

#### **7) GRAMÁTICA**

A variedade H é mais completa e elaborada, tem categorias e flexões gramaticais que a variedade L não tem ou se tem são mais reduzidas.

#### **8) LÉXICO**

O vocabulário de H e L é partilhado, embora com diferenças formas e trocas de significado e de uso entre as duas variedades. H tem léxico técnico e expressões sem equivalentes regulares em L. L tem expressões populares e nomes de objetos domésticos sem equivalentes em H.

#### **9) FONOLOGIA**

O sistema fonológico de H é mais estável que o de L, gerando interferências de L em H. Por causa da diversidade é difícil numa situação diglósica generalizar a relação fonológica de H e L. Algumas tensões ou conflitos linguísticos podem ser resolvidos através da criação de uma variedade intermédia entre a variedade High e a variedade Low.

No entanto, a definição de diglossia de Ferguson (1959) não abrange situações em que línguas completamente diferentes são usadas na mesma comunidade linguística. Trata-se de uso

especializado de duas variedades da mesma língua, que têm um estatuto social diferente e que são utilizadas sistematicamente com uma determinada distribuição funcional. No entanto, a partir da sua descrição inicial do conceito da diglossia, surgiram várias interpretações que contribuíram para a expansão do conceito. Dessa forma, em 1967, o americano Joshua Fishman publicou um artigo intitulado “Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism”, que constituiu outra virada no uso da palavra diglossia. O autor define que

a diglossia existe não só em sociedades multilíngues que reconhecem oficialmente várias ‘línguas’ [e não só em sociedades que utilizam uma variedade vernácula e outra clássica] mas também em sociedades que são multilíngues no sentido em que empregam dialetos distintos, registros ou variedades linguísticas de qualquer espécie diferenciadas funcionalmente (FISHMAN, 1967, p. 30, tradução nossa).<sup>18</sup>

Para Fishman, a diglossia não se restringe a duas variedades da mesma língua, porém abrange línguas distintas que coexistem em uma sociedade com funções diferenciadas, como o caso do Paraguai, onde o espanhol desempenha os papéis de uma variedade Alta (A) e o guarani atua como variedade Baixa (B). Essa situação diatlóssica definido por Fishman ocorre também nas duas línguas oficiais de Timor-Leste (tétum e português). Em situação de Timor-Leste, é fundamental reconhecer que não se trata da variedade de uma mesma língua, mas sim de duas línguas diferentes, mas ambos os idiomas compartilham o mesmo estatuto de língua oficial. No entanto, a forma como são usadas difere significativamente: o português naturalmente se alinha com a variedade H (Alta), pois este idioma possui o estatuto de língua de prestígio, sendo amplamente utilizado na administração pública, no ensino superior, na escolarização e no aspecto jurídico, incluindo a redação e documentos oficiais. Enquanto, o tétum, especialmente o tétum-praça, assume o papel da variedade L (Baixa), pois, essa língua apresenta uma flexão gramatical muito reduzida e, é predominantemente utilizada em situações informais e no dia a dia dos timorenses.

Nesse sentido, quando os falantes nativos de tétum frequentemente enfrentam obstáculos no processo de aquisição do português, significa que a estrutura do tétum “interferindo” na aprendizagem da variedade (H) alta - neste contexto, o português. Por essa razão, entedemos ser

---

<sup>18</sup> diglossia exists not only in multilingual societies which officially recognize several ‘languages’ [, and not only in societies that utilize vernacular and classical varieties], but, also, in societies which are multilingual in the sense that they employ separate dialects, registers of functionally differentiated language varieties of whatever kind”.

importante retomar os conceitos básicos do que seja interferência, conforma sessão 3.3 a seguir, considerando-se este conceito fundamental para esta pesquisa.

### **3.3. Interferência**

Qualquer pessoa que tenha tentado aprender outra língua além da(s) sua(s) língua(s) materna(s) (LM) já vivenciou situações em que uma das línguas parece afetar a compreensão ou a produção na outra. Essa “interferência”, que geralmente se dá sem a consciência da pessoa, pode tanto facilitar quanto dificultar a aprendizagem ou o uso da outra língua (ODLIN, 2003).

Para entender o conceito de interferência linguística, é fundamental salientar que o estudo desse fenômeno se baseia na teoria behaviorista. Essa perspectiva teórica parte do princípio que os indivíduos não nascem com habilidades inatas, mas sim com tendências para responder aos estímulos aos quais estão expostos. Dessa forma, Watson (1913) pressupõe que cada resposta a um estímulo pode ser reforçada de forma positiva ou negativa. O reforço positivo ocorre quando uma resposta produz benefício e o reforço negativo surge quando essa resposta não produz nenhuma vantagem.

Sousa (2002), declara que a teoria behaviorista compreende o fenômeno da transferência linguística como elemento determinante de aprendizagem, influenciado pela similaridade entre o conhecimento prévio e o subsequente. Segundo essa perspectiva, definem-se duas modalidades de transferência linguística no processo de aprendizagem: a transferência linguística positiva e a transferência linguística negativa, mais conhecida como a interferência linguística.

Weinreich (1953), em seus estudos sobre línguas em contato, observou os fenômenos decorrentes da interferência gerada pelo contato entre idiomas, pois, segundo ele, os fenômenos da fala e os impactos que geram nas normas de ambas as línguas envolvidas no contato são de interesse dos linguistas. De acordo com o pesquisador, as diferenças entre os idiomas, sejam elas de grande ou de pequena proporção, devem ser estudadas exaustivamente, com relação a todos os domínios linguísticos, isto é, fonético, gramatical e lexical, como pré-requisito para a análise das interferências. O autor salienta que “o termo interferência designa os desvios em relação às normas de qualquer das línguas que surgem na produção linguística de indivíduos bilíngues em

decorrência de seu domínio de múltiplos idiomas”<sup>19</sup> (Weinreich, 1953, p. 1-2, tradução nossa). Para ele, havia interferência quando os falantes introduziram elementos estrangeiros na estrutura de outra língua que falavam, (nos sistemas fonológico, morfológico, sintático e no vocabulário). Contudo, nesta pesquisa, o foco está em inverso. Em sua opinião, quanto maiores fossem as diferenças existentes entre os sistemas linguísticos em contato, maiores seriam os problemas de aprendizagem que seus usuários teriam como resultado da pressão exercida pelas diferenças.

Em qualquer situação em que exista mais de um idioma sempre existe interferência entre línguas. Portanto, a interferência linguística pode definir-se como o fenômeno que consiste na transferência, para uma língua-alvo (L2), de traços característicos da língua materna (L1) do falante. Essa transferência ocorre devido à dificuldade em produzir corretamente elementos fonéticos, lexicais, morfossintáticos e semânticos da L2, ou ainda pela atribuição de sentidos baseados em estruturas da L1, como na tradução literal de algo análogo na língua materna. No caso de Timor-Leste, um contexto eminentemente multilíngue, as diferenças das línguas influenciam-se mutuamente das mais variadas formas. Ao analisar a natureza das interferências linguísticas em falantes bilíngues, Cardoso (2007, p. 5) define “a transferência como traços da língua materna para a língua não materna é identificada por dois tipos de transferência: a “positiva” e a “negativa”. A primeira é vista como “um recurso para o falante, particularmente quando as línguas são aparentadas, permitindo que ele recorra a ela para enriquecer o seu discurso” e a segunda representa uma “dificuldade a ser ultrapassada”. Segundo Lado (1957), a transferência linguística positiva se refere ao uso produtivo da LM no desempenho da LE, sendo o resultado das semelhanças entre a LM e a LE. Em relação à transferência negativa, o presente estudo busca compreender quais fatores favorecem esse fenômeno de transferência.

A interferência é considerada um processo e possui distintas fases. Weinreich (1953) estabelece duas fases: a interferência na fala, que afeta aos indivíduos bilíngues e se produz no momento da situação comunicativa e a interferência na língua, interferência que está integrada no sistema e que não faz parte unicamente da fala dos bilíngues, mas que tem sido incorporada pelos indivíduos monolíngues.

---

<sup>19</sup> “the term 'interference' [...] refers to those instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of their familiarity with more than one language.

Relativamente ao fenômeno em estudo, Venturi (2006, p. 127) destaca que “a influência da língua materna é consequência do julgamento consciente do aprendiz das semelhanças entre a primeira língua e a língua meta”. De acordo com a autora, “a interferência é observada, principalmente, quando há a substituição ou a adaptação de uma palavra ou expressão da língua materna para a língua-alvo” e Thomason & Kaufman (1998) citado por Cardoso (2005, p. 96) afirmam ainda que as interferências linguísticas “caracterizam-se sobretudo pelo empréstimo e contaminação que podem ser de ordem fonológica, gramatical, lexical e semântica”.

A seguir, elencamos os verbetes extraídos dos dicionários do americano David Crystal (1988)<sup>20</sup> e do francês Jean Dubois et al. (1973)<sup>21</sup>.

Na obra de Crystal (1988, p. 149), encontramos o seguinte:

- Interferência – termo usado na SOCIOLINGÜÍSTICA e no ensino de língua estrangeira, com relação aos ERROS que um falante introduz em uma língua como consequência de seu contato com outra língua. A fonte mais comum de erro é o processo de aprender uma língua estrangeira, quando há interferência da língua materna; mas a interferência pode ocorrer em outras situações de CONTATO (como no MULTILINGÜISMO).

Conforme Dubois et al (2006, p. 349),

- Interferência – Diz-se que há *interferência* quando um sujeito bilíngue utiliza em uma língua-alvo. A um traço fonético, morfológico, léxico sintático característico da língua B. O empréstimo e o decalque são frequentemente devidos, na origem, a interferências. Mas a interferência permanece individual e involuntária, enquanto que o empréstimo e o decalque estão em curso de integração ou são integrados na língua A. Um francês que fale espanhol ou russo poderá não rolar a consoante *r* e dar-lhe o som que ela tem em francês. Um alemão que fale francês poderá dar à palavra francesa *la mort* o gênero masculino da palavra alemã correspondente *Tod* (interferência morfológica). Para dizer *Vou a escola*, um brasileiro que fale inglês

---

<sup>20</sup> A obra original de David Crystal foi publicada em 1985. Neste trabalho, utilizaremos a tradução e adaptação para o português de Maria Carmelita Pádua Dias publicada em 1988.

<sup>21</sup> A obra original de Dubois foi publicada em 1973. Neste trabalho, utilizaremos a tradução para o português de Izidoro Blikstein publicada em 2006.

poderá utilizar para juntar *school* a *I am going*, a preposição *at* (que é às vezes o equivalente de *a*), ao passo que o inglês utiliza *to* depois dos verbos de movimento (interferência sintática). Um italiano que fala português poderá dizer *uma máquina* (*macchina*) por *um carro* (interferência lexical).

Existe um ponto em comum nas classificações de todos os autores mencionados anteriormente, pois direta ou indiretamente as interferências estão relacionadas com a divisão metodológica própria do sistema da língua nos quatro níveis básicos: fonológico, lexical, morfológico e sintático. Contudo, os níveis linguísticos não constituem divisões rígidas. A língua é dinâmica, faz com que fenômenos como a interferência atravessem constantemente as fronteiras entre esses níveis. As interferências da língua materna na língua-alvo ocorrem a todos os níveis da língua, sendo o lexical o mais frequente na medida em que tanto num pequeno elemento linguístico como o fonema, como num maior como o sintagma, transmitem-se, geralmente, através do elemento lexical. Assim, torna-se complexo delimitar o impacto a um único nível linguístico, uma vez que, na maioria dos casos, existem implicações em mais de um nível.

Dessa forma, a interferência tratada nesta pesquisa é a interferência morfossintática do tétum no português, especificamente no que diz respeito ao verbo nos textos escritos por alunos em fase de aprendizagem do português. Passamos agora ao aporte teórico da variação e mudança linguística, conceito fundamental para compreender a variação e a complexidade linguística variável e dinâmica em uma situação bi/multilíngue como a de Timor-Leste.

### **3.5. Variação e Mudança Linguística**

A variação linguística ocorre porque as línguas são dinâmicas e sensíveis a diversos fatores. Essa diversidade da escrita e fala decorre de diferenças geográficas, socioculturais, temporais e contextuais. Portanto, a variação existe porque a língua existe. Uma disciplina que se dedica à relação entre a língua e a sociedade é a sociolinguística, cujo princípio fundamental é que a língua é um sistema heterogêneo, porém estruturado.

Para compreender os pressupostos teóricos da sociolinguística, é essencial reconhecer que os estudos sobre a linguagem, em suas múltiplas dimensões. O estudo da linguagem ganhou

força no século XX, impulsionado pelas obras póstumas de Ferdinand Saussure, especialmente seu “Curso de Linguística Geral” (1916). Saussure, um dos pais do Estruturalismo, via a língua como um sistema de signos (a *langue*), autônomo, homogêneo e social, que deveria ser estudado em si mesmo, independente de fatores externos. Ele apresentou algumas dicotomias a “*langue*” (sistema linguístico) com a “*parole*” (comportamento linguísticos) e distinguia a linguística sincrônica (estudo da língua em um dado momento) da linguística diacrônica (estudo da evolução da língua ao longo do tempo).

Mais tarde, em 1960, nos Estados Unidos, ganham destaque os estudos de Noam Chomsky, que publica *Syntactic Structures* sobre a perspectiva formal da língua denominada Gerativismo. Chomsky propôs que a língua é um conhecimento cognitivo inato, uma capacidade inerente ao indivíduo. Ele introduziu a dicotomia entre “competência” (o conhecimento das regras da língua) e “desempenho” (o uso efetivo da língua em situações reais). A “competência” de Chomsky é comparável à “*langue*” de Saussure, pois ambos focam nos aspectos fundamentais do sistema linguístico e buscam homogeneidade na estrutura. Tanto para o Estruturalismo quanto para o Gerativismo, a língua é concebida como uma entidade abstrata, que ignora a influência de fatores sociais.

A partir disso, surge nos Estados Unidos, em meados da década 1960, a Sociolinguística, tendo como principal pesquisador William Labov. Para o pesquisador, a língua não pode ser vista como um sistema isolado de regras abstratas, ao contrário do Saussure e Chomsky, para Labov a língua deve ser vista a partir dos seus falantes, levando em consideração os contextos socioculturais nos quais ela ocorre. Nos seus estudos, o autor demonstrou que a variação linguística é objeto passível de sistematização. A partir dos estudos de Labov, compreendemos que a língua não é uma estrutura pronta, que não é possível haver variação e mudança no nível individual do falante, mas é preciso perceber que a realidade dos falantes se reflete em suas práticas linguísticas, tanto na produção oral quanto na escrita.

Como afirmou Eugenio Coseriu (1979), o importante é entender que:

[...] a língua nunca está pronta. Ela é sempre algo por refazer. A cada geração, ou mesmo em cada situação de fala, cada falante recria a língua. Dessa forma, ela está sujeita a alterações nessa recriação. Por outro lado, depende de uma tradição, já que cada falante diz as coisas de determinada maneira em grande parte porque é daquela maneira que se costuma dizer. Há então um delicado jogo de continuidade e de inovações, estas sempre em menor número. Como a língua está sempre sendo recriada,

ela comporta o surgimento de inovações a todo momento. O crucial é que nem toda inovação vinga, nem toda inovação é realmente incorporada e difundida pelos falantes de uma determinada comunidade [...] (CHAGAS, 2010, p. 150).

Coelho *et al.* (2015) aponta que:

[...] cada grupo social apresenta características no seu falar que são condicionadas por sua origem, sua idade, sua escolaridade, entre outros fatores. Isso quer dizer que as pessoas à nossa volta falam de diferentes maneiras. (p. 13).

Para tentar compreender melhor a diversidade das línguas e seus usos, o cerne da Sociolinguística é reconhecer que a “língua é uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008, p. 215) e, como tal, essencialmente variável. Assim, podemos entender que não se deve estudar a língua sem considerá-la em sua esfera social e as formas de interação que os indivíduos produzem por meio dela.

Conforme Labov; Weinreich; Herzog, (1968, p. 125) “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. Assim sendo, é possível assumirmos com Chambers (1995, p. 349) que “a mudança é um tipo de variação linguística com propriedades sociais particulares”, uma vez que, para que haja mudança, a língua necessita passar por um período de variação. Essa concepção permite analisar a língua em uso, considerando variações linguísticas e como elas podem evoluir ao longo do tempo. Mollica (2004, p. 27), a variação linguística é uma das características universais das línguas naturais que convive com fatores de estabilidade.

Para Coelho *et al.* (2015, p. 16):

A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado. [...] A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes – o que podemos perceber quando observamos que as pessoas à nossa volta falam de maneiras diferentes, mas sempre se entendendo perfeitamente.

Sabemos que a variação linguística é referida às maneiras pelas quais uma língua é usada pelos seus falantes, dependendo do seu contexto social, não depende apenas nas dimensão interna (fatores linguísticos) da língua, mas depende também na dimensão externa (fatores sociais). Essa variação pode ocorrer em diversos níveis, incluindo fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático e pode ser condicionada por vários fatores, como região geográfica, contexto social, faixa etária, gênero, nível de escolaridade e situação de comunicação.

A busca pela “ordem na aparente desordem” como propõem Weinreich, Labov e Herzog (1968), viabiliza-se através de cinco etapas de pesquisa - os cinco – problemas” da mudança linguística (cf. TARALLO, 1990, p. 59):

- i) Problema das restrições/condicionamentos: “Conjunto(s) de possíveis mudanças e possíveis condições para mudanças que podem (possam) ocorrer em uma estrutura de um determinado tipo”.
- ii) Problema da transição: “Os estágios intermediários que podem ser observados, ou que devem ser postulados, entre quaisquer duas formas de uma língua definida para uma comunidade linguística em momentos diferentes. Como se manifesta a transição na sociedade?”.
- iii) Problema do encaixamento: “Como as mudanças observadas estão encaixadas na matriz de concomitantes linguísticos e extralinguísticos das formas em questão? Que outras mudanças se encontram associadas a determinadas mudanças de uma maneira não acidental? Como essas mudanças se encaixam no contexto da sociedade?”
- iv) Problema da avaliação: “Como as mudanças observadas podem ser avaliadas em termos de seus efeitos na estrutura linguística, na eficácia comunicativa (por exemplo, na relação com a carga funcional), e na ampla gama de fatores não-representacionais envolvidos na fala?”
- v) Problema da implementação: “Que fatores são responsáveis pela implementação de mudanças? Por que mudanças de um traço estrutural acontecem em uma determinada língua em um dado momento, mas não em outras línguas com o mesmo traço, ou na mesma língua em outros momentos?”

Como destaca Tarallo (1990), para que uma teoria da mudança linguística de bases preditivas seja viabilizada, é necessário que esses cinco aspectos, chamados de “problemas”, sejam devidamente satisfeitos. Ao investigar a interferência do tétum na morfologia verbal do português, este estudo dialoga diretamente com o problema das restrições (Weinreich, Labov e Herzog, 1968). Essa dimensão da variação busca identificar o conjunto de condições que delimitam as mudanças possíveis em uma estrutura. No presente caso, as restrições incidem na

seleção de variantes verbais, em que a gramática de natureza analítica do tétum condiciona a representação dos traços de flexão na língua-alvo.

Assim, no contexto do ensino e aprendizagem, é fundamental que o professor saiba explicar e delimitar aos alunos essa variabilidade, especificamente em um contexto multilíngue como o Timor-Leste. Por esse motivo, apresentaremos a seguir a relação entre variação e ensino.

### **3.6. Variação e Ensino**

É imprescindível que todos os educadores ensinem a norma-padrão da língua. Este é um direito do aluno. Porém, é igualmente importante o conhecimento dos estudos variacionistas mais recentes, os quais nos auxiliam a perceber que determinadas variações são perfeitamente explicáveis pelas características da própria língua. Com base nesses estudos, teremos maiores condições de nos apropriarmos melhor de alternativas que nos auxiliem a abordar o fenômeno da variação em sala de aula. Não se pode confundir gramática normativa com a língua viva de um povo. A dificuldade, no entanto, é que, na maioria das vezes, a gramática normativa é ensinada como se fosse própria língua materna, o que gera confusão entre os alunos. Portanto, a pesquisa linguística e o ensino de gramática devem complementar-se para que mudanças de atitude no ensino possam realmente ocorrer.

As pesquisas acerca da variação linguística têm mostrado que existe um grande número de fatores que interferem na maneira individual e social como o falante se manifesta, daí, é que surgem as variações. E elas existem “não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas, mas porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e espaço concretos, com funções definidas” Antunes (2007, p. 104). Assim, a variação é o resultado da história social e cultural das pessoas que interpretam do seu modo e de um jeito particular. E assim, a escola precisa trabalhar com a variação como construção social. Como afirma Bagno (2008, p. 16),

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares.

Todas as línguas variam e não existe nenhuma comunidade em que todos falem da mesma forma. A diversidade linguística é um reflexo da diversidade social, desse modo, entendemos a

escola como uma entidade social. Como dito por Bortoni-Ricardo (2004, p. 157), a sociolinguística é uma “ciência que nasceu preocupada com o desempenho escolar de crianças oriundas de grupos sociais étnicos de menor poder econômico e cultural predominantemente oral”; assim sendo, ela deve promover o conhecimento sistematizado, ampliar a compreensão de valores e da cultura, por meio de uma orientação voltada para a formação de uma postura crítica em relação à língua. E a escola é um espaço que reúne pessoas de diferentes culturas, o ensino da língua portuguesa deve levar em consideração essa realidade. Nossa investigação concentra-se no ensino de língua portuguesa em Timor-Leste, focalizando na variação nos diferentes contextos do ensino escolar. A escola reflete a estrutura da sociedade, bem como a construção de conceitos sobre o mundo, a sociedade e a própria língua, que, por sua vez, representa a realidade do falante e da sociedade em que vive. Para Martins, Vieira e Tavares (2014, p. 9),

um dos maiores desafios das aulas de português diz respeito, sem dúvida, ao tratamento das variações linguísticas e, fundamentalmente, aos saberes gramaticais – permeados por diferentes normas linguísticas – que devem estar presentes na escola.

Relativamente à variação e ensino, Deus e Machado (2010, p. 138) apresentam duas questões: a) Que língua ensinar? e b) Quais as estratégias para se garantir um ensino eficiente? Em relação às questões colocadas pelos autores, o ensino de língua portuguesa em Timor-Leste enfrenta muitos problemas, como já explicitamos no capítulo anterior. Esses problemas no ensino não são restritos do português, mas comum a várias línguas, já que a variação é condição de todas elas. Está claro, portanto, que as reflexões sobre o ensino da língua portuguesa passam pelo entendimento de sua variabilidade. Sendo a língua o reflexo da estrutura social do povo que a utiliza, é impossível manter a visão do purismo linguístico tão comumente propagada pela escola (Ibidem, p. 139).

Considerando o contexto de Timor-Leste, onde o português é língua de ensino, é necessário que o professor leve em consideração essa variedade. As pessoas que não usam a norma padrão frequentemente sofrem preconceitos, pois, a fala não padrão é considerada “errada”. Segundo Tarallo (1985, p. 12) “em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade”. Ao se falar de variantes, é necessário considerar que a língua é um sistema de comunicação e também um fato com repercussões sociais. Ela é dinâmica e mutável.

Refletindo sobre essa perspectiva, é necessário que os timorenses levem em consideração a variação que ocorre no português falado em Timor-Leste, de modo a promover uma percepção mais ampla, respeitem e valorizem sempre as particularidades linguísticas de cada região. Como destaca Bortoni-Ricardo (2005, p. 54), “a identificação do perfil social do aluno, facilita o trabalho na sala de aula”, pois, quando o professor trabalha com os alunos que têm acesso bastante restrito à norma culta em seu ambiente social, é necessário considerar a interferência das regras fonológicas e morfossintáticas da sua língua materna na aprendizagem do português-padrão. Essa maior atenção aos fatores extralinguísticos combinada ao processo de aprendizagem por meio de novas estratégias pedagógicas, permite ao aluno a aprendizagem da língua padrão. Além disso,

a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidos de maneira diferenciada pela sociedade. (Ibidem, p. 15).

A escola, por ser um espaço dedicado ao crescimento e desenvolvimento do ser humano, tem que ensinar aos alunos demonstrar-lhes que falar diferente não é falar errado, e que há diferentes formas de falar, reconhecendo a existência de diversas variações linguísticas. Considerando essa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2005, p. 26),

a aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender e empregar uma variedade ou outra de acordo com as circunstâncias da situação da fala.

Considerando esses aspectos, o ensino da língua não deve ser pautado pelas noções de errado e certo, mas sim pelos conceitos de adequado e inadequado, que são mais apropriados e exatos, porque refletem o uso da língua nos diferentes contextos.

Trabalhar com a variação linguística em sala de aula não é algo simples, principalmente num país multilíngue como Timor-Leste. É indispensável que todo educador tenha a capacidade de perceber que a língua reflete a realidade social, bem como as diversidades sociais, culturais, religiosas, políticas e econômicas presentes na vida humana.

Nesse contexto, a questão do português em Timor-Leste não se restringe apenas aos educadores, mas também aos governantes. Estes, por sua vez, devem abordar com seriedade o ensino da língua portuguesa e implementar uma política linguística mais adequada à realidade do

país. É indispensável que essa política considere a diversidade cultural e variedade linguística do país, incentivando um ensino mais abrangente e eficaz que respeite as características locais e, simultaneamente, fortaleça o uso do português como língua oficial. É fundamental também que se invista na descrição das línguas locais, para que professores possam entender porque certas interferências persistem na performance dos alunos na escrita em língua portuguesa e para que os professores estejam sensíveis aos efeitos do contexto multilíngue no espaço da sala de aula. Abordamos, em seguida, a concordância verbal e a variação, temas essenciais para compreender como a língua se manifesta de forma variável.

### **3.7. Concordância verbal e variação**

A concordância verbal (doravante CV) permeia a vida escolar dos alunos e é abordada nas gramáticas e nos livros didáticos da educação básica e do ensino secundário. Esse conteúdo pode ser trabalhado sob diferentes perspectivas, o que ajuda os professores a desenvolverem um trabalho direcionado em sala de aula.

De acordo com a abordagem tradicional, a concordância é o mecanismo segundo o qual certas expressões linguísticas se harmonizam quanto aos traços morfossintáticos (Almeida e Antoninho, 2011). Tal concepção pode ser exemplificada pela definição apresentada por Almeida (1999, p. 441), a concordância “é o processo sintático pelo qual uma palavra se acomoda, na sua flexão, com a flexão de outra palavra de que depende”.

De acordo com Gonçalves (2010, p. 84),

concordância é um processo gramatical em que duas ou mais palavras partilham traços flexionais de pessoa, género ou número por se encontrarem numa determinada configuração sintática. Existe concordância obrigatória nos seguintes contextos: entre sujeito e verbo flexionado no predicado (i); entre determinante e nome (ii); entre quantificador e nome (iii); entre nome e adjetivo (iv); entre sujeito e predicativo do sujeito (adjetival ou nominal) (v); entre complemento direto e predicativo do complemento direto (adjetival) (vi); entre sujeito e particípio passado em construções passivas.

No português padrão, a concordância verbal é um fenómeno gramatical que estabelece uma relação de adequação entre o sujeito e o verbo em uma oração. Essa concordância implica que o verbo deve ajustar-se ao sujeito em termos de número (singular ou plural) e pessoa gramatical (primeira, segunda ou terceira), com o sujeito da frase.

A Nova Gramática do português contemporâneo de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra (2017, p. 510) trata a concordância verbal como a “solidariedade entre o verbo e o sujeito”, caracterizada pela “variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito”. Segundo os autores, a concordância pode servir também como uma forma de evitar a repetição do sujeito, uma vez que o mesmo pode ser indicado pela “flexão verbal a ele ajustada”, trazendo os seguintes exemplos:

7.a Eu acabei por adormecer no regaço da minha tia. Quando *acordei*, já era tarde, não *vi* meu pai”. (E CINTRA, 2008, p. 510).

b. “A paisagem ficou espiritualizada. Tinha adquirido uma alma”. (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 511).

c. “Só *eu e Florêncio* ficamos calados.” (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 511).

Os autores assumem a existência de regras gerais: com um só sujeito, quando o verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido, e com mais de um sujeito, quando o verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural, não há nenhuma menção a qualquer tipo ou possibilidade de variação.

Segundo Garcia e Reis (2003, p. 258) concordância é a forma de combinar a flexão das diversas palavras em uma frase. Há dois tipos de concordância: nominal e verbal. A concordância evita a repetição do sujeito, indicada pela flexão verbal correspondente, (p. 261). Nessa mesma linha, para Brito, Duarte e Matos, “a concordância deve ser vista como um processo eminentemente sintático de compatibilização de informações de pessoa e número no SN sujeito e no V” (2003, p. 440), ainda que esse verbo possa não ter marcas reais que indicam as flexões de pessoa e número. Bechara (2009, p. 543) destaca que, em português, a concordância verbal entre o sujeito ou o predicativo e o verbo é verificada em número e pessoa, “podendo ser estabelecida de palavra para palavra ou de palavra para sentido”.

Conforme Corbett (2006) citado por Maciel (2020, p. 01) reflete sobre o caráter redundante da concordância apontam que:

a concordância na questão da sintaxe, exemplo em uma frase como (1) “Eles chegaram”, a marca plural de sujeito do sintagma nominal “Eles” é reproduzida na flexão verbal de terceira pessoa do plural do verbo chegar, o que faz da concordância

uma questão de sintaxe, tendo em vista a importância do papel sintático dos itens envolvidos. Na questão de natureza semântica, como podemos observar a partir das frases (2) “The committee has agreed (A comissão concordou)” e (3) “The committee have agreed (As comissões concordaram)”, tendo em vista podemos conceituar “committee” tanto enquanto uma entidade ou como várias. Ainda assim, o domínio em que isso é possível é determinado pela sintaxe e a concordância na questão morfológica, pois é da morfologia que se exigem os morfemas para que a concordância seja estabelecida. Assim, mesmo considerando que essas observações não se apliquem a todas as línguas e que não há uniformidade, Corbett conclui que a concordância SU-V seria uma covariância entre o SN sujeito e a flexão verbal.

Sob uma perspectiva sociolinguística, entende-se que a língua é um fenômeno heterogêneo, sujeito a variações de acordo com fatores sociais, regionais e situacionais. Essas variações se manifestam em diversos níveis linguísticos, incluindo a morfossintaxe, sendo a concordância verbal um dos domínios afetados. Por isso, a não concordância verbal ocorre com menos frequência no português europeu do que no português brasileiro; portanto, “o português europeu mantém o conjunto de regras em causa de forma categórica” (MATTOS E SILVA, 1998b, p. 165). Essa regra variável ocorre também no português de Timor-Leste. Moura (2007) procura destacar a variação a fim de que a concordância entre sujeito e verbo possa ser abordada de maneira adequada nas escolas, segundo os preceitos sociolinguísticos.

Os estudos da Sociolinguística buscam realizar uma discussão que estimulem o ensino contextualizado e reflexivo de Gramática Normativa (GN) nas aulas de LP, em que sejam propostas atividades que considerem o uso da língua e suas variações em relação às questões histórico-sociais (CHAGAS, 2018). Em Timor-Leste, entendemos que o ensino da concordância verbal frequentemente recai sobre a memorização de regras descontextualizadas. Essa abordagem, que ecoa métodos pedagógicos ultrapassados, pode apresentar uma distância ainda maior da realidade linguística dos estudantes timorenses, cuja experiência com o português é mediada por suas línguas maternas e pelo uso cotidiano, por vezes distantes da norma padrão.

A nossa pesquisa se insere indiretamente na variação da concordância verbal (CV), e diretamente na interferência linguística, tendo como alvo a concordância verbal. Assim, é relevante conhecer trabalhos sobre variação da concordância verbal do português brasileiro. As investigações sociolinguísticas acerca do fenômeno da concordância no português brasileiro têm sido bastante frequentes. Dentre os estudos mais relevantes sobre essa temática, ressaltam-se os de NARO & SCHERRE (1977), que analisaram dados de falantes de Rio de Janeiro; NARO (1981); Guy (1981); Tarallo (1985); SCHERRE e NARO (1991); e outros. Esses trabalhos

revelam que a variação na marcação de concordância verbal está fortemente favorecida por variáveis extralinguísticas, como escolaridade, faixa etária, sexo, entre outros.

A partir dessas contribuições, é possível estabelecer uma relação com a nossa pesquisa que, embora situada em um contexto diferente e com dados de escrita, também investiga fatores extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem a interferência da flexão verbal do tétum na aprendizagem do português.

Segundo LEMLE e NARO (1977), o estudo da concordância verbal é de grande importância para o conhecimento dos fatores que determinam a mudança linguística e das condições sob as quais uma mudança linguística se origina e se propaga. Para Monte (2007, p. 12) a concordância verbal é um fenômeno linguístico que não pode ser analisado apenas em termos de suas relações internas na gramática, mas deve ser visto como parte de um contexto sociocultural mais amplo, no qual ele ocorre. Dessa forma, para muitos autores, a regra de concordância verbal em português não consiste numa regra obrigatória, e sim, numa regra que ora se aplica, ora deixa de se aplicar; em outras palavras, é uma regra variável. O fenômeno variável da concordância verbal seria, então, fruto da aquisição irregular e incompleta da língua portuguesa, favorecida por diversos fatores. Portanto, para analisar a interferência da concordância verbal do tétum no português necessita uma abordagem interdisciplinar que considere tanto as especificidades linguísticas das duas línguas quanto os complexos fatores sociais que permeiam seu contato.

Relativamente à presente pesquisa sobre a interferência na concordância verbal nas produções textuais dos alunos da educação básica e ensino secundário, considera-se quatro pontos: adequação da concordância verbal, inadequação da concordância verbal, uso do infinitivo e ausência verbal.

As regras básicas da concordância verbal são, conforme Grisolia e Sborgia (2004, p. 310), as seguintes:

- 1) Verbo concorda em pessoa e número com o sujeito simples.
- 2) Verbo concorda gramaticalmente com o sujeito composto, quando anteposto ao verbo.
- 3) Verbo concorda gramatical e atrativamente com o sujeito composto, quando posposto ao verbo.

A GN impõe várias categorias para ditar as regras de concordância. Isso acaba se tornando um obstáculo na aprendizagem dos alunos, até mesmo porque “a concordância é um

campo vastíssimo, em que constantemente entram em conflito a rigidez lógica gramatical e os direitos superiores da imaginação e da sensibilidade” (LIMA, 2008, p. 407- 408). Dessa forma, cabe aos professores proporcionar a melhor forma de transmitir esse conteúdo aos alunos, pois o ensino de concordância é de extrema importância para a produção textual, não somente pelo fato de o texto ficar em consonância com a norma padrão, mas ainda, pelo fato de ser um aspecto relevante para leitura e compreensão de textos.

A interferência da concordância verbal no português de Timor-Leste, especialmente entre falantes nativos do tétum ou aprendizes de português como língua não materna (PLNM), não se restringe à flexão verbal, é observada também a ocorrência de desvios no uso de formas infinitivas ou na conjugação de verbos na terceira pessoa do singular.

O português é uma língua do tipo Sujeito-Verbo-Objeto que admite variação; por isso, o sintagma nominal pode aparecer posposto ao verbo. Portanto, no que se refere à concordância verbal, é importante considerar também a relação estrutural e funcional entre o sujeito (ou sintagma nominal) e o verbo, uma vez que a concordância verbal depende diretamente das propriedades do sujeito. Em português, a concordância verbal se manifesta na correspondência entre o número e a pessoa do sujeito e as formas verbais, o que implica a análise aprofundada do núcleo do sujeito e seus determinantes. Em contrapartida, o tétum não compartilha dessa característica marcante do português. A estrutura gramatical do tétum não requer flexão verbal para designar concordância com o sujeito em número e pessoa. Para expressar a informação sobre o sujeito, podem ser utilizadas outras estratégias linguísticas, como o uso de pronomes independentes ou de marcadores.

A interferência linguística do tétum na aprendizagem do português, pode provocar desvios na concordância, resultando em construções agramaticais que revelam uma falta de correspondência adequada entre os elementos que compõem o sintagma nominal e o verbo. Portanto, o estudo da concordância verbal não pode ser dissociado da análise do sujeito, pois ambos os elementos são interdependentes na formação de frases gramaticalmente corretas/aceitáveis.

#### **4 A VARIEDADE DO PORTUGUÊS DE TIMOR-LESTE**

Neste capítulo, apresentamos aspectos relevantes das variedades do PTL e a estrutura gramatical do tétum, com foco na estrutura verbal, conforme descrito por Hull e Eccles (2005) e Costa (2001 e 2015).

Segundo Lemle e Naro (1977 p. 1) “a língua, código comunicativo de uma sociedade complexa e heterogênea, é ela mesma um sistema heterogêneo, uma rede de subsistemas, de variedades, decorrentes dos diferentes graus de coesão e contato dos diversos subgrupos da comunidade total”. Infelizmente os estudos sociolinguísticos no Timor-Leste ainda se encontram em fase de começo, e de forma geral não há referências de variáveis em mudanças.

O estudo que tem relação com a nossa pesquisa foi o trabalho de Martins (2016) sobre a interferência do português de Timor-Leste (PTL), em sua dissertação, ela analisou interferências linguísticas na aprendizagem do português por falantes de tétum, não se restringindo à concordância verbal, mas abrangendo outros aspectos gramaticais.

A convivência do português com as línguas nativas, principalmente o tétum, tem provocado fenômenos linguísticos que influenciam o modo como o português é falado pelos timorenses. Esse contato dinâmico provoca fenômenos de interferência e adaptação, nos quais os padrões das línguas nativas, especificamente o tétum, deixam sua marca na aprendizagem do português. Uma das características mais eminentes dessas influências ocorre na concordância verbal. É de conhecimento de todos os timorenses, que o português não é a língua materna da maioria da população, essa língua é aprendida principalmente no ambiente escolar, ou seja, o uso do português apenas na sala de aula. As interferências ocorridas na fala e na escrita dos timorenses são notadas por influências do tétum, tanto em aspectos fonológicos e morfossintáticos quanto no uso da concordância verbal.

A concordância verbal no português é bastante diferente da concordância no tétum, língua esta que possui uma estrutura morfológica mais simplificada, já que seus verbos não se flexionam da mesma forma que em português. Apresentamos, a seguir, alguns exemplos extraídos de nossos dados, de interferências frequentes na produção escrita dos aprendentes do PTL. Importa destacar que estes tipos de construção ocorrem também na oralidade dos aprendizes timorenses ao se expressar em português.

- i. Ausência de concordância entre sujeito e verbo – uma das características mais comuns é a falta de concordância entre o sujeito e o verbo, especialmente em frases em que o sujeito está no plural, mas o verbo permanece na forma singular.

Exemplo:

(4) Eu e a minha família come. (*eu e a minha família comemos.*)

- ii. Uso generalizado da terceira pessoa do singular – Esse fenômeno está relacionado ao fato de que, no tétum, os verbos não variam conforme a pessoa gramatical.

Exemplo:

(5) Eu não gosta brincar. (*Eu não gosto de brincar*)

- iii. Uso do infinitivo – esse fenômeno está relacionado ao fato de que, em tétum, os verbos são conjugados apenas no infinitivo. Exemplo:

(6) Eu tomar banho. (*Eu tomo o banho*).

- iv. Ausência verbal na frase – de fato, no tétum, a marcação verbal nem sempre é obrigatória, e o uso de verbos auxiliares frequentemente é implícito. Exemplos:

(7) a) O meu pai professor (*O meu pai é professor*).

b) (...) o meu avô doente (*(...) o meu avô está doente*).

Essas ocorrências demonstram uma forte interferência do tétum sobre o português, facto que justifica a presente pesquisa. Procuraremos analisar tais ocorrências por meio da metodologia variacionista, investigando fatores linguísticos e extralinguísticos que possam condicionar a realização das variantes definidas.

Entre os fatores linguísticos, apresenta-se a influência direta do tétum, que não possui uma característica de flexão verbal tão complexo quanto o português. Já os fatores extralinguísticos incluem, sexo, faixa etária, o nível de escolarização, tipo de escola, exposição ao português e o contexto em que a língua é utilizada. Em geral, os falantes com menor nível de escolaridade ou que frequentam escolas onde o português não é amplamente utilizado apresentam maior interferência do tétum na estrutura verbal.

A concordância verbal nos textos escritos desses alunos reflete um fenômeno natural de contato linguístico e aquisição de segunda língua em um ambiente multilíngue. Essas variações não devem ser vistas apenas como erros, mas sim como um reflexo do processo de aprendizagem

e adaptação da língua portuguesa em um contexto específico. Com o avanço da escolarização e o aumento da exposição ao português padrão, é possível que essas características evoluam ao longo do tempo. No entanto, é essencial considerar a diversidade linguística do país e reconhecer a influência do tétum como um fator determinante na forma como o português é utilizado pelos timorenses. Apresentaremos a seguir a forma verbal do tétum e como é classificada a sua estrutura morfossintática.

#### 4.1. Verbo e a estrutura verbal do tétum

Toda língua natural possui uma estrutura gramatical particular que define as relações internas de seus constituintes. No caso do tétum, uma das características gramaticais mais marcantes é a ausência de flexão verbal para indicar concordância com o número e a pessoa do sujeito. Desse modo, a concordância verbal do tétum difere significativamente a do português, língua em que os verbos são conjugados de acordo com a pessoa gramatical. No tétum, os verbos são invariáveis, não sofrendo flexão para indicar concordância. Segundo Costa (2015, p. 21) “em tétum não existe relação gramatical entre as unidades (nome e pessoa gramatical) por não haver flexão verbal, como em português”. Essa característica implica que o verbo no tétum mantém uma forma única, próxima ao que seria o infinitivo em português, independentemente de quem seja o sujeito da ação. Em tétum, a marcação de pessoa, número, tempo e aspeto é feita por formas livres, ou seja, expressa através de palavras que ocorrem na frase como; advérbios, locuções adverbiais, locuções verbais etc. Assim, em tétum, o verbo não apresenta variação em número, tempo, modo, aspeto, voz ou pessoa. Não possui as conjugações típicas do português terminadas em- ar, er e ir, e não é classificado como regular ou irregular. Portanto, a dimensão sintática dos verbos em tétum é crucialmente diferente com relação ao português.

Conforme Costa (2015, p. 27), o tempo é expresso, por certas partículas, advérbios ou verbos que indicam o presente, passado e futuro.

1. Para indicar o presente, emprega-se o verbo na forma simples, ou o verbo mais um advérbio ou expressão adverbial de tempo presente, como que a reforçar o sentido.  
Ex.: eu vou: *há'u bá*; eu vou indo: *ha'u bá dadaun*.
2. Para indicar o passado, usa-se o verbo seguido da partícula *ona* ou o verbo com a marca de tempo (passado), com ou sem a partícula *ona*.  
Ex.: Eu comi: *ha'u han ona*; ontem não comi: *horiseik ha'u la han*.
3. Para indicar o futuro antepõe-se a partícula *sei* ao verbo ou o verbo com a marca de tempo, com ou sem a partícula *sei*.

Ex.: eu comerei: *ha'u sei han*; amanhã comerei: *aban ha'u sei han*.  
 4. Para indicar o imperfeito antepõe-se a partícula *uluk* ao verbo.  
 Ex.: antes sabia, agora não: *ha'u uluk hatene*, *oras ne'e lae*.

O quadro seguinte representa esquema aquilo que acabámos de dizer.

**Quadro 01-** Representação do tempo em tétum

Tempo presente	SVO	Eu como arroz: <i>Ha'u han etu</i>
Tempo passado (perfeito)	SV <i>ona</i> O	Eu comi arroz: <i>Ha'u han ona etu</i>
Tempo passado (imperfeito)	S <i>uluk</i> VO	Eu comia arroz: <i>Ha'u uluk han etu</i>
Tempo futuro	S <i>sei</i> VO	Eu comerei arroz: <i>Ha'u sei han etu</i>

Fonte: Costa (2015, p. 28)

Em cada um dos países da CPLP, o português sofre influências de outras línguas locais, processos de contato linguístico e fenômenos sociolinguísticos que conferem singularidades ao idioma. Portanto, ao se analisar o português em cada um desses contextos, é fundamental considerar tanto as regras gramaticais da língua quanto às especificidades que se revelam em razão do contato com outras línguas e culturas. Dessa forma, embora a língua portuguesa tenha uma base gramatical comum a todos os países onde é falada, as variedades regionais merecem ser estudadas em suas especificidades, enriquecendo o entendimento sobre a diversidade do idioma.

Conforme Hull e Eccles (2005, p. 261),

O Tétum Nacional (TN) ou também designado por Tétum-Praça é a variedade do tétum que se desenvolveu na cidade de Díli (conhecida como a Praça) depois dos portugueses a terem tornado a sua nova capital em 1769. O tétum de Díli foi influenciado pela língua originária, o mambai do distrito e, principalmente, pelo português.

Sociologicamente o tétum praça era falado na capital do território e por isso mantinha uma áurea de prestígio sobre as outras línguas locais usadas. Foi este o principal fator que favoreceu a sua expansão por todo o território como língua veicular,

De acordo com Hull (2001), Timor-Leste caracteriza-se como uma área linguística em que a maioria das línguas compartilha uma série de traços comuns, entre eles a ausência de morfologia flexional. Albuquerque (2024, p. 213) também salienta que “as línguas nativas de Timor-Leste, em sua maioria, não apresentam morfologia flexional”. Essas afirmações são pontos importantes para a proposta da nossa investigação que foca na interferência da concordância verbal do tétum no português.

Os verbos do tétum, estruturalmente, estão divididos em duas grandes categorias: verbos básicos e verbos derivados. Os verbos derivados são formados a partir dos verbos básicos pela junção de um sufixo ou circunfixo. Considera-se um circunfixo um conjunto afixal constituído por pelo menos dois elementos que funcionam na mesma palavra. A junção de um circunfixo acontece por exemplo em certos verbos para formar outros verbos. Por exemplo, o circunfixo hak - k exprime um sentido figurativo ou intensivo aos verbos causativos e simples (Hull 2005: 90).

Dos verbos básicos, originariamente muitos dos verbos do tétum nativos terminam em vogal. As terminações vocálicas continuam a caracterizar os verbos não adjetivais da língua moderna (Tétum Nacional). Podemos verificar alguns dos exemplos:

Tétum	Português
<b>Bá</b>	ir
<b>Mai</b>	vir
<b>Hemu</b>	beber
<b>Tau</b>	pôr/colocar
(...)	

Há também verbos de origem portuguesa e malaia. Os de origem portuguesa podem terminar numa vogal (-a, -e, ou -i) ou numa consoante. Na maior parte dos casos, o tétum tomou por empréstimo a terceira pessoa do singular do presente do indicativo português, como por exemplo:

Português	Tétum	Português
gostar de	<b>gosta</b>	gosta
produzir	<b>prodús</b>	produz
atrair	<b>atrai</b>	atrai
contradizer	<b>kontradís</b>	contradiz

Em tétum, a pessoa e o número conhecem-se pelo pronome pessoal, que deve anteceder sempre o verbo. Ilustramos essas diferenças no quadro a seguir:

**Quadro 02-** conjugação verbal no tétum vs. no português

Pessoa gramatical	Tétum	Português
	Halimar	Brincar
1. <sup>a</sup> pessoa do singular	Ha'u <b>halimar</b>	Eu brinco
2. <sup>a</sup> pessoa do singular	Ó <b>halimar</b>	Tu brincas
3. <sup>a</sup> pessoa do singular	Nia <b>halimar</b>	Você/ele/ela brinca
1. <sup>a</sup> pessoa do plural	Ami/ita <b>halimar</b>	Nós brincamos
3. <sup>a</sup> pessoa do plural	Sira <b>halimar</b>	Vocês/eles/as bricam

**Fonte:** autora do trabalho

Essa ausência de flexão verbal no tétum constrata diretamente com o português, que exige a concordância verbal, resultando em formas diferentes para cada pessoa e número.

Em português, muitos verbos exigem o uso de preposições para estabelecer relações sintáticas adequadas entre os seus complementos, como em “precisar de”, “gostar de” ou “assistir a”. Como afirma Costa (2015, p. 24) “em tétum o complemento verbal não é introduzido por preposição, como em português”. No entanto, em tétum, essa exigência preposicional não ocorre de maneira sistemática, isto é, não mantêm a estrutura sintática original do português, ou eles perdem o uso das preposições.

Por exemplo, o verbo *gostar* em português exige a preposição “de”, como em “gostar de algo”. Em tétum, no entanto, a expressão equivalente seria simplesmente “gosta” (por exemplo, *Ha'u gosta ó*), sem o uso de uma preposição intermediária. Da mesma forma, o verbo *assistir* em português requer, na norma padrão, a preposição “a” quando se refere ao ato de ver ou presenciar algo, como em “assistir ao filme”, enquanto em tétum, o equivalente *haree* não necessita de uma preposição (*Ha'u haree filme/ ha'u asisti filme*).

Segundo Costa (2001, p. 31) apresenta algumas particularidades relevantes da língua tétum:

a). O sujeito deve estar sempre expresso na frase. Exs.: Eu vou: *ha'u bá*; o velho dorme: *katuas toba*; o rapaz brinca com o pião: *labarik halimar ho piaun*. b). Em tétum não existe o verbo equivalente a “ser”; assim, os nomes predicativos aparecem logo depois do sujeito ou depois do seu determinante se o tem. Exs.: Esta casa é alta: *uma ne'e aas*; aquele búfalo é grande: *karau ne'ebá boot*. c). Apenas nas frases negativas, usa-se a partícula *la'os* (“não ser”). Exs.: Tu não és meu irmão: *o la'os ha'u-nia maun*. d). O verbo *estar em* traduz-se pela palavra *iha* que, além de ser preposição *em*, tem também essa acepção. Exs.: Eu estou em casa: *ha'u iha uma*; Os peixes estão no mar: *ikan sira iha tasi*. e). É com o mesmo verbo *iha* significando “existir”, “haver”, que se traduz o verbo “ter” ou “possuir”. Exs.: Eu não tenho casa: *ha'u la iha uma*; Ele não possui cavalo: *nia la iha kuda*.

Conforme a análise de Costa (2001), a estrutura das frases em tétum segue uma ordem específica de seus constituintes. Podemos verificar isso nos exemplos apresentados abaixo:

- i. A ordem canônica dos constituintes da frase declarativa em tétum é Sujeito-Verbo-Objeto.

Exs. Eu comprei um livro: *Há'u sosa ona livru ida*

S V O

- ii. Para construir uma oração negativa, insere-se o advérbio *la* imediatamente antes do verbo.

Eu não comprei um livro: *Há'u la sosa livru ida*.

Neg. V

- iii. Em tétum, o sujeito das orações nunca pode ser omitido (como acontece em português).

- iv. Quando um adjetivo qualifica um substantivo, coloca-se depois do substantivo (como em português).

Ex: Ele é uma pessoa boa: *Nia ema di'ak*.

Subs. Adj.

- v. Em tétum os substantivos e adjetivos não têm flexão como em português. Para expressar o singular e plural, por exemplo, usam-se alguns determinantes, que ocorrem depois do substantivo.

Ex: Eu comprei um livro: *Há'u sosa ona livru ida*.

Det. Subs. Subs. Det.

## 4.2 Marcadores verbais do tétum

Para identificar o modo, o tempo, a pessoa, o número e o aspecto de um verbo em português, é essencial observar sua conjugação, mas em tétum é totalmente diferente, porque os verbos são inflexionais. Para entendermos o modo e o aspecto em uma enunciação em tétum, é fundamental identificar através dos marcadores verbais. Segundo Ramos (2023, p. 13) “os marcadores verbais são como um dos morfemas que indicam como e quando a ação ocorre no momento da enunciação, em tétum pode ser marcado por formas que se associam ao verbo ou por adjuntos adverbiais temporais que remetem a ação por momento de anterioridade, atualidade e posterioridade ao da enunciação”. Os marcadores verbais, segundo Hull e Eccles (2005) são: **tiha, ona, daudaun, hela, foin, sei, atu e ba.**

A função ou valor dos marcadores verbais se processa assim, conforme Hull (2005):

- i. **tiha**, após o verbo indica que o processo verbal está completo, com o valor perfectivo;
- ii. **ona**, após o verbo indica que começou um processo ou que surgiu uma situação, a função inceptiva, (marcador incoativo);
- iii. **daudaun**, após o verbo indica que o processo verbal está a decorrer, a função progressiva;
- iv. **hela**, após o verbo indica que o processo verbal está a decorrer ou atingiu um estado de repouso, a função estativa;
- v. **foin**, antes do verbo indica que o processo verbal acaba de decorrer, a função recentiva;
- vi. **sei**, antes do verbo indica que ainda não foi atingido o ponto final do processo e pode indicar que o processo ainda está por começar, referindo-se assim ao futuro, a função prospectiva;
- vii. **atu**, antes do verbo indica um processo verbal iminente ou a intenção de levar a cabo o processo verbal, a função iminentiva;
- viii. **ba**, antes do verbo indica proximidade física temporal do processo verbal, função aproximativa.

Podemos verificar esses fatos nos exemplos abaixo apresentados:

**Tiha:** Maria bá **tiha** festa. (*A Maria foi a festa*).

**Ona:** Ha'u bá **ona** Ermera. (*Eu já partiu para Ermera*).

**Dadaun:** Sira halimar **daudaun**. (*Eles estão a jogar*).

**Hela:** Maria **hein** hela Nélio. (*A Maria está à espera do Nélio*)

**Foin:** Nia **foin** bá. (*Ele/ela acaba de sair*).

**Sei:** Ha'u-nia avó **sei** hakerek poesia nafatin. (*A minha avó ainda escreve poesia*).  
Aban sira **sei** bá Díli. (*Amanhã eles/elas irão a Díli*).

**Atu:** Ha'u **atu** sosa bilhete ba konsertu. (*Eu vou (pretendo) comprar bilhetes para o concerto*).

**Ba:** Ha'u hakarak osan **ba** sosa pasta foun. (*Eu quero dinheiro para comprar pasta nova*).

Portanto, o fenômeno das interferências linguísticas, especialmente no campo da flexão verbal, ocorre quando falantes de Português como língua não materna, neste caso, falantes timorenses, transferem padrões gramaticais e estruturas sintáticas de suas línguas maternas para o uso do Português. Esse processo é comum em situações de bilinguismo ou multilinguismo, onde os indivíduos alternam entre diferentes sistemas linguísticos, frequentemente incorporando elementos de uma língua na outra. No contexto timorense, esse fenômeno é particularmente relevante devido à convivência do Português com outras línguas locais, como o tétum e diversas línguas autóctones. Essas línguas apresentam sistemas gramaticais e padrões morfológicos distintos do Português, especialmente no que diz respeito à concordância verbal. Por exemplo, em línguas locais que possuem uma morfologia verbal menos complexa, os falantes podem ter dificuldades em aplicar corretamente as flexões de tempo, modo e aspecto do verbo em Português, resultando em formas verbais simplificadas ou na aplicação de regras gramaticais próprias de suas línguas nativas. Partimos, agora, para a parte metodológica do presente estudo.

## **5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa. Como o nosso estudo sustenta-se na metodologia laboviana, envolve os seguintes procedimentos: comunidade de fala investigada, a coleta de dados, transcrição ou compilação desses dados, estabelecimento das variantes sob estudo e da delimitação da análise. O passo seguinte consiste em processar os dados para, dessa forma, obter resultados distribuídos e analisá-los linguisticamente, de acordo com as hipóteses previamente aventadas.

A presente pesquisa integra-se na perspectiva da sociolinguística variacionista, assumindo, segundo Naro (2004, p. 15), que “o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada por um conjunto de regras”. Buscaremos por meio da análise de fatores linguísticos e extralinguísticos, compreender de que maneira estes condicionantes atuam na realização do fenômeno linguístico estudado. Nos fatores linguísticos, analisaremos elementos de natureza, morfossintática com o foco na CV. Relativamente aos fatores extralinguísticos, observaremos escolaridade, sexo e tipo de escola, além de apreciarmos a variedade da língua materna dos participantes.

### **5.1. A Comunidade de fala investigada**

As investigações sociolinguísticas são de base empírica, desenvolvidas a partir de dados linguísticos concretamente produzidos em contextos reais de comunicação. Nesse contexto, foi indispensável o conhecimento do grupo social, principalmente dos informantes que nos forneceram os dados. De acordo com Coelho et al (2015), uma quantidade pequena, mas representativa da comunidade é o que importa. Dessa forma, cabe ao pesquisador ter noção que os informantes selecionados devem ser representativos da comunidade de fala a que pertencem. No estudo de campo, alguns processos devem ser seguidos quanto à definição do universo da amostra e ao tamanho e estratificação da amostra. Na definição do universo da amostra, precisamos saber qual é a comunidade de fala que desejamos investigar e quais as suas particularidades, já que a definição da comunidade de fala a ser investigada vai se refletir na maneira de selecionar os informantes (COELHO et al, 2015).

Sabemos que tamanho da amostra é um aspecto essencial do plano da investigação, pois garante que os dados coletados sejam representativos e possam ser usados para chegar a uma conclusão sobre a população estudada. Assim, de acordo com Coelho et al (2006), os estudos sociolinguísticos têm apontado que não há necessidade de amostras tão grandes para se analisar fenômenos variáveis, dado que, em virtude de não estar sujeito à manipulação consciente, o uso linguístico é mais homogêneo do que o comportamento humano acerca de outros fatos.

Relativamente à estratificação da amostra, as dimensões sociais pertinentes para a variação necessitam ser percebidas, já que vão se refletir na constituição das células sociais, ou seja, no tamanho e na constituição da amostra. E de acordo com COELHO et al (2006, p. 101) “célula social” é o “conjunto de indivíduos agrupados pelas mesmas características sociais relevantes para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística”.

A comunidade de fala investigada – Timor-Leste - compreende estudantes adolescentes, com idades entre 12 e 20 anos, naturais de diferentes municípios do país. O *corpus* foi selecionado por amostragem aleatória estratificada por escola, sexo, tipo de escola e língua materna, totalizando 120 participantes regularmente matriculados e com frequência ativa. A distribuição da amostra contém 30 alunos por escola, sendo 15 do sexo feminino e 15 do sexo masculino. Para cada participantes, foram coletados dados de identificação pessoal, incluindo sexo, idade, nível de escolaridade e tipo de escola e língua materna. A amostra foi composta por 60 participantes do sexo masculino e 60 do sexo feminino, considerando a classes sociais, estudantes do ensino básico (público e privado) e do ensino secundário (público e privado). A amostra foi composta por 60 estudantes provenientes de escolas privadas e 60 de escolas públicas. Em relação ao nível de ensino, 60 alunos cursaram o 3.º ciclo da educação básica e 60 cursaram o ensino secundário. Quanto à localização geográfica, duas escolas situavam-se em áreas rurais e duas em áreas urbanas. Especificamente, os dados das escolas privadas são oriundos das áreas urbanas, enquanto os dados das escolas públicas provêm de áreas rurais. Os testes ou atividades de produção escrita foram aplicados a todos os alunos da turma. Desta totalidade, selecionamos como critério de amostragem, 30 produções textuais por escola. Quanto à distribuição linguística, estamos trabalhando com 120 informantes falantes de tétum. No entanto, 30 participantes possuem outras línguas maternas, como o kemak, o bunak, o fataluco, entre outras. Esses 30 participantes, contudo, também dominam e falam fluentemente o tétum.

Foi feito o cômputo e análise dos dados dos 120 num primeiro momento, mas, numa segunda etapa, foi verificado se há algum comportamento diferente dos 30 que não têm o tétum como língua materna.

## **5.2. Perfil de escola privada e pública em Timor-Leste**

O estudo aqui proposto é uma pesquisa de campo cujos dados foram coletados em quatro diferentes escolas em Timor-Leste, duas eram de escolas públicas e duas eram de escolas privadas. Em Timor-Leste, existe uma diferença significativa entre as escolas públicas e privadas em relação à carga horária, infraestrutura, atividades extracurriculares, etc. Geralmente, as escolas privadas tendem a ter uma carga horária mais extensa do que as escolas públicas. Isso pode incluir mais horas de aula por dia, aulas aos sábados. Por outro lado, as escolas públicas seguem um horário mais padronizado, muitas vezes com turnos limitados devido ao grande número de alunos e à falta de infraestrutura. A diferença no número de alunos por turma entre escolas privadas e públicas em Timor-Leste é um fator crítico que afeta a qualidade do ensino. Nas escolas privadas, a limitação do número de alunos, tipicamente até 30 por turma, permite ao professor uma atenção mais individualizada. Enquanto nas escolas públicas, onde o número de alunos pode chegar até 60 ou mais por turma, o desafio para o professor é consideravelmente maior.

Geralmente, a infraestrutura é uma das maiores disparidades. As escolas privadas, frequentemente, oferecem melhores instalações, como salas de aula mais equipadas, bibliotecas, laboratórios de informática e ciências, etc. Em contrapartida, muitas escolas públicas, especialmente nas áreas rurais, enfrentam desafios como salas de aulas muito limitadas, falta de materiais didáticos, etc. Deste modo, em Timor-Leste, existe uma percepção generalizada de que os alunos de escolas privadas são mais inteligentes, bem formados e disciplinados do que os de escolas públicas.

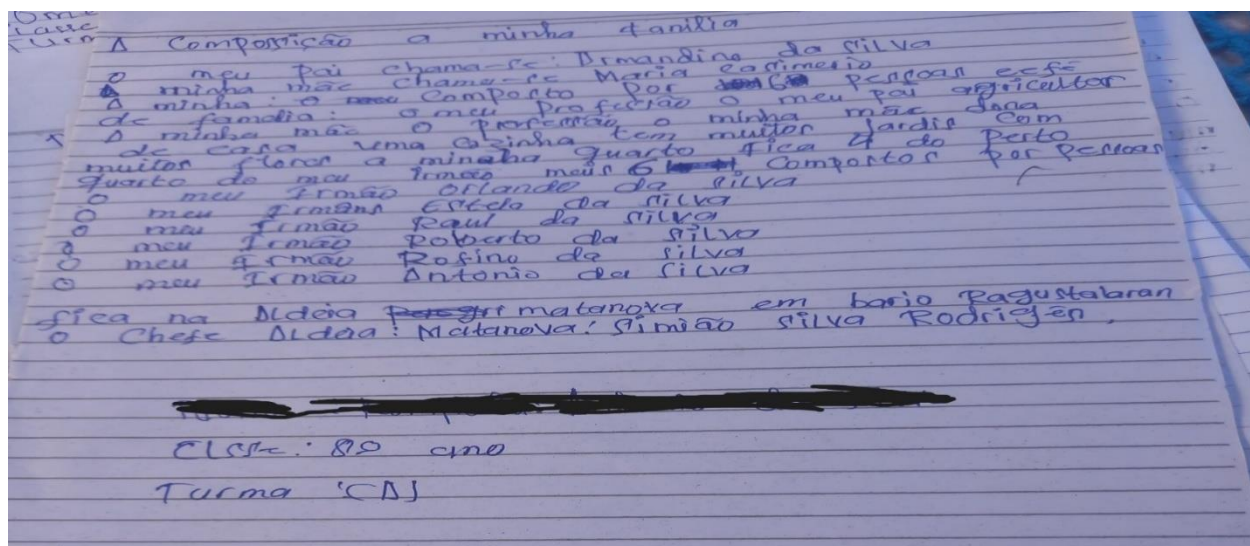
### 5.3. Corpus e Coleta de Dados

Antes de apresentar os procedimentos de coleta de dados, destacamos que, devido às condições específicas de realização do estudo, a coleta foi realizada com o apoio dos colegas professores em campo. Após a aplicação das atividades em sala de aula, os textos foram enviados por meio de plataformas digitais, como Gmail e WhatsApp à pesquisadora.

No mês de outubro de 2024, a pesquisadora deu início à coleta de dados. Os dados foram obtidos a partir dos textos escritos por alunos do ensino básico e do ensino secundário em escolas públicas e privadas de Timor-Leste. A organização da atividade foi realizada pelos professores de Língua Portuguesa, que propuseram aos alunos a produção de textos escritos em sala. As atividades realizadas para a produção textual foram aplicadas pelos professores no Timor-Leste, conforme a sua programação pedagógica, utilizando-as como provas diárias ou pré-testes. Após a produção, os professores coletaram os textos e os enviaram à pesquisadora via internet.

As atividades foram realizadas em sala de aula, durante o horário regular das disciplinas, para garantir a espontaneidade da produção e minimizar a influência externa no uso da língua. Os conteúdos abordados foram relatos sobre a vida dos alunos, ou seja, temas relacionados ao cotidiano, como histórias sobre a família, a escola e a rotina diária. O exemplo do texto produzido é ilustrado abaixo:

Figura 03 - Texto de informante



Fonte: autora do trabalho

**Figura 04** - Texto de informante

The image shows a handwritten note on lined paper. At the top, there is a name that has been completely blacked out with a marker. Below the name, it says 'Classe: 10º Ano CSH', followed by another line of text that is also blacked out. The title of the note is 'Rotina Diária'. The main body of the text describes a daily routine: 'Levantou-me às 6:40 de manhã e eu sentam-se 5 minutos e depois eu vou para tomar banho acabar de tomar banho e eu vou preparar as roupa da escolar e depois acabar de vestir a roupa eu come o pão e eu bebo o leite acabar de comer e beber eu arrumou as minhas materia para escola até na escola eu e os meu colega fazemos formatura nós entramos na sala de aula 1 hora 45 minutos no saímos da escola eu sobiu a microlet até na casa eu come a arroz e depois eu tomar o banho e depois 2 horas eu descansar e depois eu levantou-me e depois eu tomou banho e eu com os meus colegas foi para jogar a bola.'

**Fonte:** autora do trabalho

Na visão de Marcuschi (2005, P. 19),

[...] os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros textuais contribuem para estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia [...]. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como relação com inovações tecnológicas.

Assim, a liberdade temática pode proporcionar uma ampla visão das influências socioculturais e do desenvolvimento linguístico dos alunos e pode capturar um conjunto de diversas expressões e perspectivas, refletindo as experiências individuais e coletivas dos alunos.

#### **5.4. Transcrição e tratamento dos dados**

Os dados coletados foram todos escritos em papel. Dessa forma, após a coleta, foi necessário transcrevê-los para o Word, a fim de facilitar o acesso e compreensão. A primeira etapa do processamento consistiu na transcrição detalhada desses textos produzidos pelos alunos para o ambiente digital. Os textos em papel foram transcritos para documentos do Microsoft Word, visando facilitar a organização e a análise qualitativa dos dados. Durante o processo de transcrição, buscou-se a máxima fidelidade ao material original, considerando-se integralmente a ortografia e a gramática empregadas pelos alunos participantes. Para Malhotra (2010), o tratamento de dados é uma etapa crítica no processo de pesquisa, pois influencia diretamente a qualidade e a validade dos resultados obtidos. A organização e transformação dos dados são importantes para identificar padrões, tendências e relações que podem levar a conclusões significativas. Segundo Gil (2019), o tratamento de dados envolve um conjunto de operações que visam proporcionar uma visão clara e precisa do fenômeno investigado. Sem um tratamento adequado, os dados coletados permaneceram dispersos e dificilmente contribuiriam para responder à questão de pesquisa.

Após a digitalização, procedeu-se à seleção e identificação dos verbos presentes em cada texto do aluno. Esta fase envolveu uma leitura atenta e a marcação sistemática de todas as formas verbais ocorridas no texto. Colocaram-na com cores diferentes para cada variante, dependendo se o verbo está na forma padrão, na forma não-padrão, no infinitivo ou na ausência verbal. Posteriormente, realizou-se contagem do número total de verbos ocorridos em cada texto. Em seguida, identificou-se a frequência da concordância padrão, concordância não-padrão, o uso do infinitivo e ausências verbais apresentadas por cada informante. Em seguida, separaram-se as ocorrências dos verbos encontrados por escola pública e privada, por sexo masculino e feminino e por ensino básico e secundário, também se distinguem por fatores linguísticos, como o tipo do verbo, o tipo de sujeito, a posição de sujeito, o tipo de conjugação e o tempo verbal. Em seguida, totalizaram-se os resultados das variantes para cada variável, conforme ilustrada na figura abaixo:

Figura 05 – Texto do informante digitalizado

A minha família **localizam** na aldeia **Asu-lau Hautete** no suco **Fatu-Bessi** no bairro de **Asulau**. A minha casa **é** composto por 9 pessoas.

A irmãos três pessoas e irmãs quatro pessoas.

O meu pai **chama-se** **Blacios** da C. Soares e a minha mãe **chama-se** **Bernadete Graça** da Silva.

O meu pai **é** agricultor e a minha mãe **é** em casa. No chefe de família **é** o meu pai. O pai e **é** de **Suai Foborem** e a minha mãe e **é** de **Asulau**. A uma (casa) **tem** **muitos jardim** com muitos flores.

O primeiro irmão **(chama-se)** **Remigio Soares da Silva**. Segundo irmãos **(chama-se)** **Leopoldino M. da Silva** e terceiro **(chama-se)** **Moizes Soares da Silva** e primeira irmãs **(chama-se)** **Adelaide G. da Silva**, segundo **(chama-se)** **Adelina G. Soares** e terceiro **(chama-se)** **Cidania G. da Silva** e quatro **(chama-se)** **Zelia G. Soares**.

Total 17 verbos

CP = 3                      inf = 0

CDP = 1

Aus = 13

Fonte: autora do trabalho

Figura 06 – Texto do informante digitalizado

I

**Levantou-me** as 5:00 **demanhã** para **faz** o pequeno almoço, em primeiro **lazar**, antes de **saio** para fora, e depois **ajudar** a minha mãe lavar os pratos e depois **preparar** os materiais de casa de banho **acabou** de tomar banho **prepara** as minha materiais caderno, livro, **lapizeira**, lápis, apagador para **eu vou** a escola.

Até **a escola seguir** instrução de formatura. **Ouvimos** as informações no **diretor**. **nos entramos** na sala de aula, **nos fazamos**. **Nos começamos** com língua portuguesa. Depois de aula nos intervalos **vou** pagar a comida na cantina e depois as 1:45 **o professor tocar** o sino para **nós voltamos** a casa **ate** a casa **ajudou** a minha mãe tecer **o-tais**.

Tipo de sujeito:

Simplex: 7 (inadequada 2=infinitivo)

Composto: 0

Tipo de verbo

Estado: 0

Ação: 18 (inadequada 12, infinitivo 5)

Tempo verbal

Presente: 10 (inadequada 3)

Pretérito: 3 (inadequada 3)

Futuro: 0

Tipo de conjugação verbal

1ª conjugação: 12 (inadequada 9, infinitivo 3)

2ª conjugação: 1 (inadequada 1)

3ª conjugação: 3 (inadequada 2)

Fonte: autora do trabalho

Destacamos que, nesta pesquisa, não foram utilizadas ferramentas estatísticas como o Programa R ou Goldvarb devido à limitação de tempo. Em investigações futuras, poderemos utilizá-las para uma análise mais aprofundada dos dados. Para a organização e o tratamento

dos dados coletados, foi utilizado o Microsoft Excel. Essa ferramenta possibilitou a sistematização das informações e o cálculo dos percentuais referentes às produções dos alunos, conforme as variáveis linguísticas e extralinguísticas estabelecidas. Após reunir todos os resultados para cada variante e variável, permitiu verificar se a nossa hipótese foi confirmada ou refutada.

## **5.5. VARIÁVEIS ANALISADAS**

Nesta seção, apresenta as variáveis linguísticas e extralinguísticas investigadas. Com o objetivo de identificar os fatores da estrutura linguística e extralinguística que condicionam o fenômeno em estudo, foram definidas as seguintes variáveis:

### **5.5.1. Variável dependente**

A variável dependente do nosso estudo é o fenômeno da interferência da concordância verbal na produção textual dos alunos falantes de tétum aprendendo formalmente o português, tendo como variantes:

1. Aplicação da concordância padrão (exemplo: Eles *têm* dois filhos);
2. Aplicação da concordância não-padrão (exemplo: Eu e o meu pai *vai* ao município);
3. Ausência Verbal (exemplo: A minha mãe (*é*) professora);
4. Uso do infinitivo (exemplo: eu *fazer* o meu trabalho de casa).

### **5.5.2. Variáveis independentes extralinguísticas**

Os condicionadores, em um caso de variação, são os fatores que regulam, que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante. [...] Eles são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos da língua ou externos a ela. No primeiro caso, são também chamados de condicionadores linguísticos. [...] No segundo caso, são também chamados de condicionadores extralinguísticos. (COELHO, GÖRSKI, SOUZA e MAY, 2015, p. 20)

Labov afirma que há “correlação de padrões sociais com o padrão distribucional de uma variável linguística” (LABOV, 2008, p. 62). Além dos fatores linguísticos internos que favorecem o uso de certas formas, existem diversos elementos contextuais de natureza social envolvidos, já que as variáveis “não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes sistematicamente

equivalente” (MOLLICA, 2004b, p. 28). Dentre as variáveis sociais, incluíram-se: escolaridade, sexo, tipo de escola e língua materna.

Os fatores extralinguísticos vão definidos conforme ilustrado no quadro a seguir:

**Quadro 03** – Distribuição dos informantes, segundo fatores extralinguísticos

Escolaridade	Tipo de Escola	Sexo	Informantes	Língua materna	
				Tétum	Outras
<b>Ensino Básico – 3.º Ciclo</b>	Escola Privada	M	15	19	11
		F	15		
	Escola Pública	M	15	30	0
		F	15		
<b>Ensino Secundário</b>	Escola Privada	M	15	24	6
		F	15		
	Escola Pública	M	15	17	13
		F	15		
<b>Total</b>			<b>120</b>	<b>90</b>	<b>30</b>

**Fonte:** autora do trabalho

Esses grupos de fatores foram selecionados com o propósito de observar se escolaridade, sexo, tipo de escola e língua materna condicionam expressivamente a ocorrência da concordância verbal padrão e não-padrão nas produções textuais desses alunos. Em outras palavras, escolhemos essas variáveis para analisar o comportamento do fenômeno da interferência da concordância verbal produzida pelos informantes do ensino básico e ensino secundário, tanto de escolas públicas quanto privadas.

### 5.5.2.1. Escolaridade

Labov (2008) considera que a manifestação da fala do indivíduo demonstra seu status social, contudo, nem todas as variações presentes na língua falada recebem avaliação social.

Quando uma determinada forma adquire prestígio social, é natural que seja adotada por aqueles que querem usufruir dessa forma de prestígio. Dessa forma, a de escolaridade de um falante está associada, também a essa valorização social, embora não seja o único fator que a determine, considerando que,

o status social de um indivíduo é determinado pelas reações subjetivas de outros membros da sociedade, mas para quem é de fora é mais fácil usar indicadores sociais e econômicos objetivos para avaliar a posição de indivíduos particulares. Nos Estados Unidos, obtemos a estratificação geral mais precisa por meio de variadas combinações de profissão, educação, renda e área residencial (LABOV, 2008, p. 328).

Em que medida a escolaridade dos informantes influencia na aplicação da regra de concordância? Sabemos que a escola transmite a norma padrão, preconizando a flexão verbal. Segundo Scherre (1988), está comprovado que a escola é a principal instituição que preza pelo ensino da norma culta ou de maior prestígio social e, por isso, quanto maior for o grau de escolarização do falante, mais probabilidade ele terá de aplicar a regra plural no SN e no verbo.

Portanto, acreditamos que quanto menos escolarizado for o falante, menores serão suas chances de aplicar a regra padrão de concordância verbal. Relativamente a esse grupo de fatores, controlamos os seguintes níveis: ensino básico 3.º ciclo e ensino secundário, tanto da escola privada quanto da pública.

#### **5.5.2.2. Sexo**

A motivação para avaliar o papel do gênero sobre a variação linguística pode ser sintetizada pelas palavras de Rodrigues (1987, p.199):

as variedades linguísticas ligadas a sexo aparecem como resultado do fato de a língua, enquanto fenômeno social, estar intimamente relacionada com atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes, a eles são atribuídos diferentes papéis e, por isso, deles se esperam padrões de comportamento diferenciados.

Inúmeros estudos mostraram que há uma tendência de as mulheres usarem a variedade linguística de prestígio ou dela se aproximarem, com mais frequência do que os homens. Talvez pelo fato de as mulheres se mostrarem mais receptivas à atuação normatizadora da escola e também por serem mais afeitas ao uso das formas mais conservadoras. Ou também pela pressão que sofrem em ter um comportamento mais correto do que os homens. Assim, Labov (1982, p. 78) afirma genericamente que “na maioria das mudanças linguísticas, as mulheres estão à frente

dos homens na proporção de uma geração”. Para nossa pesquisa, do total de 120 informantes selecionados, 50% (60) são do sexo masculino, e os 50% (60) restantes são informantes do sexo feminino. Esperamos que o sexo dos informantes seja determinante para o uso da variável da CV.

#### **5.5.2.3. Tipo da escola**

Relativamente ao tipo de escola, no contexto de Timor-Leste, é de conhecimento geral que os estudantes de escola privada tendem a seguir mais a norma padrão da língua, enquanto aqueles de escolas públicas apresentam mais variações linguísticas regionais ou informais, uma vez que a carga nas escolas privadas é maior em comparação com as públicas. Nesta pesquisa, do total de 120 informantes selecionados sessenta (60) são de escolas privadas e sessenta são de escolas públicas. Destacamos ainda que, os informantes das escolas privadas são oriundos da área urbana, enquanto os das escolas públicas vêm da área rural.

#### **5.5.2.4. Língua Materna**

Embora esta variável não seja foco principal do nosso estudo, ela foi analisada para identificar possíveis diferenças de comportamento entre os informantes. Na pesquisa sociolinguística, cada indivíduo fala de uma maneira diferente, dependendo de onde nasceu e com quem conviveu, ou seja, em função de sua comunidade de prática. Essas variações fazem com que a fala seja heterogênea, ou seja, variada. Além disso, os falantes podem transferir características de sua língua materna para a nova língua, ou seja, a segunda língua, como sotaque, estrutura gramatical e vocabulário.

#### **5.5.3. Variáveis independentes linguísticas**

As variáveis explanatórias utilizadas para identificar fatores da estrutura linguística que condicionam o fenômeno de interferência da concordância verbal em estudo são as seguintes: tipo de verbo (estado e ação), tipo de sujeito, tipo de conjugação, tempo verbal e pessoa gramatical.

### 5.5.3.1. Tipo de verbo (estado e ação)

Esse grupo de fatores relaciona-se diretamente com o tipo de argumento selecionado pelos verbos para desempenharem a função de sujeito na sentença. Sendo assim, os tipos de verbo a serem controlados foram o verbo de ação e o verbo de estado.

A seguir, ilustramos alguns exemplos:

#### **Verbo de ação**

- (8) a) Eu comi e bebi muito nesta final de semana.  
b) ela estudou para a prova.

#### **Verbo de estado**

- c) Ele ficou muito contente.  
d) A minha família é composta por 7 pessoas.

### 5.5.3.2. Tipo de Sujeito

Almeida (1992, p. 441) deixa claro que “o verbo é que deve concordar com o sujeito e não o sujeito com o verbo, porque o verbo é que depende do sujeito e não o contrário”. Nesse mesmo raciocínio, o gramático Cegalla (2010, p. 450) também prescreve que “o verbo concorda com o sujeito, em harmonia com as seguintes regras gerais”. Considerando que a estrutura sintática do tétum difere significativamente do português, especialmente no que diz respeito à concordância entre sujeito e verbo, verificando certos tipos de sujeito favorecendo a ocorrência de interferências na flexão verbal. Desta forma, nesta pesquisa, analisamos os tipos de sujeito simples e composto. A seguir, ilustramos alguns exemplos:

#### **Sujeito simples**

- (9) a) De manhã, eu acordava às 6 horas e vinte e cinco minutos.  
b) Nossa escola fica perto do mercado.

### **Sujeito composto**

c) Eu e a minha família foram à montanha.

d) Professor e professora entram na aula.

### **5.5.3.3. Tipo de conjugação verbal**

No tétum, os verbos não se agrupam em conjugações baseadas nas terminações como em português (ar, er e ir). Assim, nesta variável, procuramos identificar qual terminação verbal favorece mais a ocorrência da interferência na concordância verbal.

Verificamos nos seguintes exemplos:

#### **Verbo da 1.<sup>a</sup> conjugação**

(10) O meu pai trabalha em Gleno.

#### **Verbo da 2.<sup>a</sup> conjugação**

(11) O aluno aprende a escreve a carta formal.

#### **Verbo da 3.<sup>a</sup> conjugação**

(12) O 1.<sup>o</sup> ciclo saiu da escola às 12h30.

### **5.5.3.4. Tempo verbal**

A variável Tempo está sendo considerada neste estudo com objetivo de verificar se o tempo que se encontra o verbo (presente, pretérito, futuro) exerce influência para interferência da concordância verbal no português e o modo é expresso pelo contexto ou pela própria entoação da voz. Assim, os fatores que compõem esta variável são os seguintes:

Presente

(13) Ele ajuda a minha mãe nas tarefas de casa.

Pretérito

(14) Ele estudou Língua Inglesa.

Futuro

(15) Minha família ficará orgulhosa da minha conquista.

#### **5.5.3.5. Pessoa do discurso**

A regra geral de concordância verbal do português, conforme os preceitos da norma padrão, apregoa que o verbo concorda com o sujeito em número (singular e plural) e pessoa (1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>). Portanto, buscaremos, nesta variável, identificar quais pessoas gramaticais os alunos utilizam seguindo a variante padrão e quais eles desviam dessa regra.

Finalizada a exposição da metodologia adotada para o presente estudo, passaremos agora à apresentação e análise dos dados, bem como à discussão dos resultados.

## 6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos os resultados quantitativos e qualitativos sobre a interferência linguística na aprendizagem do português de Timor-Leste (PTL) por falantes do tétum: a concordância verbal, com base nos textos produzidos de 120 informantes que constituiu o *corpus* desta pesquisa e ainda explicar o motivo pelo qual aconteceram as inadequações em relação à concordância verbal.

Inicialmente, apresentamos a tabela 1, que engloba os dados gerais do estudo. Esta tabela serve como uma visão panorâmica das variáveis consideradas, facilitando a compreensão das correlações e padrões a serem discutidos nas seções posteriores.

Foram analisadas 120 (cento e vinte) produções textuais no total, as quais constituem o *corpus* da presente pesquisa, conforme apresentados na tabela a seguir:

**Tabela 01** – Variantes concordância padrão versus outras ocorrências

Variante	Ocorrência	Percentual
Concordância padrão	804	52,65%
Outras	723	47,35%
Total	1527	100%

Fonte: autora do trabalho

Observando-se a tabela 01, do total de 1527 dos dados encontrados neste estudo, verificamos que 804 ocorrências, ou seja, 52,65%, seguem a norma padrão, enquanto 723 ocorrências, ou seja, 47,35%, correspondem a interferências ou desvios cometidos pelos nossos informantes, o que inclui concordância não-padrão, ausência completa de verbo no sintagma e o uso do infinitivo. Assim, ao compararmos os dados que seguem a norma padrão com as demais variantes, constatamos que pouco mais da metade dos dados revelaram o uso padrão, isto é, quase empatando com as outras formas. Na tabela 02, a seguir, apresentamos quais são estas outras formas que, em conjunto, totalizaram 723 ocorrências, no universo de 1527 dados da pesquisa.

**Tabela 02 – Distribuição das ocorrências não padrão**

<b>Variante</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>Percentual</b>
Aplicação da concordância não-padrão	311	43,02%
Ausência verbal	250	34,58%
Uso do infinitivo	162	22,41%
<b>Total</b>	<b>723</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** autora do trabalho

A tabela 02 ocupa-se apenas dos casos que não seguiram a concordância ensinada na escola – a padrão. Como demonstrado na tabela 01, os dados apontam que, quase a metade das ocorrências – 723 –, ou seja, 47,35% do total de 1527, destoa da concordância verbal padrão. Portanto, considerando-se, agora, apenas os casos não esperados, a tabela 02 revela a concordância não padrão em 43,02%, a ausência verbal em 34,58% e o uso do infinitivo em 22,41%. Portanto, vale salientar que, ausência verbal e uso do infinitivo não competem entre si, já que a ausência do verbo é bastante comum nos contextos predicativos (com verbos “de ligação”) e o uso de infinitivo é mais comum em verbos de ação.

A tabela 03 demonstra a distribuição percentual dos fatores extralinguísticos em função de cada variável independente e respectiva variante.

**Tabela 03 - Fatores extralinguísticos**

		<b>Variantes</b>				<b>Sub-Total</b>	<b>Total</b>
<b>Variável</b>	<b>Fator</b>	<b>Ocorrência/percentual</b>					
		<b>Concordância padrão</b>	<b>Concordância não-padrão</b>	<b>Ausência verbal</b>	<b>Infinitivo</b>		
Escolaridade	Ensino básico 3.º ciclo	40,67% (244)	15% (90)	37,17 % (223)	7,16% (43)	600	1527
	Ensino secundário	60,41% (560)	23,84% (221)	2,91% (27)	12,84% (119)	927	
	<b>Total</b>	804	723				
Sexo	Masculino	51,45% (391)	20,26% (154)	17,37% (132)	10,92% (83)	760	1527
	Feminino	53,85% (413)	20,47% (157)	15,38% (118)	10,30% (79)	767	
	<b>Total</b>	804	723				1527
Tipo de escola	Privada	47,69% (433)	26,65% (242)	8,26% (75)	17,4% (158)	908	1527
	Pública	59,94% (371)	11,15% (69)	28,26% (175)	0,65% (4)	619	
	<b>Total</b>	804	723			1527	

**Fonte:** autora do trabalho

A partir dos resultados gerais das variantes nos fatores extralinguísticos, observa-se que, na variável escolaridade, o grupo do ensino básico 3.º ciclo apresentou apenas 40,67% de aplicação da concordância padrão. Em contrapartida, 59,33% dos dados revelaram o uso de variantes não-padrão, está distribuído da seguinte forma: 15% de concordância não-padrão, 37,17% de ausência verbal (o índice mais elevado) e 7,16% de uso do infinitivo. Tais dados mostram que os alunos que se encontram em estágios iniciais de aprendizagem ainda não dominam o sistema linguístico da língua-alvo, neste caso, o português. Já os informantes do ensino secundário mostraram o resultado conforme a nossa expectativa. Nesta variável, observou-se 60,41% de aplicação da concordância padrão, enquanto 39,59% divergiram desta norma. Desse modo, comprovamos a ideia de que, quanto maior o nível de escolaridade, maior é a tendência de uso da norma-padrão. A respeito desse fenômeno linguístico, temos as pesquisas de Lemle e Naro (1977) Nina (1980), Naro (1981), Guy (1981), Bortoni-Ricardo (1981; 1985; 2008), Graciosa (1991), Vieira (1995), Scherre e Naro (1997, 1998), Vieira (2018) e entre outros que mostram como a concordância verbal pode indicar traços de diferenciação social entre os alunos. Em geral, conforme os referidos estudos, a realização desse tipo de concordância tende a ocorrer de modo frequente na fala de grupos escolarizados, já a sua não realização tende a ocorrer na fala de pessoas não escolarizadas ou com baixo grau de instrução escolar.

Quanto ao fator sexo, os dados indicam uma distribuição equilibrada: os informantes do sexo masculino apresentaram 51,45% da concordância padrão e 48,55% das outras variantes. Enquanto, observou-se que o sexo feminino registrou uma ligeira predominância de CP, com 53,85% e 46,15% de variantes não-padrão. Tais resultados evidenciam que o sexo feminino atuou, ainda que de modo discreto, como um condicionante para o uso variante padrão.

Em relação ao fator tipo de escola, foram registrados 908 dados em escolas privadas e 619 foram registradas em escolas públicas. Esses dados revelam um resultado muito interessante, ao contrário do que esperávamos, os informantes de escolas públicas apresentaram 59,94% de concordância padrão, enquanto 40,06% realizaram as variantes não-padrão. Em contrapartida, notou-se que os informantes de escolas privadas registraram apenas 47,69% da concordância padrão, 52,31% aplicaram os desvios. Isso mostra que, embora as escolas públicas enfrentem recursos limitados, o tipo de ensino não atua como fator determinante para a capacidade ou

conhecimento linguísticos dos alunos em nosso estudo. E explicitamos mais detalhadamente a comparação de cada variante na seção 6.1.

Na sequência, observamos a frequência geral das variantes nos fatores linguísticos.

**Tabela 04 – Fatores linguísticos**

		Variante					Total geral
		Ocorrência/percentual				Sub-total	
Variável	Fator	Concordância padrão	Concordância não-padrão	Ausência verbal	Infinitivo		
Tipo do verbo	Estado	37,87% (103)	4,78% (13)	57,35% (156)	0	272/100%	1527
	Ação	56,18% (673)	22,79% (273)	7,51% (90)	13,52% (162)	1198/100%	
	Outros <sup>22</sup>	28	25	4	0	57	
Tipo de sujeito	Simples	52,91% (500)	15,24% (144)	25,4% (240)	6,45% (61)	945/100%	1527
	Composto	20% (6)	53,33% (11)	16,67% (6)	10% (3)	26/100%	
	Outros <sup>23</sup>	298	156	4	98	568	
Tipo de conjugação	1. <sup>a</sup> conjugação	46,23% (313)	25,11% (170)	12,85% (87)	15,81% (107)	677/100%	1527
	2. <sup>a</sup> conjugação	56,91% (387)	16,03% (109)	23,09% (157)	3,97% (27)	680/100%	
	3. <sup>a</sup> conjugação	61,18% (104)	18,82% (32)	3,53% (6)	16,47% (28)	170/100%	
Tempo do verbo	Presente	60,05% (672)	17,87% (200)	22,07% (247)	XXXXXX	1119/100%	1527
	Pretérito	56,19% (127)	42,48% (96)	0,44% (3)	XXXXXX	226/100%	
	Futuro	25% (5)	75% (15)	%0 (0)	XXXXXX	20/100%	
	Outros	0	0	0	162	162	
Pessoa do discurso	S	1. <sup>a</sup> pessoa	42,19% (259)	32,08% (197)	2,28% (14)	23,45% (144)	1527
		3. <sup>a</sup> pessoa	54,52% (380)	11,76% (82)	31,71% (221)	2,01% (14)	
	P	1. <sup>a</sup> pessoa	79,71% (110)	13,04% (18)	6,52% (9)	0,73% (1)	
		3. <sup>a</sup> pessoa	58,7% (27)	30,43% (14)	4,35% (2)	6,52% (3)	
	Outros	28 <sup>24</sup>		4 <sup>25</sup>		31	

Fonte: autora do trabalho

Considerando os dados gerais sobre variáveis linguísticas, em relação ao fator linguístico tipo de verbos, tivemos os verbos de estado como possíveis condicionadores de ausência da concordância verbal. Pois observou-se que, os verbos de estado apresentaram apenas 37,87% da concordância padrão, enquanto 62,13% dos dados apresentaram desvios. Já o verbo de ação apresentou uma frequência ligeiramente maior, com 56,18% de concordância padrão e 43,82% de desvios. Esse índice evidencia exatamente a interferência de particularidades da língua tétum, que não possui equivalentes diretos aos verbos de estado “ser e estar” no português. Vê-se, ainda,

<sup>22</sup> Estes casos referem-se à verbos impessoais ou não flexionáveis. Exemplo: ter, haver, chover, etc.

<sup>23</sup> Esse fator corresponde a todos os casos de sujeito nulo, seja com verbos impessoais ou não.

<sup>24</sup> Estes 28 casos referem-se à verbos impessoais ou não flexionáveis.

<sup>25</sup> Os 4 restantes casos ocorrem em frases com sujeito inexistente.

que a ausência do verbo foi mais elevada, atingindo 57,35% neste grupo. Desse modo, o verbo de estado atuou como um fator condicionante para a interferência linguística de que trata esta pesquisa.

Quanto ao fator tipo de sujeito, obtivemos 52,91% de ocorrência da variante padrão com o sujeito simples, enquanto 47,09% apresentaram desvios linguísticos. Em contrapartida, o sujeito composto apresentou um índice drasticamente menor de concordância padrão, com apenas 20%, enquanto 80% apresentaram desvios. Esse índice evidencia a interferência de língua materna dos informantes desta pesquisa, pois, segundo Costa (2015, p. 21) “em tétum não existe relação gramatical entre as unidades (*nome e pessoa gramatical*) por não haver flexão verbal, como em português”. Desse modo, quando a frase surge com sujeito único, há tendência de CP, enquanto na frase que possui dois ou mais núcleos no sujeito, eles aplicam a mesma forma verbal, como por exemplo:

(16) “*eu com os meus colegas foi para jogar a bola*”.

(17) “*eu e a minha família come*”.

Relativamente ao fator tipo de conjugação, nessa distribuição geral, obtivemos um resultado muito diferente do esperado. Os verbos da primeira conjugação (terminados em -ar) são os mais produtivos e numerosos da língua portuguesa; porém, nesse estudo, observou-se que os verbos da terceira conjugação (terminados em -ir) apresentaram um elevado índice de concordância padrão com 61,18%, enquanto apenas 38,82% desfavorecem a norma. Na sequência, os verbos da segunda conjugação (terminados em -er) mostraram 56,91% de concordância padrão, contra 43,09% de desvios. Já os verbos da primeira conjugação, embora mais produtivos na língua portuguesa, apresentaram um índice de apenas 46,23% variante padrão, enquanto 53,77% aplicaram desvios. Observa-se que a ocorrência da CP entre verbos de segunda e terceira conjugação (terminados em -er e -ir) não é expressiva; assim, tais resultados demonstram a repetição de itens lexicais ou verbais devido ao contexto em que estes verbos são exigidos, como nos verbos ir, sair, dormir etc. Por conseguinte, constatamos que futuras pesquisas poderão apresentar resultados distintos dada a essa situação. Entendemos que a frequência de uso é um favorecedor para o desvio, já que os verbos da primeira conjugação prevalecem.

A respeito da variável tempo verbal, confirmamos a nossa hipótese de que o tempo presente apresenta a maior frequência da concordância padrão. Assim, registraram-se 60,05% de concordância no presente, contra 39,95% dos fenômenos de interferências. Isso demonstra a relevância da interface com o tétum, língua na qual a maior parte dos verbos são emprestados do português. São tomados por empréstimo os verbos na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, como em: ajudar (ajuda), começar (komesa), descansar (deskansa), jogar (joga), cantar (kanta), etc. Visto que os textos produzidos pelos informantes falaram da rotina diária, da família e da escola que estão relacionados com esses verbos. Já o tempo passado apresentou 56,19% de concordância padrão e 43,81% de desvio da norma culta. Por fim, o tempo futuro apresentou apenas 25% de concordância padrão, enquanto 75% apresentaram variantes não padrão. Embora no tétum o verbo não se flexione conforme o tempo da ação, como afirma Costa (2015, p. 67), “em tétum, o tempo é expresso por palavras, advérbios ou locuções adverbiais”, os alunos demonstram possuir conhecimento prévio sobre o sistema verbal em português. Portanto, vale destacar que o futuro foi o tempo que mais favoreceu as interferências nesta pesquisa.

Segundo os estudos de Ali (2001, p. 205):

Consiste a concordância em dar a certas palavras flexionáveis as formas de gênero, número ou pessoa correspondentes à palavra a que no discurso se referem. É a prática decorrente da própria flexiologia. Desde que de um vocábulo se oferecem várias formas à escolha, e o dito vocábulo vem determinar, esclarecer ou informar alguma coisa a respeito de outro, escolheremos naturalmente aquela forma que se harmoniza este outro termo.

Diferentemente do que afirma o autor, isso não ocorre em tétum, visto que essa língua não apresenta concordância entre a pessoa gramatical e a flexão do verbo. Assim, passamos à análise da última variável linguística desta pesquisa, que é a pessoa do discurso. Nesta variável, não foram registrados quaisquer dados referentes às 2.<sup>a</sup> pessoas (singular e plural). Relativamente a essa variável, registou-se 42,19% de concordância padrão na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, enquanto 57,81% dos casos apresentaram desvios em relação à norma culta. Por outro lado, a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular obteve 54,52% de concordância padrão, contra 45,48% de desvios. Já a 1.<sup>a</sup> pessoa do plural demonstrou um índice muito elevado, atingindo 79,71% para variante padrão e apenas 20,29% para o uso não padrão. Por fim, a 3.<sup>a</sup> pessoa do plural apresentou 58,7% de conformidade com a norma, ao passo que 41,3% registraram desvios. Portanto, os resultados evidenciam que a P1 (primeira pessoa do singular) apresenta uma incidência de CNP superior à

observada em demais pessoas do discurso. Enquanto isso, a P4 (primeira pessoa do plural) constitui o fator que mais favorece a CP em comparação às demais pessoas gramaticais.

Portanto, embora o tétum não apresente a relação entre pessoa gramatical e a forma verbal, os resultados revelam o desempenho dos alunos em relação a esse fator. Explicitamos mais detalhadamente a comparação de cada variante na seção 6.2.

Passamos agora à análise dos resultados de cada variante em relação às variáveis delimitadas neste estudo.

## **6.1. ANÁLISE DAS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS**

Nesta seção, analisamos os resultados de cada variante em relação às variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas.

### **6.1.1. CONCORDÂNCIA PADRÃO**

A concordância verbal padrão é a regra que estabelece a relação de harmonia entre o verbo e o sujeito da oração, garantindo que ambos concordem em número (singular ou plural) e pessoa (1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup>). Nesta seção, analisamos os 804 dados da variante de concordância padrão identificados em nosso *corpus*. Propõe-se, nesta etapa, analisar o uso da concordância padrão em correlação com as variáveis delimitadas neste estudo.

#### **6.1.1.1 Nível de escolaridade**

Selecionamos este fator partindo da hipótese de que quanto maior o nível de escolaridade do falante, mais próximo do padrão culto da língua ele estará, logo, em nosso fenômeno, acreditamos que esses alunos apresentariam, mais fortemente, a variante com a adequação da concordância verbal, considerando que a escola influencia o uso das formas linguísticas de prestígio social. Nossa expectativa em relação a essa variável é que os informantes com níveis de escolaridade mais avançados apresentam mais concordância padrão.

Observando os dados encontrados em nosso *corpus*, chegamos aos seguintes resultados em relação às variantes utilizadas nas produções textuais dos alunos do ensino básico 3.<sup>o</sup> ciclo e

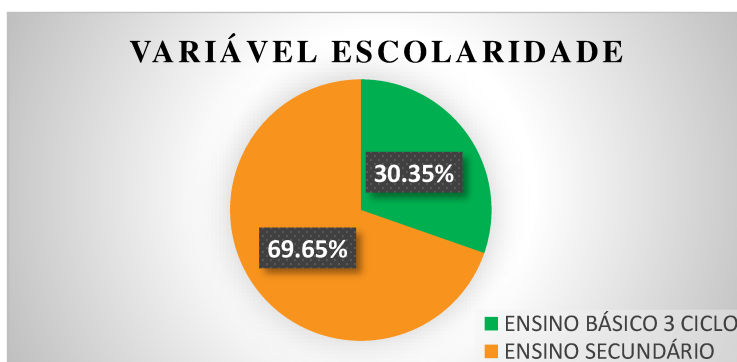
ensino secundário, tanto de escolas privadas quanto de públicas. Observamos a tabela e o gráfico seguinte:

**Tabela 05** – Frequência da variante concordância padrão segundo variável escolaridade

<b>Concordância padrão</b>	
Ensino básico 3.º ciclo	244/30,35%
Ensino secundário	560/69,65
Total	804/100%

**Fonte:** autora de trabalho

**Gráfico 01** – Resultado de concordância padrão segundo variável escolaridade



**Fonte:** autora de trabalho

Como era esperado, os resultados mostram que o ensino secundário favorece a aplicação da concordância padrão 69,65%, enquanto ensino básico 3.º ciclo apenas apresenta 30,35%. Isso mostra que, à medida que os alunos avançam nos anos de estudo, eles dominam melhor a concordância verbal e cometem menos interferências, ou seja, os informantes mais escolarizados preservam mais as marcas de concordância, enquanto menos escolarizados tendem a empregar menos a regra de CV, correspondendo, desta forma, aos resultados de outros estudos que controlaram a escolaridade em amostras do PB (SCHERRE e NARO, 1997; MONGUILHOTT, 2001; RODRIGUES, 1997 e VIEIRA, 1994). Segundo Bagno (2011), a aprendizagem da norma padrão do português é marcada por grande variação linguística e está diretamente relacionado às condições de ensino, ao acesso à leitura e à exposição à variedade padrão da língua. Em contextos multilíngues, como Timor-Leste, a interferência da língua materna (neste caso, o tétum) pode acentuar essas dificuldades (cf. Faraco, 2009). Como foi visto, através da tabela 05 e

do gráfico 01, confirmamos a nossa hipótese de que quanto maior o nível de escolaridade menor a ocorrência de concordância não-padrão.

### 6.1.1.2. Sexo

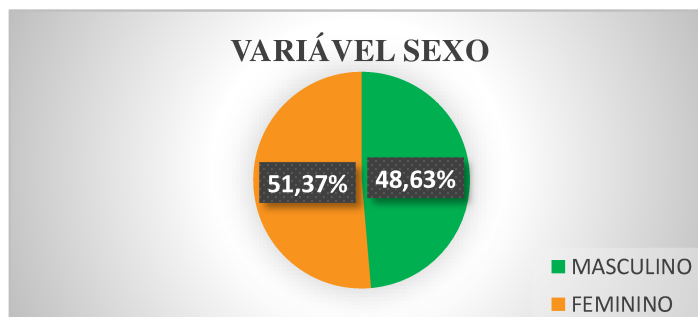
A escolha pelo fator sexo foi feita tendo em vista as várias diferenças linguísticas que são apontadas, em diversos trabalhos, entre homens e mulheres. De acordo com a Sociolinguística Variacionista, o sexo do informante pode diferir no uso linguístico em diversos aspectos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais). As várias investigações desenvolvidas na variação sociolinguística que levaram em consideração o fator sexo mostraram que falantes do sexo feminino tendem a usar formas de prestígio mais frequentemente que falantes do sexo masculino. As mulheres utilizam mais as formas que se aproximam da variedade padrão, uma vez que são consideradas “melhores”, e até “mais corretas” pelas instituições sociais responsáveis pela programação da variedade normativa. Portanto, analisado pelo viés das diferenças de uso da linguagem, o fator sexo pode ser um elemento revelador dos papéis sociais da mulher e do homem.

**Tabela 06** – Frequência da variante concordância padrão segundo variável sexo

<b>Concordância padrão</b>	
Masculino	391/48,63%
Feminino	413/51,37%
Total	804/100%

Fonte: autora de trabalho

**Gráfico 02** –Resultado de concordância padrão segundo da variável sexo



Fonte: autora de trabalho

Ao observarmos os textos coletados de escolas públicas e privadas, tanto do ensino básico 3.º ciclo quanto do ensino secundário, encontramos um total de 804 ocorrências de concordância padrão. Desse total, 51,37% de concordância padrão foram encontrados nos textos escritos por informantes do sexo feminino, enquanto 48,63% apareceram nos textos dos informantes do sexo masculino. Esse resultado segue o padrão postulado por Labov (2008), de que as mulheres são mais suscetíveis ao uso da norma prestigiada do que os homens, porém a diferença encontrada foi menor. No entanto, Paiva (2010) explica que esse padrão pode mudar dependendo da organização social da comunidade de fala, ou seja, dos papéis sociais desempenhados por falantes homens e mulheres. Dessa forma, a nossa hipótese inicialmente formulada foi confirmada.

### 6.1.1.3. Tipo de escola

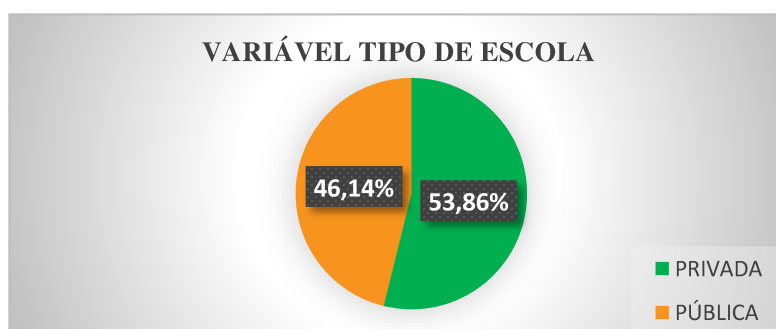
Selecionamos o fator tipo de escola partindo da hipótese de que a escola pública favoreceria uma maior interferência do tétum na produção do português, particularmente no que se refere à aplicação de regra da concordância padrão, em comparação com escolas privadas. Segundo essa hipótese, espera-se que estudantes de escolas privadas apresentem um desempenho linguístico mais próximo da norma padrão, possivelmente em função de melhores condições de ensino-aprendizagem, acesso a materiais didáticos de maior qualidade e exposição mais concentrada à variedade padrão da língua portuguesa. A análise a seguir examina os percentuais de aplicação de regra da concordância padrão, comparando os dois tipos de escola para verificar a validade dessa hipótese.

**Tabela 07** – Frequência da variante concordância padrão segundo variável tipo de escola

<b>Concordância padrão</b>	
Privada	433/53,86%
Pública	371/46,14%
Total	804/100%

Fonte: autora de trabalho

**Gráfico 03** – Resultado de concordância padrão da variável tipo de escola



**Fonte:** autora de trabalho

Esta é uma variável fundamental nesta pesquisa. Em relação à nossa hipótese, os dados apresentados revelam um resultado muito interessante. Embora as escolas privadas disponham de recursos humanos qualificados, carga horária alargada e infraestruturas bem qualificada, a diferença no conhecimento acerca do fenómeno estudado não se mostrou expressiva. Enquanto os alunos de escolas privadas apresentaram um índice de 53, os de escolas públicas registraram 46,14%. Tal resultado pode explicar conforme o Decreto Lei n.º 46/2023, que define a Orgânica do IX Governo Constitucional de Timor-Leste, o Ministério da Educação detém a competência exclusiva para promover a formação e a avaliação dos profissionais de ensino. Essa centralização normativa, reforçada pelo Estatuto da Carreira Docente (Decreto-Lei n.º 23/2010), visa garantir a qualidade e a excelência no exercício da profissão em todo o território nacional. Tal uniformidade na legislação e na formação de professores pode explicar a ocorrência nos dados desta pesquisa. De outra forma, a pequena disparidade encontrada nesta variável reforça a ideia de Chomsky (1965) sobre a competência linguística, mostrando que o conhecimento internalizado dos alunos sobre a estrutura do português se assemelha.

### **6.1.2. CONCORDÂNCIA NÃO-PADRÃO**

Apresentamos, a seguir, a análise dos dados referentes à concordância não padrão, com um total de 311 dados para cada variante selecionada neste estudo.

#### **6.1.2.1. Escolaridade**

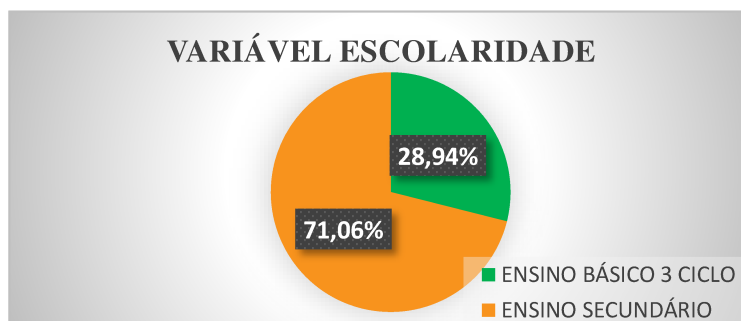
Os dados apresentados abaixo referem-se à ocorrência da aplicação de concordância não padrão em relação ao nível de escolaridade de nossos informantes. A concordância não-padrão, fenómeno linguístico comum em variedades não-padrão do português, ocorre quando há divergência entre a norma culta e os usos reais da língua, especialmente em contextos informais ou entre falantes com menor escolaridade.

**Tabela 08** – Frequência da variante concordância não padrão segundo variável escolaridade

<b>Concordância não padrão</b>	
Ensino básico 3.º ciclo	90/28,94%
Ensino secundário	221/71,06%
Total	311/100%

**Fonte:** autora de trabalho

**Gráfico 04** - Resultado de concordância não padrão da variável escolaridade



**Fonte:** autora de trabalho

Nesta variante, os resultados mostram uma distribuição significativa diferente, a qual os informantes com ensino secundário registraram um índice bastante elevado, atingiu 71,06% de concordância não padrão, enquanto os informantes de ensino básico (3.º ciclo) registraram apenas 28,94% nessa variante. Esses resultados demonstram ainda que, a concordância não-padrão é um fenômeno persistente em diferentes níveis de escolaridade, sendo mais frequente entre falantes do ensino secundário, mas presente também entre os de ensino básico. Isso reforça a noção de que a língua é um fenômeno social e que a norma padrão convive com outras variedades, independentemente da escolarização.

#### **6.1.2.2. Sexo**

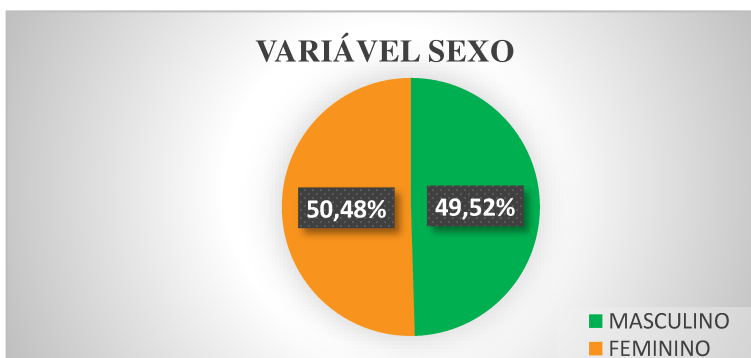
Na tabela seguinte, apresentamos os resultados da análise referentes à variável sexo. Partindo da hipótese sociolinguística de que o sexo feminino tende a adotar formas linguísticas mais conservadoras e prestigiosas, o objetivo desta análise é verificar se a ocorrência da concordância não-padrão foi mais acentuada nas produções do sexo masculino.

**Tabela 09** – Frequência da variante concordância não padrão segundo variável sexo

<b>Concordância não padrão</b>	
Masculino	154/49,52
Feminino	157/50,48
Total	311/100%

**Fonte:** autora de trabalho

**Gráfico 05** - Resultado de concordância não padrão segundo variável sexo



**Fonte:** autora de trabalho

Os dados apresentados revelam uma ligeira predominância do sexo feminino, com 50,48%, enquanto o masculino registrou 49,52%. Isso demonstra que, embora o sexo feminino apresente um índice levemente superior, a diferença em relação ao masculino é mínima. Dessa forma, podemos dizer que a variável sexo não apresenta uma disparidade significativa nesta variante e as nossas expectativas se confirmaram parcialmente, uma vez tanto o sexo feminino quanto o masculino não estão atentos às regras estabelecidas, a empregar as formas estigmatizadas. Isso indica que o fenômeno da concordância não padrão é um traço linguístico que se manifesta independentemente do sexo, apontando para a necessidade de investigar outras variáveis que possam explicar sua ocorrência.

A relevância desses dados reside na capacidade de refutar estereótipos sobre a linguagem e o gênero. Frequentemente, a linguagem feminina ou masculina é alvo de análises que buscam identificar padrões de fala distintos. No entanto, no que tange à concordância não-padrão, os resultados apontam para uma homogeneidade de comportamento linguístico entre homens e mulheres. Isso pode indicar que a interferência linguística em questão não está relacionada a traços específicos do sexo, mas sim a dinâmicas mais amplas do uso da língua em sociedade.

### 6.1.2.3. Tipo de escola

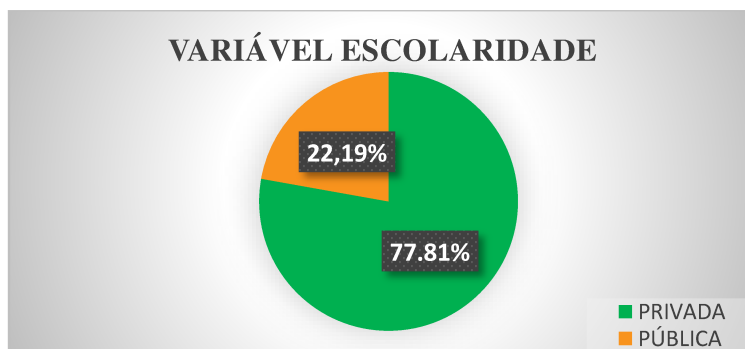
Escolhemos essa variável porque, em Timor-Leste, as escolas privadas geralmente oferecem melhores condições de ensino-aprendizagem, mais acesso a materiais didáticos de qualidade e exposição mais concentrada à variedade padrão da língua portuguesa. Assim, na tabela 10 no gráfico 06 seguinte, observamos a aplicação da concordância não-padrão em ambos os tipos de escolas.

**Tabela 10** – Frequência da variante concordância não padrão segundo variável tipo de escola

<b>Concordância não padrão</b>	
Privada	242/77,81%
Pública	69/22,19%
Total	311/100%

**Fonte:** autora de trabalho

**Gráfico 06** - Resultado de concordância não padrão variável tipo de escola



**Fonte:** autora de trabalho

Os resultados revelam uma distribuição notavelmente desigual entre os informantes com base no tipo de escola frequentada (escola privada e pública). Há uma predominância significativa de ocorrência entre informantes que estudaram em escolas privadas, atingindo 77,81%. Em contrapartida, os informantes provenientes de escolas públicas registraram apenas 22,19%. Embora os informantes de escolas privadas apresentem uma frequência elevada de concordância padrão, eles também apresentam uma frequência muito significativa da variante não padrão.

Essa diferença é um dado determinante para a compreensão do fenômeno da concordância não-padrão. A elevada ocorrência em alunos de escolas privadas, que geralmente são associadas a um ensino com maior foco na norma culta e em recursos pedagógicos mais robustos, aponta uma diferença significativa em relação a nossa hipótese inicialmente formulada. Apesar das possíveis influências da composição da amostra, a discrepância notável entre os dois grupos sugere que o tipo de escola frequentada pode ter um papel no uso da concordância não padrão, mas não necessariamente da forma mais direta que se poderia esperar. Não se trata apenas de uma questão de “certo ou errado” ou de “melhor ou pior” ensino. Pelo contrário, os dados podem refletir a complexidade das interações sociais e dos ambientes linguísticos aos quais os indivíduos estão expostos. Mesmo com acesso a uma educação que visa a norma padrão, a língua em uso se molda a fatores contextuais, sociais e de identidade.

### 6.1.3. AUSÊNCIA VERBAL

Ausência verbal na frase é uma variante que desobedece a norma padrão do português. Ou seja, é uma interferência produzida pelos informantes desta pesquisa perante as suas línguas maternas. Assim, na sequência, buscaremos analisar, entre os 250 dados, quais grupos de fatores se interferiram mais nesta variante.

#### 6.1.3.1. Escolaridade

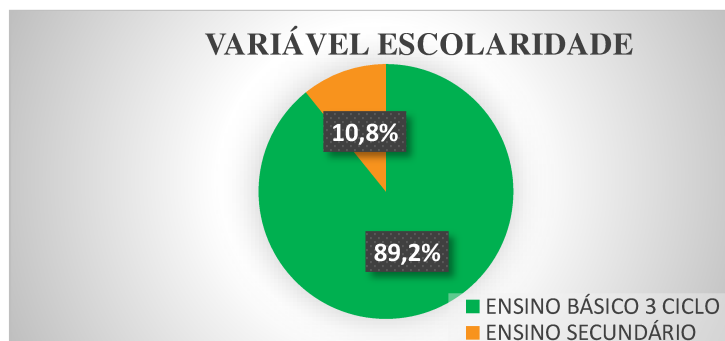
Para a variável escolaridade, seguem, na tabela 11 e no gráfico 07 os resultados obtidos:

**Tabela 11** – Frequência da variante ausência verbal segundo variável escolaridade

<b>Ausência verbal</b>	
Ensino básico 3.º ciclo	223/89,2%
Ensino secundário	27/10,8%
Total	250/100%

**Fonte:** autora de trabalho

**Gráfico 07** - Resultado da variável escolaridade



**Fonte:** autora do trabalho

Os resultados mostram que a ausência verbal foi mais acentuada nos alunos de ensino básico 3.º ciclo, o qual apresenta 89,2%. Em contrapartida, o fator de ensino secundário, por sua vez, demonstrou uma frequência menor, registrando apenas 10,8%.

Os dados nos mostram que o ensino sistematizado da escola cumpre seu papel de reforçar a variante mais prestigiada da língua e que quanto maior o tempo passado na escola, maior é o uso da variante mais prestigiada, nesse contexto, com avanço do nível de escolaridade, os estudantes demonstram a habilidade de distinguir as propriedades estruturais e as características particulares de cada sistema linguístico. Dessa forma, confirmamos a nossa hipótese de que a ausência do verbo foi favorecida por alunos de ensino básico 3.º ciclo.

#### **6.1.3.2. Sexo**

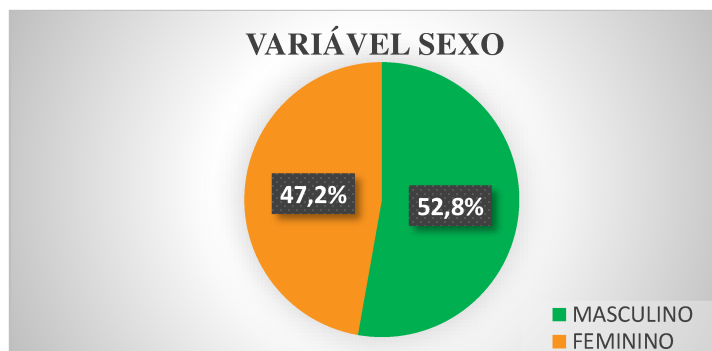
Na variável sexo, encontramos os resultados de ausência verbal na tabela 12 e no gráfico 08.

**Tabela 12** – Frequência da variante ausência verbal segundo variável sexo

<b>Ausência verbal</b>	
Masculino	132/52,8%
Feminino	118/47,2%
Total	250/100%

**Fonte:** autora de trabalho

**Gráfico 08** – Resultado de ausência verbal segundo variável sexo



**Fonte:** autora do trabalho

Pelos dados apresentados, observamos que o sexo masculino é um fator que favorece mais a ocorrência da ausência verbal na amostra, registrando 52,8%, enquanto o sexo feminino registrou 47,2%. Portanto, os resultados acima evidenciam que o sexo masculino é favorecedor da ausência verbal neste estudo.

### 6.1.3.3. Tipo de escola

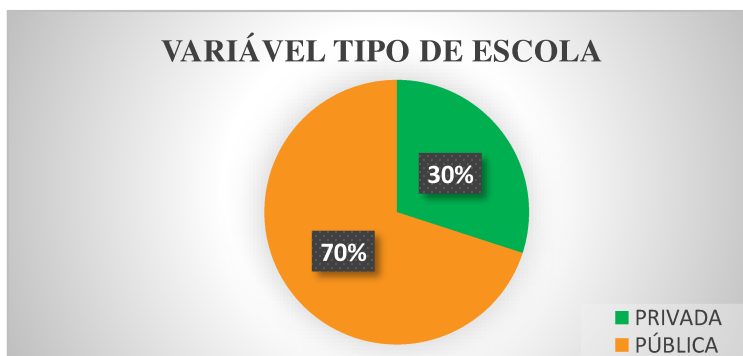
A seguir, na tabela 13 e no gráfico 09, observamos os resultados da variável tipo de escola.

**Tabela 13** – Frequência da variante ausência verbal segundo variável tipo de escola

Ausência verbal	
Privada	75/30%
Pública	175/70%
Total	250/100%

**Fonte:** autora de trabalho

**Gráfico 09** – Resultado de ausência verbal segundo variável tipo de escola



**Fonte:** autora do trabalho

Nesta variante, os dados demonstram uma elevada diferença na distribuição das ocorrências em comparação com outras variantes. A ausência do verbo é significativa ocorrendo entre alunos de escola pública, 70%, em contraste com os 30% observados na escola privada. Essa diferença significativa revela que, nessa variante, o tipo de escola pública é o principal fator que favorece a ausência verbal na nossa amostra.

#### **6.1.4. USO DO INFINITIVO**

O tétum-praça tem uma característica de língua crioula, pois, conforme Couto (2002), uma língua crioula é menos marcada em termos morfológicos, isto é, de uma forma generalizada, será marcada a forma plural apenas em um sintagma da sentença e a morfologia flexional é quase zero. Na maioria dos casos, o verbo não será marcado em número-pessoa, nem em tempo-modo como na língua portuguesa. Na sequência, verificamos o total de 162 dados da variante de uso do infinitivo por variáveis selecionadas para esta pesquisa.

##### **6.1.4.1. Escolaridade**

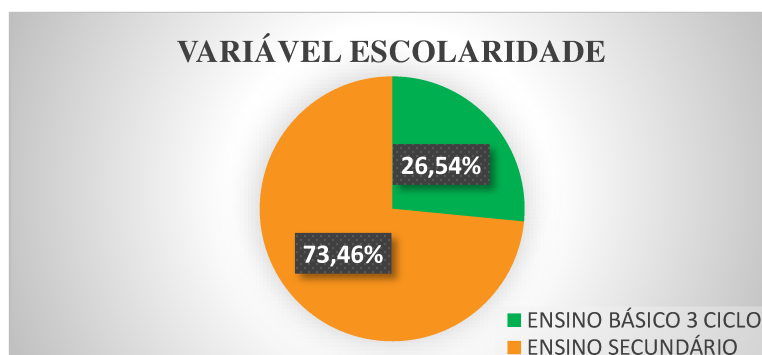
Na tabela 14 e gráfico 10, apresentamos os resultados referentes à variável uso do infinitivo.

**Tabela 14** – Frequência da variante uso do infinitivo segundo variável escolaridade

<b>Uso do infinitivo</b>	
Ensino básico 3.º ciclo	43/26,54%
Ensino secundário	119/73,46%
Total	162/100%

**Fonte:** autora de trabalho

**Gráfico 10** – Resultado de uso do infinitivo segundo variável escolaridade



**Fonte:** autora do trabalho

A partir dos resultados apresentados, observa-se que a maioria definitiva das ocorrências está associada ao ensino secundário, o nível que corresponde aos informantes com o nível de escolaridade mais avançado, e que representa 73,46%. Em contrapartida, o ensino básico demonstra um percentual expressivamente inferior, correspondendo a apenas 26,54% das ocorrências. Assim, percebe-se que o ensino secundário favoreceu maior a frequência do fenômeno em estudo.

#### 6.1.4.2. Sexo

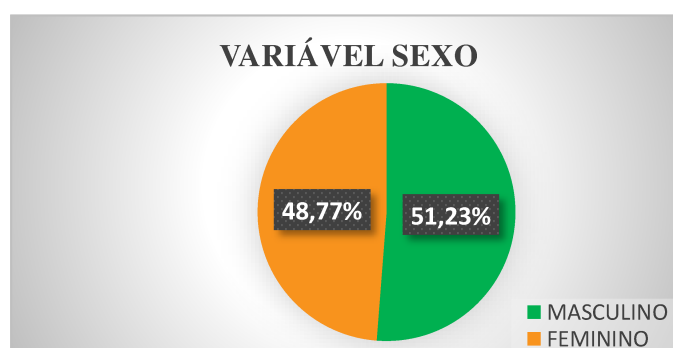
Na tabela 15 e no gráfico 11, observamos os resultados para a variável sexo.

**Tabela 15** – Frequência da variante uso do infinitivo segundo variável sexo

Uso do infinitivo	
Masculino	83/51,23%
Feminino	79/48,77%
Total	162/100%

**Fonte:** autora de trabalho

**Gráfico 11** – Resultado de uso do infinitivo segundo variável sexo



**Fonte:** autora do trabalho

Nessa distribuição, verificamos que o sexo masculino apresenta 51,23% (83 casos) de ocorrências, enquanto o sexo feminino representa uma frequência ligeiramente inferior, de 48,77% (79 casos), no entanto, os percentuais revelaram uma ligeira diferença entre os fatores pesquisados. Dessa forma, as nossas expectativas se confirmaram parcialmente, uma vez tanto o sexo feminino quanto o masculino não estão atentos às regras estabelecidas, a empregar as formas estigmatizadas. Nessa lógica, percebemos que o fator sexo masculino é o fator determinante nesse fenômeno.

#### 6.1.4.3. Tipo de escola

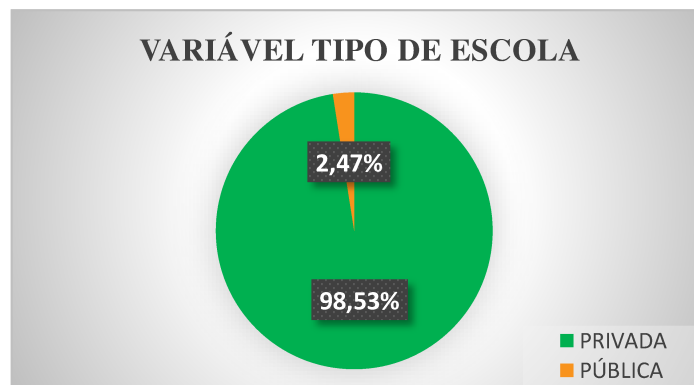
Os resultados referentes à variável tipo de escola são apresentados na tabela 16 e no gráfico 12.

**Tabela 16** – Frequência da variante uso do infinitivo segundo variável tipo de escola

Uso do infinitivo	
Privada	158/97,53%
Pública	4/2,47%
Total	162/100%

**Fonte:** autora do trabalho

**Gráfico 12** – Resultado de uso do infinitivo segundo variável tipo de escola



**Fonte:** autora do trabalho

Com base nos resultados acima, há um número bastante reduzido do uso do infinitivo dos informantes de escolas públicas (4 casos). Observa-se que os informantes de escolas privadas registraram um índice muito elevado de 97,53%, enquanto os de escolas públicas apenas apresentam uma frequência muito pequena com apenas 2,47% (4 casos). Dessa forma, a escola privada atua como um fator predominante neste estudo.

Na sequência, analisamos os resultados dos fatores linguísticos que favorecem ou desfavorecem as ocorrências das variantes selecionadas no nosso estudo.

## **6.2. ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS**

Para análise do ponto de vista linguístico, selecionamos cinco fatores. São eles: tipos de verbo (ação e estado), tipo de sujeito (simples e composto), tempo verbal (presente, pretérito e futuro), tipo de conjugação verbal (1.<sup>a</sup> conjugação, 2.<sup>a</sup> conjugação e 3.<sup>a</sup> conjugação) e pessoa do discurso (1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do singular e do plural). Quanto a variável pessoa do discurso, não encontramos nenhum dado da 2.<sup>a</sup> pessoa (singular e plural). Isso ocorre porque os conteúdos abordados pelos nossos informantes estão relacionados às atividades cotidianas, portanto eles utilizam mais a 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> (singular e plural). Vejamos quais desses fatores condicionaram a interferências das variantes estudadas.

### **6.2.1. CONCORDÂNCIA PADRÃO**

Em uma abordagem tradicional de língua, a regra para concordância verbal diz que o verbo deve se conformar ao número e à pessoa do sujeito. Portanto, a concordância verbal é entendida como um fato morfossintático, em que a relação entre verbo e sujeito se concretiza por meio das desinências verbais de natureza número-pessoal (cf. VIEIRA, 2018, p. 86). Nessa seção, analisamos os dados da variante de concordância padrão identificados em nosso *corpus*. Propõe-se, nesta etapa, analisar o uso da concordância padrão em correlação com as variáveis delimitadas neste estudo.

#### **6.2.1.1. Tipo de verbo**

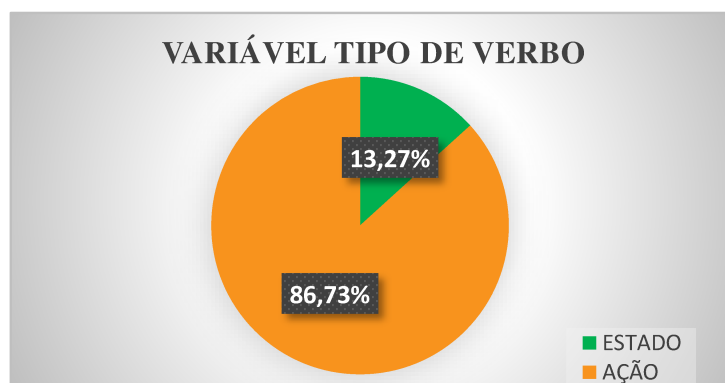
Câmara Jr. (1986) aponta que, em línguas de verbo flexional, como é o português, o sujeito apresentado como uma pessoa gramatical se expressa na própria forma verbal por meio de um morfema, que é parte da flexão verbal. Geralmente, responsável por realizar ou sofrer uma ação ou estado, ele é o termo com o qual o verbo concorda. A distribuição da aplicação da regra de concordância verbal pode ser observada na tabela 17 e no gráfico 13 seguintes.

**Tabela 17** – Frequência da variante concordância padrão segundo variável tipo de verbo

<b>Concordância padrão</b>	
Estado	103/13,27%
Ação	673/86,73%
Total	776/100%

**Fonte:** autora do trabalho

**Gráfico 13** - Resultado de concordância padrão segundo variável tipo de verbos



**Fonte:** autora de trabalho

Em nossa análise, identificamos um total de 776 ocorrências de verbos de estado e de ação, nos textos produzidos por nossos informantes. Verificamos que os verbos mais presentes foram os verbos de ação, em que obtivemos 86,73% do total (equivalente a 673 ocorrências). Em contrapartida, os verbos de estado representaram apenas 13,27% (totalizando 103 registros). Percebemos que há um número maior de verbos de ação com a aplicação da concordância padrão do que o verbo de estado. Observa-se que, quando a frase surge com um verbo de ação, os alunos aplicam a concordância padrão, enquanto a sentença possui o verbo de estado, há tendência de ausência verbal. Observemos a seguir alguns exemplos retirados de nosso *corpus*.

Emprego de verbos de estado:

De acordo com Mateus et al. (2003), o verbo de estado, ou copulativo, é um verbo que seleciona semanticamente apenas um argumento interno, uma oração pequena, como se pode conferir no exemplo abaixo:

(18) O meu pai *é* de Hatólia e a minha mãe *é* de Ermera.

(19) Eu *estou* contente porque eu tenho os meus pais.

Ainda de acordo com a autora, “o sujeito da oração pequena ocorre com a relação gramatical de sujeito da frase copulativa e o núcleo da oração pequena tem relação gramatical de predicativo do sujeito” (Mateus et al., 2003, p. 303). Isso ocorre porque os verbos copulativos não são atribuidores de Caso acusativo, fato que faz com que o sujeito da oração pequena se mova em busca de Caso. Em nossa análise, mesmo em oração pequena, verificou-se uma predominância dos verbos de ação sobre os verbos de estado. Tal constatação sugere uma possível correlação com a estrutura da língua tétum. Isso ocorre porque, conforme apontado por Costa (2001), o tétum não possui verbos copulativos (equivalentes a “ser” e “estar”) em sua formação gramatical.

Emprego de verbos de ação:

(20) Antes de entrar na sala de aula eu e a minha colega *fazemos* formatura.

(21) Eu *voltei* para casa, eu *como* arroz e eu *leio* um pouco da mateira que professor deu.

#### 6.2.1.2. Tipo de sujeitos

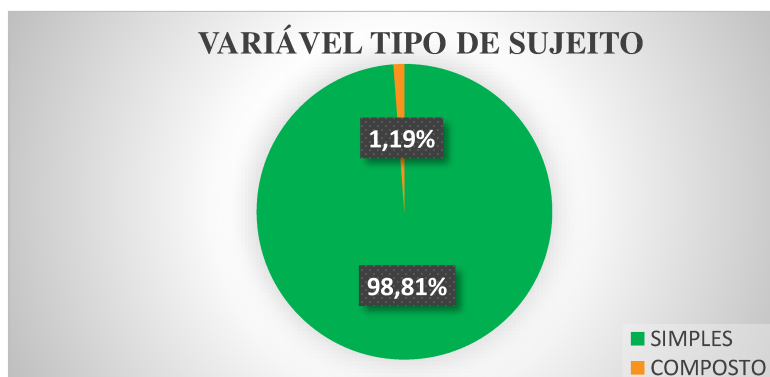
A segunda variável linguística em nossa pesquisa é o tipo de sujeito, permitiu identificar a atuação do sujeito na sentença. Foram selecionados, nesta variável, o sujeito simples e o sujeito composto. Os resultados obtidos referentes à concordância padrão com relação a essa variável são 506. Eles serão apresentados na tabela 18 e no gráfico 14.

**Tabela 18** – Frequência da variante concordância padrão segundo variável tipo de sujeito

<b>Concordância padrão</b>	
Simple	500/98,81%
Composto	6/1,19%
Total	506/100%

Fonte: autora do trabalho

**Gráfico 14** – Resultado de concordância padrão da variável tipos de verbo



**Fonte:** autora de trabalho

A análise da variável tipo de sujeito revela uma forte predominância do sujeito simples em nossa pesquisa, ou seja, os dados revelam uma forma categórica (Cf, Labov, 2008). Das 506 ocorrências totais, 98,81% (500 casos) foram identificadas como sujeito simples. Em contraste, o sujeito composto apresentou uma ocorrência sensivelmente menor, com apenas 1,19% (6 casos). Esses dados sugerem que a aplicação da regra de concordância padrão, está majoritariamente associada a construções da frase com sujeito simples. Essa alta ocorrência de sujeito simples pode indicar que, quando SN-sujeito possui menos elementos, como um único núcleo de sujeito ou pronome pessoal, este tipo de SN-sujeito favorece a realização da concordância padrão, enquanto SN-sujeito mais complexos, formados por mais de um núcleo (substantivo + substantivo ou pronome pessoal + substantivo) desfavorecem a marcação de concordância padrão. Observamos alguns exemplos extraídos em nosso *corpus*:

(22) a). Eu chamo-me Ricardo Pio.

b). O meu professor da turma chama-se Adrian.

(23) a). Professor e professora 3º chama-se Adrian e Natália.

b). Eu e meu pai sempre visitam os meus famílias na montanha.

### 6.2.1.3. Tipo de conjugação verbal

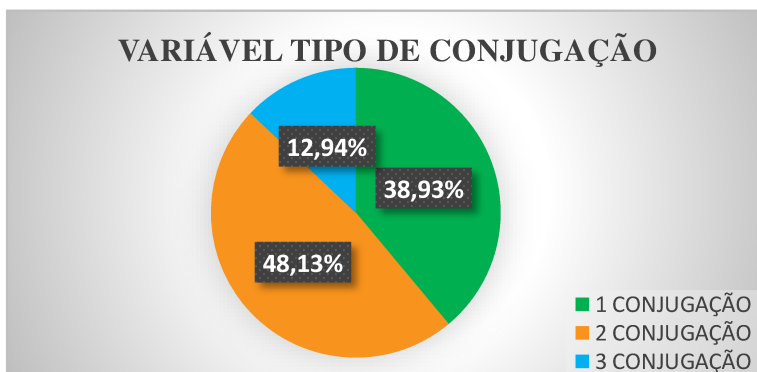
Outra variável linguística fundamental para a nossa investigação é o tipo de conjugação verbal, segundo Hull e Eccles (2005, p. 81) “originariamente muitos dos verbos do tétum nativo terminavam em vogal”, ou seja, os verbos não se agrupam em conjugações baseadas nas terminações como “ar”, “er” e “ir” diferentemente do português. Dessa forma, nesta variável, procuramos identificar qual terminação verbal favorece mais a ocorrência da concordância padrão. Observamos os 804 dados de concordância padrão registrados nessa variante.

**Tabela 19** – Frequência da variante concordância padrão segundo variável tipo de conjugação verbal

Concordância padrão	
1. <sup>a</sup> conjugação	313/38,93%
2. <sup>a</sup> conjugação	387/48,13%
3. <sup>a</sup> conjugação	104/12,94%
Total	804/100%

Fonte: autora do trabalho

**Gráfico 15** - Resultado de concordância padrão segundo variável tipo de conjugação verbal



Fonte: autora de trabalho

Podemos observar, pelos dados acima, as ocorrências por tipo de conjugação verbal, os dados apontam que a 2.<sup>a</sup> conjugação apresenta a maior frequência, com 48,13%. Este percentual mostra que os verbos pertencentes a essa conjugação são os mais favorecidos a CP na amostra. Em seguida, a 1.<sup>a</sup> conjugação, os verbos mais produtivos de língua portuguesa, aparece com frequência pouco menor, registrando 39,93%. Por fim, a 3.<sup>a</sup> conjugação aparece com 12,94%.

Os resultados evidenciam que os verbos da 2.<sup>a</sup> conjugação são os que mais contribuem para a aplicação da concordância padrão em nosso estudo. Além disso, a prevalência da 2.<sup>a</sup> conjugação pode decorrer através da repetição dos itens lexicais nesse contexto, como o “ter”, “fazer”, “comer”, “beber”, etc. Isso ocorre porque o conteúdo abordado pelos informantes impõe o uso recorrente desses verbos específicos. Podemos verificar a aplicação dos referidos verbos nos exemplos abaixo:

(24) A minha escola *tem* 20 salas de aula, 10 para CT e 10 para CSH.

(25) Eu *tenho* 1 irmão. A minha mãe *tem* 1 irmãs e 3 irmãos.

#### 6.2.1.4. Tempo verbal

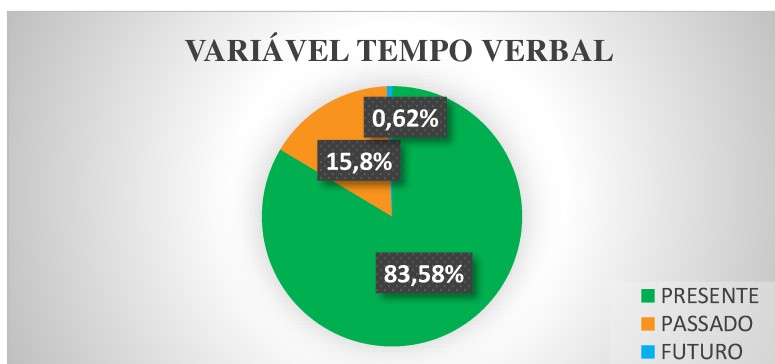
O tempo verbal constitui uma variável fundamental em nossa investigação, especialmente considerando a estrutural verbal do tétum, na qual os verbos não apresentam flexão de acordo com a pessoa gramatical. Como destaca Costa (2001, p. 27), o tempo é expresso por certas partículas, advérbios ou verbos que indicam o presente, passado ou futuro. Os resultados referentes a essa variável são detalhados na tabela 20 e no gráfico 16 a seguir.

**Tabela 20** – Frequência da variante concordância padrão segundo variável tempo verbal

<b>Concordância padrão</b>	
Presente	672/83,58%
Passado	127/15,8%
Futuro	5/0,62
Total	804/100%

**Fonte:** autora do trabalho

**Gráfico 16** - Resultado de concordância padrão segundo variável tempo verbal



**Fonte:** autora de trabalho

Os dados mostram predominância do tempo presente, com 83,58%. Em contraste, o tempo pretérito (passado) aparece com uma frequência menor, registrando 15,80% (127 casos). Enquanto, o tempo futuro registrou quase nada, registrando apenas 0,62% (5 casos) de concordância padrão. Esses resultados demonstram o conhecimento dos alunos no uso do verbo no presente que os demais tempos verbais, em relação ao tétum, como afirma (Hull e Eccles, 2005) de que os verbos de origem portuguesa podem terminar numa vogal (-a, -e ou -i) ou numa consoante. Na maior parte dos verbos emprestados do português, o tétum tomou por empréstimo a terceira pessoa do singular do presente do indicativo. No processo de ensino-aprendizagem, observa-se que a presença de advérbios ou locuções temporais (como ontem, amanhã, próxima semana, no ano passado) favorece a concordância padrão. Esses marcadores explícitos ajudam os alunos a situar o evento no tempo. Além disso, a predominância do tempo presente no *corpus* analisado pode ser atribuída à natureza dos textos produzidos pelos informantes. Uma vez que o conteúdo se concentrava na descrição de contextos familiares e escolares, bem como em suas respectivas atividades, natural que os verbos fossem empregados majoritariamente no presente do indicativo. Esse tempo verbal é intrinsecamente ligado à descrição de estados, hábitos, rotinas e ações contínuas que ocorrem no momento da enunciação. Assim, foi confirmada a nossa hipótese.

#### **6.2.1.5. Pessoa do discurso**

A pessoa e o número conhecem-se pelo pronome pessoal, que deve anteceder sempre o verbo (Costa, 2001, p.27). Dada a invariabilidade dos verbos no tétum, que não dependem da

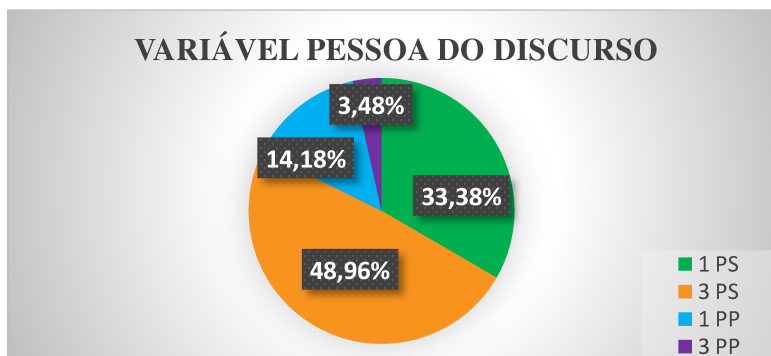
pessoa gramatical, buscamos investigar, nesta variável, qual pessoa gramatical favorece a aplicação da concordância padrão. Os resultados obtidos referentes à concordância padrão com relação a essa variável são 776. Eles serão apresentados na tabela 21 e no gráfico 17.

**Tabela 21** – Frequência da variante concordância padrão segundo variável pessoa do discurso

<b>Concordância padrão</b>	
1. <sup>a</sup> PS	259/33,38%
3. <sup>a</sup> PS	380/48,96%
1. <sup>a</sup> PP	110/14,18%
3. <sup>a</sup> PP	28/3,48%
Total	776/100%

Fonte: autora do trabalho

**Gráfico 17** – Resultado de concordância padrão segundo variável pessoa do discurso



Fonte: autora de trabalho

Como era esperado, o resultado acima demonstra a maior frequência do uso da concordância padrão na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, registrando 48,96% dos dados. Na sequência, a 1.<sup>a</sup> pessoa do singular aparece com 33,38%. Enquanto isso, a 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do plural apresentam uma frequência muito menor, com 14,18% para a primeira pessoa do plural e apenas 3,4% para 3.<sup>a</sup> pessoa do plural. Conforme Scherre & Naro (1998) observam sobre a língua falada na década de 80 e sobre o português escrito na década de 90, um verbo com sujeito [+humano] plural apresenta maior probabilidade de concordar com seu sujeito. Diferentemente da língua falada, na língua escrita moderna, a concordância verbal de número plural é quase categórica com sujeito simples (de um só núcleo) de estrutura simples (sem sintagmas preposicionais - SPreps - adjunto ou complemento). Desse modo, os resultados evidenciam que, quando a frase surge com o sujeito simples no singular (de um só núcleo), os alunos apresentam a concordância

padrão, enquanto a frase possui mais de um núcleo, há tendência de desvios. Verificamos os seguintes exemplos:

(26) Eu tenho 13 anos.

(27) Eu e o meu família vou para montanha de cova-lima.

Esse fenômeno demonstra a relação com a língua materna dos falantes (o tétum), uma vez que a maioria dos verbos emprestados do português foi incorporado ao tétum a partir da forma 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo como infinitivo. Assim, confirmamos a nossa hipótese.

### 6.2.2. CONCORDÂNCIA NÃO-PADRÃO

Após a análise da concordância padrão dessas variáveis, passamos agora a verificar sobre a concordância não-padrão, a fim de identificar as variáveis que desobedecem à concordância padrão.

#### 6.2.2.1. Tipo de verbo

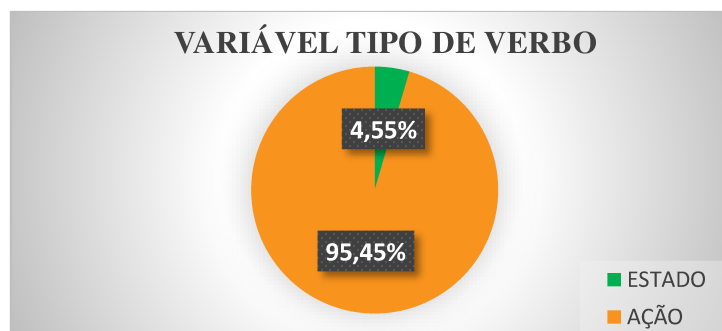
Verificamos agora a variável tipo de verbo, que apresenta o maior número de desobediência à concordância padrão. Foram registradas 286 ocorrências no total de verbos de ação e de estado. Os resultados referentes à essa variável serão discutidos na tabela 22 e no gráfico 18 seguinte:

**Tabela 22** – Frequência da variante concordância não padrão segundo variável tipo de verbo

<b>Concordância não padrão</b>	
Estado	13/4,55%
Ação	273/95,45%
Total	286/100%

Fonte: autora do trabalho

**Gráfico 18** – Resultado de concordância não padrão segundo variável tipo de verbo



**Fonte:** autora de trabalho

De acordo com os resultados acima, foram registradas 286 ocorrências de concordância não-padrão, distribuídas entre verbos de estado e verbos de ação. Observa-se que os verbos de ação registram 273 ocorrências, que corresponde a 95,45%. Esse percentual elevado sugere que os verbos que expressam uma atividade ou uma ação têm predominância nos textos produzidos por nossos informantes e os que desobedecem à norma padrão. Em contrapartida, os verbos de estado registraram uma ocorrência consideravelmente menor de concordância não-padrão, com apenas 13 ocorrências, correspondendo a 4,55% do total. Em comparação com a frequência da variante padrão, a incidência da concordância não-padrão também se revelou elevada nesta mesma categoria verbal. Nesse sentido, os verbos de ação foram os fatores determinantes dessas variantes.

#### **6.2.2.2. Tipo de sujeito**

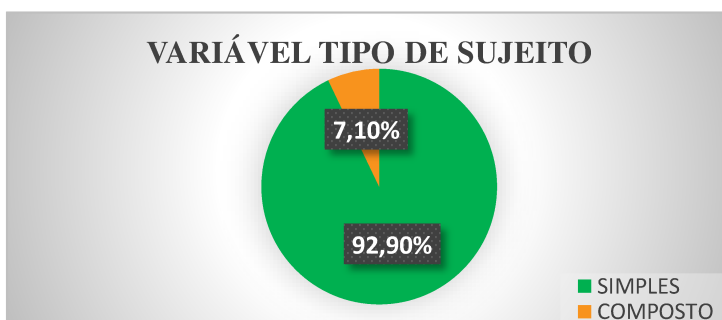
Segundo Costa (2015, p. 22), “em tétum não há concordância do verbo com o sujeito (simples, composto) porque o verbo permanece invariável”. Apresentamos a seguir, na tabela 23 e no gráfico 19, os resultados referentes à influência da variável tipo de sujeito sobre a ocorrência de concordância não padrão. Esta análise busca identificar quais categorias de sujeito estão mais associadas a desvios da concordância padrão.

**Tabela 23** – Frequência da variante concordância não padrão segundo variável tipo de sujeito

<b>Concordância não padrão</b>	
Simple	144/92,9%
Composto	11/7,1%
Total	155/100%

**Fonte:** autora do trabalho

**Gráfico 19** - Resultado de concordância não padrão segundo variável tipo de sujeito



**Fonte:** autora de trabalho

Assim, observa-se que a concordância não padrão é predominantemente associada a sujeitos simples, totalizando 144 ocorrências, o que representa 92,9% do total de desvios identificados. Enquanto, os sujeitos compostos apresentaram uma frequência expressivamente menor, com apenas 16 ocorrências, correspondendo a 7,1% de concordância não padrão. No entanto, observa-se também que, embora a sentença ocorra com um único SN, o uso do verbo desfavorece a aplicação da norma-padrão. Tais resultados evidenciam a influência da estrutura da língua materna (tétum) no português.

Vejamos abaixo alguns exemplos retirados no *corpus*:

(28) A minha sala **têm** 20 salas 10 para o CSH e 10 para CT

(29) Nós **tem** campo 2 e um basquete e um futebol

### 6.2.2.3. Tipo de conjugação verbal

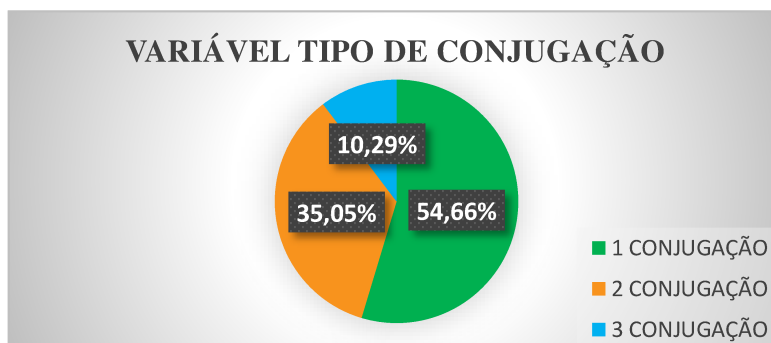
Na tabela 24 e no gráfico 20 a seguir, apresentamos os resultados referentes à influência do tipo de conjugação verbal na concordância não padrão. Esta seção visa investigar se diferentes padrões de conjugação verbal exibem variações no desvio às normas de concordância.

**Tabela 24** – Frequência da variante concordância não padrão segundo variável tipo de conjugação verbal

<b>Concordância não padrão</b>	
1. <sup>a</sup> conjugação	170/54,66%
2. <sup>a</sup> conjugação	109/35,05%
3. <sup>a</sup> conjugação	32/10,29%
Total	311/100%

**Fonte:** autora do trabalho

**Gráfico 20** - Resultado de concordância não padrão variável tipo de conjugação verbal



**Fonte:** autora de trabalho

Os dados revelam que os verbos da 1.<sup>a</sup> conjugação (terminados em -ar) são os que mais contribuem para a concordância não-padrão, registrando 170 ocorrências, o que corresponde a 54,66% do total. Em seguida, os verbos da 2.<sup>a</sup> conjugação (terminados em -er) aparecem com 109 ocorrências, representando 35,05% dos desvios, enquanto, os verbos da 3.<sup>a</sup> conjugação (terminados em -ir) demonstram a menor incidência de concordância não-padrão, com apenas 32 ocorrências, perfazendo 10,29% do total.

#### 6.2.2.4. Tempo verbal

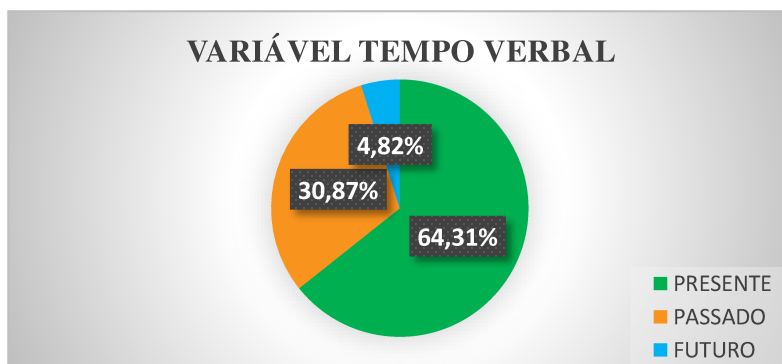
O tempo verbal constitui uma variável central neste estudo, dada à sua ligação à morfossintaxe verbal do tétum. A seguir, na tabela 25 e no gráfico 21, apresentamos os resultados detalhados que ilustram a ocorrência de concordância não-padrão.

**Tabela 25** – Frequência da variante concordância não padrão segundo variável tempo verbal

<b>Concordância não padrão</b>	
Presente	200/64,31%
Passado	96/30,87%
Futuro	15/4,82%
Total	311/100%

Fonte: autora do trabalho

**Gráfico 21-** Resultado de concordância não padrão variável tempo verbal



Fonte: autora de trabalho

Os dados revelam que o tempo presente é o mais frequentemente associado a desvios da concordância não-padrão, contabilizando 200 ocorrências, o que representa 64,31% do total. Em seguida, o pretérito (passado) apresenta 30,87% de 96 ocorrências do total. Enquanto, o futuro demonstra uma participação mínima, com 15 ocorrências, perfazendo 4,82% do total de desvios por nossos informantes. Embora o tempo presente apresenta uma maior frequência na CP (cf. tabela 20), ele também apresenta a maior ocorrência de desvios nesta variante em comparação com o tempo passado e o futuro. Isso pode explicar pela alta tendência de usar a forma base (singular) para todas as pessoas gramaticais. Observamos os seguintes exemplos:

(30) eu come o pão e eu bebo o leite.

(31) eu troca a roupa e eu preparar materiais caderno, livro, lapizeira.

#### 6.2.2.5. Pessoa do discurso

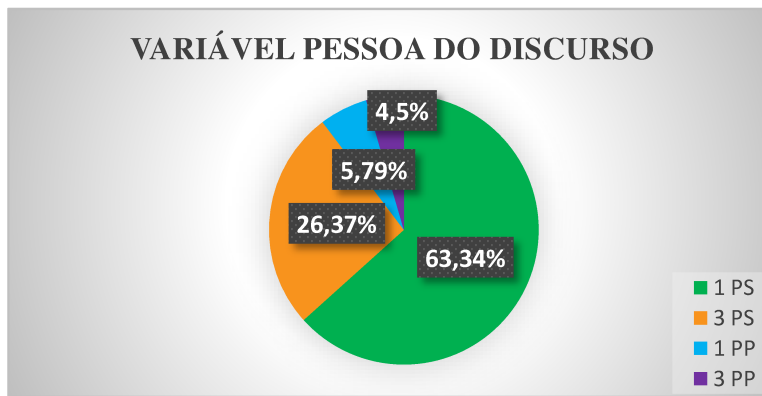
Na tabela 26 e no gráfico 22 serão apresentados os resultados referentes à essa variável.

**Tabela 26** – Frequência da variante concordância não padrão segundo variável pessoa do discurso

<b>Concordância não padrão</b>	
1. <sup>a</sup> PS	197/63,34%
3. <sup>a</sup> PS	82/26,37%
1. <sup>a</sup> PP	18/5,79%
3. <sup>a</sup> PP	14/4,5%
Total	311/100%

Fonte: autora do trabalho

**Gráfico 22** – Resultado de concordância não padrão variável pessoa do discurso



Fonte: autora de trabalho

O que esperávamos para esta variante era que as frases que ocorrem com sujeitos no plural (seja de único núcleo ou de dois ou mais) favorecessem mais a concordância não padrão. No entanto, os dados revelam uma expressiva disparidade em relação ao previsto. Observa-se uma predominância das formas de singular, em que a 1.<sup>a</sup> PS destaca-se com 63,34%, seguida pela 3.<sup>a</sup> PS com 26,37%. Em contrapartida, a 1.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup> pessoa do plural apresentam menores índices na amostra, com 5,79% de 1.<sup>a</sup> PP e apenas registrando 4,5% 3.<sup>a</sup> PP. Esse índice elevado da primeira pessoa do singular pode ocorrer porque, em contextos em que não são necessários, ou seja, em que se deveria a forma no infinitivo, nota-se uma ocorrência de verbos conjugados.

De outra forma, esse fato pode explicar devido o conteúdo dos textos abordados que estão ligados a atividade diária e família. Verificamos os alguns exemplos extraídos no *corpus*:

(32) a) eu ajuda a minha mãe faça o café.

b) Levantou-me as 6:00 demanhã para faz o pequeno almoço.

Dessa forma, destacamos que a 1.<sup>a</sup> pessoa do singular foi um fator que condicionou essa variante neste estudo. Todavia, investigações futuras poderão obter resultados distintos.

### 6.2.3. AUSÊNCIA VERBAL

Nesta seção, buscaremos identificar os fatores determinantes para o emprego dessa variante (ausência do verbo) com base nas variáveis selecionadas para este estudo. Em seguida, iniciaremos análise pelo tipo de verbo. Foram encontrados 241 dados nesta variante e distribuídos em verbo de estado e verbo de ação.

#### 6.2.3.1. Tipo de verbo

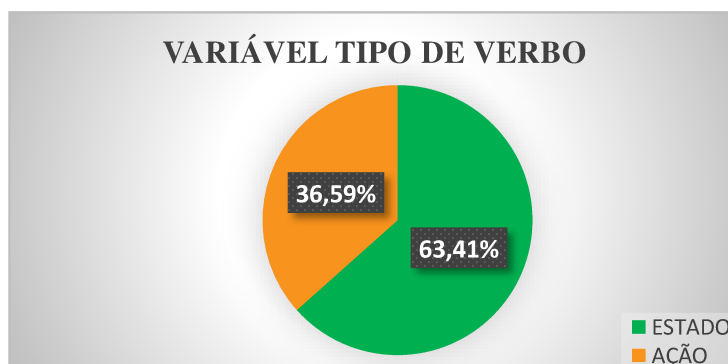
Os resultados obtidos referentes à concordância padrão com relação a essa variável são 246. Eles serão apresentados na tabela 27 e no gráfico 23.

**Tabela 27** – Frequência da variante ausência verbal segundo variável tipo de verbo

<b>Ausência verbal</b>	
Estado	156/63,41%
Ação	90/36,59%
Total	246/100%

Fonte: autora do trabalho

**Gráfico 23** – Resultado de ausência verbal segundo variável tipo de verbo



Fonte: autora do trabalho

Com base nos dados apresentados, pode-se perceber que a ausência verbal ocorre de forma significativa nos verbos de estado, os índices atingiram 63,41% de frequência do uso. Contudo, o verbo de ação apresenta 36,59% de casos. Tal resultado demonstra que a característica verbal do tétum favorece expressivamente nessa variante, visto que não possui verbo de estado equivalente a “ser” e “estar” no português (cf. Costa 2001).

### 6.2.3.2. Tipo de Sujeito

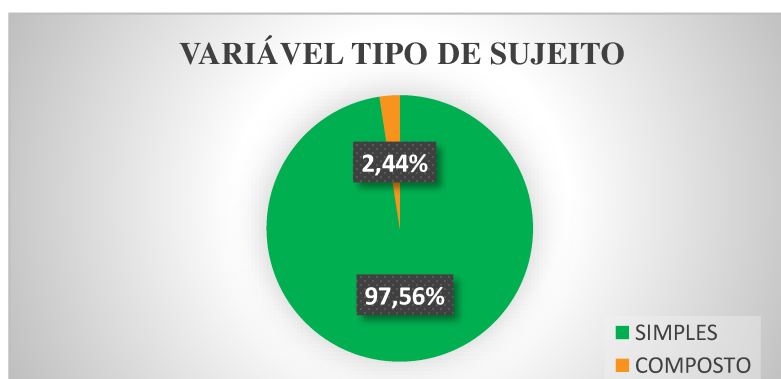
Os resultados sobre a variável tipo de sujeito serão discutidos na tabela 28 e no gráfico 24 a seguir.

**Tabela 28** – Frequência da variante ausência verbal segundo variável tipo de sujeito

Ausência verbal	
Simple	240/97,56%
Composto	6/2,44%
Total	246/100%

Fonte: autora do trabalho

**Gráfico 24** – Resultado de ausência verbal segundo variável tipo de sujeito



Fonte: autora do trabalho

De acordo com o resultado apresentado, percebe-se que a variante ausência do verbo ocorre de forma categórica, ou seja, em 97,56% (240 ocorrências) o sujeito do verbo é simples. Enquanto o sujeito composto representa apenas 2,44% (6 ocorrências) do total. De forma geral, o fator condicionante desta variável é, paradoxalmente, o sujeito simples. Contudo, ao contrário do

inesperado, embora o sujeito simples possua apenas um núcleo e isso levasse os alunos a empregar com menor frequência a variante, os dados revelaram o padrão inverso.

#### 6.2.3.4. Tipo de conjugação verbal

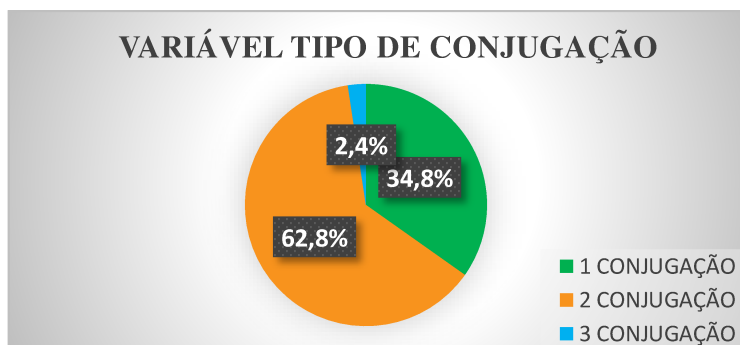
Foram encontradas 250 ocorrências da ausência verbal no *corpus*. Os resultados sobre a variável tipo de sujeito serão discutidos na tabela 29 e no gráfico 25 a seguir.

**Tabela 29** – Frequência da variante ausência verbal segundo variável tipo de conjugação verbal

Ausência verbal	
1. <sup>a</sup> conjugação	87/34,8%
2. <sup>a</sup> conjugação	157/62,8%
3. <sup>a</sup> conjugação	6/2,4%
Total	250/100%

Fonte: autora do trabalho

**Gráfico 25** – Resultado de ausência verbal segundo variável tipo de conjugação verbal



Fonte: autora do trabalho

Partindo dos resultados contidos na tabela e no gráfico acima, pode-se verificar que os verbos da 2.<sup>a</sup> conjugação apresentam a frequência de 62,80% (159 casos). Seguidamente, os verbos da 1.<sup>a</sup> conjugação mostram 34,80% (87 ocorrências), enquanto os verbos da 3.<sup>a</sup> conjugação destacam a frequência muito baixa nesta variável, com apenas 2,40% (5 casos). Logo, os verbos das 2.<sup>a</sup> foram um fator que favoreceu o uso dessa variante. Isso ocorre porque não há um equivalente ao verbo “ser” na língua tétum. Por isso, os falantes aplicam a estrutura do tétum ao português, acabando por omitir o verbo em contexto onde ele seria obrigatório.

### 6.2.3.5. Tempo Verbal

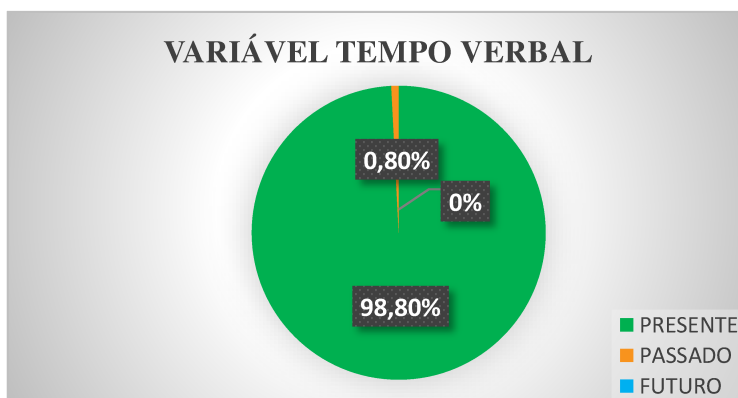
A seguir, procedemos à discussão dos resultados sobre a variável tipo de sujeito, com base nos dados compilados na tabela 30 e no gráfico 26.

**Tabela 30** – Frequência da variante ausência verbal segundo variável tempo verbal

Ausência verbal	
Presente	247/98,8%
Passado	3/0,8%
Futuro	0
Total	250/100%

Fonte: autora do trabalho

**Gráfico 26** – Resultado de ausência verbal segundo variável tempo verbal



Fonte: autora do trabalho

A partir dos resultados apontados acima, percebemos que o tempo futuro apresenta frequência nula (0%) nessa variável, enquanto o pretérito registra 0,80% (3 casos). Em contrapartida, o tempo presente demonstra um percentual altamente significativo nessa variante, registrando 98,80% (248 ocorrências). Neste contexto, não se pode afirmar que o tempo presente condicione a ausência verbal, uma vez que os conteúdos que constituem o *corpus* deste estudo estão relacionados ao tempo presente. Pesquisas futuras podem revelar outros resultados.

### 6.2.3.5. Pessoa do discurso

A análise da variável pessoa do discurso é detalhada na tabela 31 e ilustrada no gráfico 27, apresentados a seguir.

**Tabela 31** – Frequência da variante ausência verbal segundo variável pessoa do discurso

Ausência verbal	
1. <sup>a</sup> PS	14/5,69%
3. <sup>a</sup> PS	221/89,84%
1. <sup>a</sup> PP	9/3,66%
3. <sup>a</sup> PP	2/0,81%
Total	246/100%

**Fonte:** autora do trabalho

**Gráfico 27** – Resultado da variável pessoa do discurso



**Fonte:** autora do trabalho

Pelos resultados expostos na tabela 31 no gráfico 27 relativos a esta variável, verificamos que a 3.<sup>a</sup> PS foi um fator que apresenta um índice muito elevado. No entanto, nessa variante (ausência do verbo) foram registradas 246 ocorrências do total dos dados. Os resultados apresentam uma forma categórica, em que 89,84% apareceram com sujeito da 3.<sup>a</sup> PS, enquanto apenas 10,16% foram registradas com outra pessoa do discurso (1.<sup>a</sup> PS, 1.<sup>a</sup> PP e 3.<sup>a</sup> PP). Embora a 3.<sup>a</sup> tenha sido o fator que condicionou a concordância padrão (cf. tabela 21), ela também foi um fator que favoreceu a interferência nesta variante.

## 6.2.4. USO DO INFINITIVO

Nesta seção, buscaremos identificar os fatores determinantes para o emprego dessa variante (o uso do infinitivo) com base nas variáveis selecionadas para este estudo. Em seguida, iniciaremos análise pelo tipo de verbo.

### 6.2.4.1 Tipo de verbo

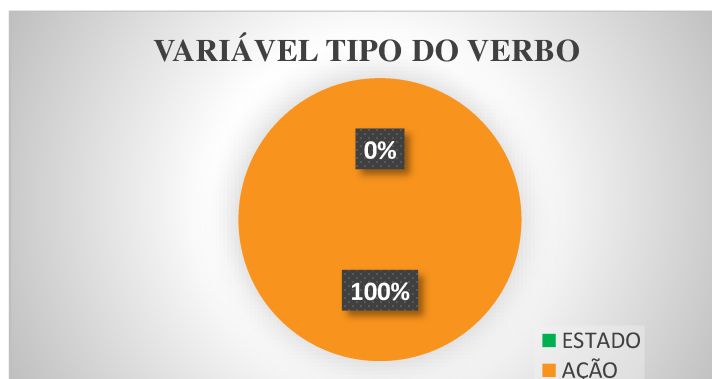
Foram encontradas 162 ocorrências do uso do infinitivo nesta variável. Os resultados referentes à essa variável serão apresentados na tabela 32 e no gráfico 28 a seguir.

**Tabela 32** – Frequência da variante de uso do infinitivo segundo variável tipo de verbo

Uso do infinitivo	
Estado	0/0%
Ação	162/100%
Total	162/100%

**Fonte:** autora do trabalho

**Gráfico 28** – Resultado de uso do infinitivo segundo variável tipo de verbo



**Fonte:** autora do trabalho

Ao observar as frequências exibidas pelos contextos da variável tipo de verbo, percebemos que o verbo de estado não apresentou dados referentes ao uso do infinitivo. Dessa forma, as 162 ocorrências de infinitivo registradas nesta pesquisa foram os verbos de ação. Consequentemente, o fator verbo de ação influencia diretamente o uso do infinitivo neste estudo.

### 6.2.4.2. Tipo de Sujeito

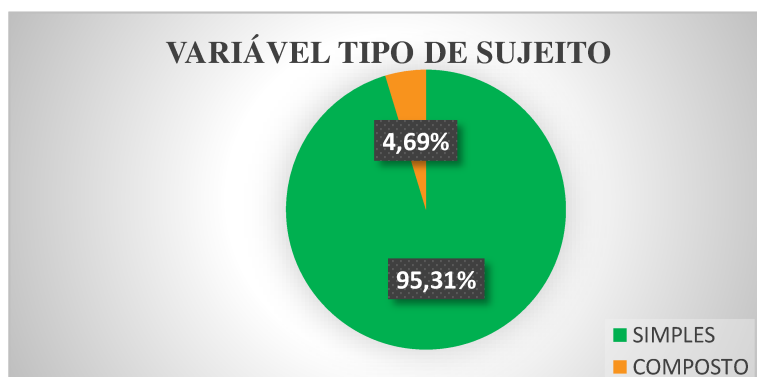
Foram encontradas 162 ocorrências do uso do infinitivo no total dos dados. No entanto, para essa variável, foram registradas apenas 62 ocorrências, distribuídas em sujeitos simples e compostos. Os resultados referentes à essa variável serão apresentados na tabela 33 e no gráfico 29 a seguir.

**Tabela 33** – Frequência da variante de uso do infinitivo segundo variável tipo de sujeito

Uso do infinitivo	
Simple	61/95,31%
Composto	3/4,69%
Total	64/100%

**Fonte:** autora do trabalho

**Gráfico 29** – Resultado de uso do infinitivo segundo variável tipo de sujeito



**Fonte:** autora do trabalho

Com base nos resultados, o sujeito simples foi um fator que apresentou maior percentual, 95,31%; isto é, esse fator foi bastante favorável ao uso do infinitivo. Enquanto o sujeito composto demonstrou uma frequência muito baixa, representou apenas 4,69% do total, com apenas 3 ocorrências. Isso ocorre porque a estrutura sintática do tétum não exige que o sujeito concorde com o verbo, pois o verbo permanece invariável. Dessa forma, os falantes de tétum tendem a projetar essa característica na língua portuguesa.

### 6.2.4.3. Tipo de conjugação verbal

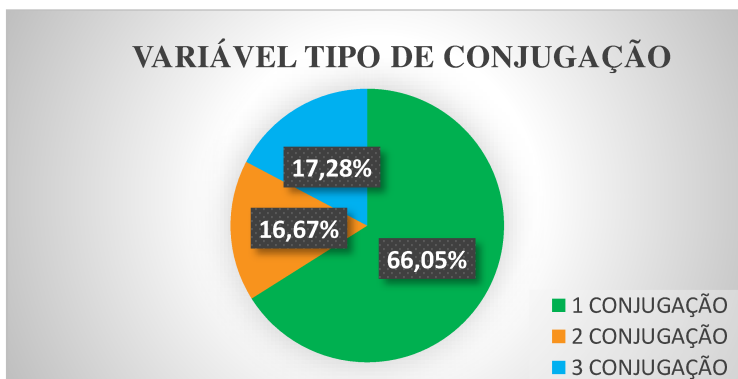
No que concerne a esta variável, identificamos 162 ocorrências de uso do infinitivo, cujos dados detalhados encontram-se na tabela 34 e no gráfico 30 abaixo.

**Tabela 34** – Frequência da variante de uso do infinitivo segundo variável tipo de conjugação

Uso do infinitivo	
1. <sup>a</sup> conjugação	107/66,05%
2. <sup>a</sup> conjugação	27/16,67%
3. <sup>a</sup> conjugação	28/17,28%
Total	162/100%

Fonte: autora do trabalho

**Gráfico 30** – Resultado de uso do infinitivo segundo variável tipo de conjugação verbal



Fonte: autora do trabalho

Os dados demonstram que, no contexto do *corpus* em estudo, o verbo da 1.<sup>a</sup> conjugação (terminados em -ar) demonstrou uma frequência altamente significativa, contabilizando 107 ocorrências, o que corresponde a 66,05% do total. Na sequência, os verbos da 3.<sup>a</sup> conjugação (terminados em -ir) registraram 28 casos, perfazendo 17,28% do total. Já a 2.<sup>a</sup> conjugação (terminados em -er) apresentou a menor frequência, com 27 casos, o que representa 16,67% da amostra. Portanto, a baixa representatividade dos verbos da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugações indica que estes não são fatores que favoreceram o uso do infinitivo nesta pesquisa, sendo este uso predominantemente associado aos verbos de 1.<sup>a</sup> conjugação.

#### 6.2.4.5. Pessoa do discurso

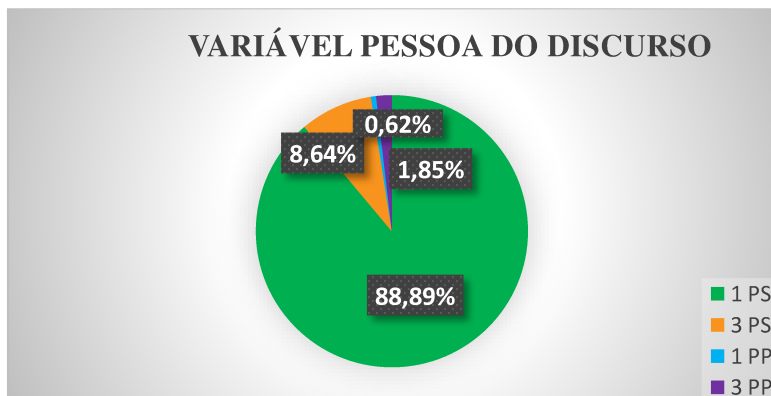
Foram encontradas 162 ocorrências do uso do infinitivo no total dos dados, distribuídas em 1ª PS, 3ª PS, 1ª PP e 3ª PP. Os resultados referentes à essa variável serão apresentados na tabela 35 e no gráfico 31 a seguir.

**Tabela 35** – Frequência da variante de uso do infinitivo segundo variável pessoa do discurso

Uso do infinitivo	
1.ª PS	144/88,89%
3.ª PS	14/8,64%
1.ª PP	1/0,62%
3.ª PP	3/1,85%
Total	162/100%

**Fonte:** autora do trabalho

**Gráfico 31** – Resultado de uso do infinitivo segundo variável pessoa do discurso



**Fonte:** autora de trabalho

Os resultados acima apresentados revelam uma frequência elevada do uso do infinitivo na 1.ª pessoa do singular, representando 88,89% das ocorrências, do que outras pessoas do discurso. Isso evidencia que a 1.ª PS foi um fator que favoreceu o uso do infinitivo e a concordância não padrão (conforme tabela 26 e gráfico 22). Essa interferência está fundamentalmente ligada à invariabilidade verbal do tétum, na qual existe apenas uma forma verbal para todas as pessoas gramaticais, o que equivale, funcionalmente, ao o infinitivo no português. Observa-se que, em alguns casos, o sujeito aparece expresso, em outros, o verbo ocorre logo no início da frase na

forma de infinitivo; nesse contexto, o correto seria utilizar o verbo conjugado com sujeito subentendido. Observamos alguns exemplos extraídos no *corpus*:

(32) a) Acabar de comer e beber;

b) o professor tocar chino entre na sala (...). sair na escolha voltar para casa.

De outra forma, o elevado número de ocorrências da primeira pessoa do singular nesta pesquisa justifica-se pelo fato de os conteúdos abordados por nossos informantes consistirem em relatos de atividades diárias e familiares.

Posteriormente, analisaremos de forma geral a variável língua materna, haja vista que a totalidade dos nossos 30 informantes é composta por falantes de outras línguas maternas.

### 6.3. VARIÁVEL LÍNGUA MATERNA VS. OUTRAS LÍNGUAS MATERNAS

Como já explicado anteriormente no capítulo 5, que, dos informantes desta pesquisa, 90 têm como língua materna o tétum e 30 são falantes de outras línguas maternas. Logo, buscaremos verificar se houve diferença nos comportamentos linguísticos entre os alunos, uma vez que o tétum e algumas dessas outras línguas maternas não apresentam diferenças significativas no seu sistema linguístico, especificamente em suas estruturas verbais. Um dos fatores que favorece a variação linguística é a língua materna de cada indivíduo, pois os falantes podem transferir características dela, como sotaque, estrutura gramatical e vocabulário para a segunda língua. Dessa forma, o comportamento linguístico geral desses alunos é apresentado na tabela seguinte.

**Tabela 36** – Distribuição geral da frequência da variável língua materna

Variante e Variável	Ocorrência/percentual		Total
	Língua materna tétum	Outras línguas maternas	
Concordância padrão	580 (72,14%)	224 (27,86%)	804 (100%)
Concordância não-padrão	236 (75,88%)	75 (24,12%)	311 (100%)
Ausência verbal	210 (84%)	40 (16%)	250 (100%)
Uso do infinitivo	125 (77,16%)	37 (22,84%)	162 (100%)
<b>Total</b>	<b>1151</b>	<b>376</b>	<b>1527</b>

**Fonte:** autora do trabalho

De maneira geral, notamos que os falantes de tétum apresentam a maioria absoluta das ocorrências dos dados. Tal dado sugere que a língua materna dos informantes não favorece, de forma específica, as interferências analisadas neste estudo. Com efeito, a nossa amostra é composta por 90 informantes que tem como língua materna é o tétum, em contraposição aos 30 informantes das demais línguas.

Os resultados gerais mostram um total de 804 ocorrências de concordância padrão. Desse total, 244 ocorrências (27,86%) correspondem aos falantes das outras línguas maternas, enquanto 560 ocorrências (72,14%) são oriundas dos informantes nativos do tétum. Tal distribuição revela uma predominância do emprego da concordância padrão entre os falantes nativos do tétum, embora os falantes de outras línguas também apresentem um percentual significativo de ocorrências.

Por ser um país multilíngue, é comum que cada região administrativa apresente sua própria língua materna. Contudo, as línguas nativas de Timor-Leste dividem-se em dois grandes grupos: o das línguas austronésias e o das línguas papuásicas. (cf. Hull e Eccles, 2005). Tipologicamente, as línguas austronésias apresentam uma estrutura sintática mais variável, com tendências a ordem VSO (Verbo-Sujeito-Objeto) ou SVO (Sujeito-Verbo-Objeto). Por outro lado, as línguas papuásicas adotam a estrutura sintática dominante SOV (Sujeito-Objeto-Verbo). A estrutura verbal desses dois grupos manifesta diferenças tipológicas. As línguas austronésias apresentam geralmente a ausência de flexão verbal por pessoa e número, enquanto as línguas papuásicas possuem flexão verbal que indica a concordância de pessoa e número. Ainda assim, os resultados não evidenciam variação significativa nos comportamentos linguísticos dos informantes relacionada à língua materna.

Concluiu-se, portanto, que a variação na língua materna dos alunos não exerce influência expressivamente diferenciada nas produções textuais em português. Isto é, tanto os informantes nativos de tétum quanto os das demais línguas apresentam a mesma tendência, seja na concordância padrão, seja nos desvios linguísticos. Partimos, agora, para a conclusão do trabalho.

## 7 CONCLUSÃO

O presente trabalho abordou o fenômeno da interferência linguística no ensino aprendizagem de Timor-Leste, com o foco na concordância verbal. Conforme Durão (2008), o termo interferência ocorre quando um traço, uma regra ou uma característica de uma língua já conhecida pelo falante foi introduzido e aplicado indevidamente no sistema do uso da outra, visto que tal traço não é pertinente, portanto haveria transferência negativa quando os conhecimentos anteriormente existentes dificultar o desenvolvimento de uma nova aprendizagem. Portanto, em resposta aos objetivos gerais e específicos deste estudo, os resultados da análise mostraram que o fenômeno de interferência da concordância verbal foi condicionado não apenas por grupos de fatores linguísticos, mas também por fatores extralinguísticos (Labov, 1972). Em síntese, a análise realizada ao longo desta dissertação nos permitiu observar que pouco mais da metade dos dados revelaram o uso padrão (52,65%), isto é, quase empatando com as outras formas (47,35%). Assim, partindo da nossa hipótese fundamental de que a diferença nas estruturas verbais entre o tétum e o português condiciona a interferência na aprendizagem do português, bem como objetivos gerais e específicos apresentados, aqui retomamos cada uma de nossas hipóteses em relação às variáveis linguísticas e extralinguísticas, para avaliar quais foram confirmadas ou refutadas pelos resultados desta pesquisa.

Em relação ao aspecto extralinguístico, os anos de escolarização mostraram-se bastante relevantes atestando que quanto mais escolarizados são os informantes menor é a concordância verbal não padrão, em que os alunos do 3.º ciclo do ensino básico apresentaram 30,35% de concordância padrão. Em contrapartida, os alunos do ensino secundário registraram um índice consideravelmente maior, com 69,65%, ratificando o que o próprio Labov e outros pesquisadores constataram (1978, apud MONGUILHOTT 2001). Assim, confirmou-se a nossa hipótese. Ainda em relação a esta variável, confirmou-se também a hipótese de que a ocorrência de ausência verbal foi elevada entre os alunos do 3.º ciclo do ensino básico, registraram 89,2%, ao passo que, no ensino secundário, este índice foi apenas 10,8%. Esta análise evidencia que os alunos deste ciclo ainda não tinham conhecimentos linguísticos de outro idioma, o que resulta em uma maior interferência da língua materna na língua-alvo.

Quanto à variável sexo, os dados confirmaram a nossa hipótese, revelando uma ligeira predominância do sexo feminino no fenômeno estudado, registrou 51,37% na concordância padrão e o sexo masculino registrou uma frequência pouca menor, com 48,37% de concordância padrão, embora a frequência observada seja menor, afirmamos que o sexo feminino foi o fator que favorece a concordância padrão, o resultado converge com o Princípio de Labov (2001), que postula que as mulheres tendem a usar com mais frequência a variante de prestígio em relação aos homens.

Relativamente à variável tipo de escola, apresentamos como hipótese que a frequência de concordância padrão é mais elevada entre aprendizes de escola privada do que da escola pública, já que aquelas contam com melhor infraestrutura, maior carga horária e outras atividades. Os resultados deste estudo evidenciam essa hipótese, em que os alunos de escola privada apresentam 53,86% de concordância padrão, enquanto os alunos de escola pública registraram uma frequência pouca menor, com 46,14% de concordância padrão. Contudo, observa-se que, embora a escola privada tenha muito mais recursos, a diferença entre dois tipos de escolas não foi tão significativa. Esse resultado evidencia o esforço do IX Governo Constitucional e do Ministério da Educação, na alocação dos professores em suas áreas de especialidade, além de promover a formação contínua em todo o território nacional.

Em relação às variáveis linguísticas, a hipótese levantada para a variável tipo de verbo previa que os verbos de ação favoreceriam a aplicação da concordância padrão. O resultado revelou que os verbos de ação favorecem mais a concordância padrão do que o verbo de estado. E em relação aos desvios da norma, a ausência verbal foi mais elevada nos verbos de estado do que nos verbos de ação. Nesse sentido, vale destacar que, em frases com verbos de ação, há tendência à concordância padrão; já em frases que exigem o verbo de estado, os alunos recorrem frequentemente à transferência negativa e à contaminação (Bastos, 1996; Weinreich, 1953).

Por meio dos resultados obtidos no grupo de fatores tipo de sujeito, verificamos que o SN-sujeito do tipo pronome pessoal ou substantivo simples (único núcleo) apresentou elevada realização de concordância padrão. Já o SN-sujeito que possui dois ou mais núcleos (substantivo + substantivo ou pronome pessoal + substantivo) apresentou menor probabilidade da realização de concordância padrão. Apesar de não haver concordância do verbo com o sujeito (simples e composto) em tétum, porque o verbo permanece invariável (Costa, 2015), os resultados mostram

o conhecimento dos alunos em relação ao fator sujeito simples. Em contrapartida, em frases que surgem com dois ou mais núcleos, os alunos demonstram dificuldades em realizar a concordância.

Quanto à variável tipo de conjugação verbal, apresentamos como hipótese que os verbos de 1.<sup>a</sup> conjugação favoreceriam mais a aplicação da concordância padrão do que os de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugação. Os dados revelaram um resultado muito interessante: os verbos de 2.<sup>a</sup> conjugação foram os que favoreceram a concordância padrão, enquanto os verbos de 1.<sup>a</sup> conjugação, os verbos mais produtivos na língua portuguesa apareceram na segunda posição. A elevada ocorrência da 2.<sup>a</sup> conjugação pode decorrer por meio da repetição dos itens lexicais nesse contexto, como o “ter”, “fazer”, “comer”, “beber”, etc. Dessa forma, foi refutada a nossa hipótese.

Relacionado ao fator tempo verbal, os dados obtidos ao longo dessa análise confirmaram a nossa hipótese. O tempo presente foi o que apresentou menor interferência da concordância padrão, ao se comparar com o passado e com o tempo futuro. Tais resultados comprovam que, mesmo que as formas verbais em tétum sejam reduzidas ao infinitivo e sirvam para designar o presente, o pretérito, o imperfeito e o futuro, bem como os modos e as diferentes pessoas e números (Costa, 2001), os alunos mostraram conhecimento de aplicação da norma padrão em português relativamente ao tempo presente. Esse resultado também evidencia o que afirmam Hull e Eccles (2005), alguns verbos emprestados do português ao tétum foram tomados pela 3.<sup>a</sup> do singular do presente do indicativo.

Por fim, em relação à variável pessoa do discurso, que em tétum deve anteceder sempre o verbo (Costa, 2001) e exige o sujeito sempre expresso na frase para marcar a pessoa verbal (Costa, 2015), a hipótese inicial era de que a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular apresentaria maior índice de concordância padrão. Tal hipótese confirmou-se, uma vez que a 3.<sup>a</sup> PS registrou 48,96% de CP, seguida pela 1.<sup>a</sup> PS, registrou 33,38%. Em contrapartida, as pessoas do plural apresentaram menor realização de concordância padrão. Isso demonstra que, em frases com o sujeito simples no singular (de um só núcleo), os alunos apresentam a concordância padrão; contudo, quando a frase possui mais de um núcleo, observa-se uma maior tendência ao desvio.

Esses resultados evidenciam que há uma tendência à realização da concordância padrão quando:

- a) o verbo é de ação, quando ocorre o verbo de estado, observa-se uma tendência à ausência verbal;
- b) o sujeito é simples (pronome pessoal ou um substantivo);
- c) o tempo verbal está no presente;
- d) o verbo pertence à 2.<sup>a</sup> conjugação;
- e) a sentença ocorre na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular;
- f) a sentença é produzida por pessoas mais escolarizadas;
- g) a sentença é produzida por mulheres;
- h) a sentença é produzida por alunos de escola privadas.

Em relação a variável língua materna, que não foi considerada como foco neste estudo, a análise dos dados não apresentou um comportamento linguístico diferente entre esses informantes. Isso ocorre porque, no contexto de origem das línguas, o tétum e as demais línguas maternas desses indivíduos pertencem, em sua maioria, à família austronésia, que apresenta a mesma estrutura canônica de Sujeito + Verbo + Objeto (SVO) e mesma estrutura verbal.

No entanto, com base na análise realizada, considero que as interferências linguísticas do tétum na aprendizagem do português em Timor-Leste foram favorecidas por fatores linguísticos e extralinguísticos (Labov, 2008). Com base nos resultados obtidos nos aspectos extralinguísticos e linguísticos, sugere-se que o governo, em especial o Ministério da Educação (ME), deve tomar o máximo atenção aos recursos humanos, à infraestrutura, à carga horária e ao currículo das escolas públicas. Tais medidas são essenciais para que o ensino de língua seja eficaz. Além disso, como um país multilíngue, sugere-se aos professores de língua portuguesa, a identificação do perfil sociolinguístico do aluno, para facilitar o trabalho na sala de aula (Bortoni-Ricardo, 2005). E a todos os professores devem refletir as perguntas de Deus e Machado (2010) Que língua ensinar? E quais as estratégias para se garantir um ensino eficiente?

Por fim, acreditamos que esta investigação poderá contribuir significativamente para o estudo das variantes sociolinguísticas do Português de Timor-Leste (PTL) e proporcionar uma compreensão mais profunda dessas variações. Além disso, desejamos que este estudo não apenas enriqueça a compreensão dos timorenses sobre a sociolinguística do PTL, mas também forneça informações valiosas que possam ser utilizadas na formulação de políticas linguísticas e educacionais em Timor-Leste. A análise detalhada dessas variantes poderá revelar aspectos essenciais para a promoção e preservação da língua portuguesa no contexto timorense, auxiliando na implementação de estratégias pedagógicas e políticas que considerem as particularidades linguísticas locais.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, D. **A língua portuguesa em Timor-Leste**. Um estudo ecolinguístico. Graz, 2024.
- ALBUQUERQUE, D. O sistema linguístico como sistema ecológico: um estudo da gramática tétum (Timor-Leste). **Caderno de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 14, n.1, p. 175-194. 2013. <https://doi.org/10.26512/les.v14i1.22227>
- ALBUQUERQUE, D.; TAYLOR-LEECH, K. Política linguística para as línguas oficiais em Timor-Leste: o português e o Tétum-Praça. **Revista Gragoatá, Rio de Janeiro**, v. 17, n. 32, p. 153-169, 2012. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v17i32.33037>
- ALI, Manuel Said. **Gramática secundária da língua portuguesa**. Brasília: Editora UnB, 2001.
- ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 43. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- ALMEIDA, Gilce; ANTONINO, Vivian. A concordância verbal de terceira pessoa do plural em produções escritas de estudantes universitários. **Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2011. <https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v8n1a7972>
- ANTUNES, A.A. **o que é cultura popular**. 14 ed. - São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico. O que é, como faz**. 48 e 49 ed. Loyola, São Paulo, 2007.
- BAPTISTA, Carlos Alberto S. **Gramática completa da língua portuguesa. Resumos Concursos Públicos**, 2000.
- BATORÉO, Hanna J. A língua portuguesa em Timor: de que forma deve o ensino de português adaptar-se às diferentes realidades nacionais. **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, v. 4, p. 51-6, 2009.
- BAXTER, A. **Portuguese and Creole in the Pacific and Western Pacific rim**. In: WURM, S. A.; MUÜHLHÄUSLER, P.; TYRON, D. T. (ed.) *Atlas of Languages of Intercultural communication in the Pacific, Asia, and the Americas*. Vol.2. Berlim: Mouton de Gruyter, 1996. <https://doi.org/10.1515/9783110819724.2.299>
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1961.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Estrutura da frase simples e tipos de frase. In: MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. 5. ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho, 2003.

- CAETANO, A. **Desvios na representação grafemática em aprendentes de Português Língua Segunda Análise de uma amostra do universo de Professores do Ensino Secundário Técnico-Vocacional de Timor-Leste.** Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho. 2014.
- CÂMARA Júnior, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: 1956.
- CARDOSO, A. J. **A importância do erro e as interferências linguísticas no processo de aquisição de uma língua não materna,** 2007. [http://proformar.pt/revista/edicao\\_22/import\\_erro.pdf](http://proformar.pt/revista/edicao_22/import_erro.pdf). Acesso em 20 de nov. 2024.
- CHAGAS, P. Mudança linguística. In: FIORIN, J. L. (org). **Introdução à linguística I: objetos teóricos.** São Paulo: Contexto, 2010.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa.** São Paulo: Nacional, 2010.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGIL, P. La dialectología. Traducción. Carmen Morán Gonzalez. Madrid: **Visor Libros**, 1995 [1980].
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.
- COELHO, I. L. *et al.* **Princípios de Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COSTA, Luís. **Guia de conversão Português - Tétum.** Lisboa: Edição Colibri, 2001.
- COSTA, Luís. **Língua Tétum: Contributos para uma Gramática.** Lisboa: Edições Colibri, 2015.
- COUTO, H.H. **Introdução ao Estudo das Línguas Crioulas e Pidgins.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- DEUS, V.G. e MACHADO, D. M. **Linguística.** Aracaju: Gráf. Unit, 2010.
- DILIGENTE. **Consolidação da língua portuguesa em Timor-Leste: um imperativo adiado.** Disponível em: <https://www.diligenteonline.com/consolidacao-da-lingua-portuguesa-em-timor-leste-um-imperativo-adiado/>. Acesso em 15 de agosto de 2024.
- DIMANDE, R.C.A, **A diglossia e a situação linguística de Maputo.** Dissertação de mestrado. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo. 2016.
- DUBOIS Jean et al. **Dicionário de Linguística.** 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- DURÃO, A. B. A. B. **A transferência (interferência) lingüística: um fenômeno ainda vigente?** Polifonia, [S. l.], v. 14, n. 15, 2008.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

FERGUSON, C.A. Diglossia, **WORD**, vol.15, n. 2, p. 325-340, 1959. DOI: 10.1080/00437956.1959.11659702. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00437956.1959.11659702>. Acesso em: 2 aug. 2025.

FIGUEIREDO, F. A. **Timor: A presença portuguesa (1769-1954)**. Tese (doutorado em História). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2004.

FISHMAN, J. Bilingual with and without Diglossia. **Journal of Social Issues**. v. 23, n.2, p. 29-38, 1967. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1967.tb00573.x>

GARCIA, M.C e REIS, B. A. C. **Minimanual Compacto de Gramática - Língua Portuguesa. Teoria e Prática**. São Paulo. Rideel. 2003.

GONÇALVES, L. **Dicionário terminológico**. Ministério da educação. 2010.

GRISOLIA, Miriam M. e SBORGIA, Renata C. **Português sem segredos**. São Paulo: Madras, 2004.

GROSJEAN, François. **Life With Two Languages: An Introduction to Bilingualism**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, François. **Studying Bilinguals**. Oxford: Oxford University Press, 2008. <https://doi.org/10.1093/oso/9780199281282.001.0001>

GUIMARÃES, J. E. Língua Portuguesa em Timor-Leste: promoção e valorização das línguas maternas. Edição. 100. **Matadalan online**, 2015.

HAMERS Josiane. F.; BLANC, Michel H. A. **Bilinguality and Bilingualism**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511605796>

HAMERS, Josiane F.; BLANC, Michel H. A. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

HULL, G. & ECCLES, L. **Gramática da língua Tétum** (Tetum reference grammar). Lisboa, Portugal: Lidel. 2005.

HULL, G. **Identidade, Língua e Política Educacional**, Timor-Leste, 2001.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LADO, R. **Linguistics across cultures: applied linguistics for languages teachers**. Michigan: University of Michigan Press, 1957.

LAMBERT, W. **Cultura e linguagem como fatores na aprendizagem e na educação**. Em Wolfgang, A. (Ed.), *Edirjaciaf jmmiglant.siudcms*. Toronto: Instituto de Estudos em Educação de Ontário, 1975.

LANDRY, R., & ALLARD, R. Além da Educação Bilíngue Socialmente Ingênuas: **Os Efeitos da Escolaridade e da Vitalidade Etnolinguística no Bilinguismo Aditivo e Subtrativo**. Centro de Informação de Recursos Educacionais, 1993.

LEMLE e NARO. **Competências Básicas do Português**. Rio de Janeiro. 1977.

LIMA, Carlos H. da R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 47. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MACIEL, D.L. **A Concordância Sujeito-Verbo no Português Brasileiro. Uma descrição do fenômeno da concordância na frase na comunidade de Valparaíso/GO**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2020.

MACKEY, William Francis. **The description of bilingualism**. In: RICE, Frank A. (Org.). Problems of bilingualism. Baltimore: Linguistic Society of America, 1962. p. 51-85. <https://doi.org/10.1017/S0008413100019393>

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 6. ed. Pearson Prentice Hall, 2010.

MARTINS, B. **Interferências Linguísticas na Aprendizagem do Português por Falantes do Tétum**. Dissertação (Mestrado em Português Língua Não Materna (PLNM) – Português Língua Estrangeira (PLE) / Língua Segunda (L2). Instituto de Letras e Ciências Humanas. Universidade do Minho, Braga, 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. (Orgs.). Gêneros textuais e ensino. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARTINS, M.; VIEIRA, S.R; TAVARES, A (Orgs.). **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. A concordância verbo-nominal facultativa no português arcaico. **Atas do IX Congresso da ALFAL**, v. IV. Campinas: UNICAMP, 1998b, p. 165-175.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Ajudar as crianças a aprender**: Uma Conferência Internacional sobre Educação Bilíngue em Timor-Leste. Díli: Ministério da Educação, v.1, 2008.

MOLICA, Maria C. **Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação**. In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004a.

MONTE, A. **Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos**, São Paulo, 2007.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **A variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural em Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998. p. 215-216.

PAIVA, M.C. de. **A variável gênero/sexo**. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 33-42.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, D. (Org.). **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 93-114.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Restrições Sintáticas e Semânticas no Controle da Concordância Verbal em Português. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, n. 1 (45-71), jul.-dez. 1998

NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contrastes** / Volker Noll; traduzido do alemão por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

ODLIN, T. Cross-linguistic influence. In: DOUGHTY, C. J.; LONG, M. H. (org.). **The handbook of second language acquisition**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p. 436-486. <https://doi.org/10.1002/9780470756492.ch15>

RAMOS, H.S. **Os marcadores verbais do tempo passado entre o tétum e o português: um estudo comparativo**. Monografia de licenciatura. Universidade Nacional Timor Lorasa'e (UNTL), Timor-Leste, 2023.

RAMOS, H. J. **Timor-Leste – Amanhã em Díli**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE. Decreto do Governo n o. 1, 2004. **O padrão ortográfico da língua Tétum**. Díli, 2004. Disponível em: <https://www.axl-cefan.cstip.ulaval.ca/asie/timor-est-loi-2004.htm> Acesso em: 22 de nov. 2024.

RUAK, T. M. A importância da Língua Portuguesa na Resistência Contra Indonésia. In: Camões – **Revista de Letras e Culturas Lusófonas**. n.14. Lisboa: Instituto Camões, 2001.

SIGUAN, M. S. **Bilingüismo y lenguas en contacto**. Madrid: Alianza Editorial, 2001

SOUSA, D. **Cómo aprende el cerebro**. Thousand Oaks: Corwin Press, 2002.

TARALLO, F. **Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Lingüística**. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TIMOR-LESTE. Resolução do Parlamento Nacional. Lei n° 24/2010, de 24 de outubro de 2010. **Estabelece sobre o uso das Línguas Oficiais.** Disponível em: <https://www.mj.gov.tl/jornal/?q=node/1365>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2025.

TIMOR-LESTE. Decreto-Lei n.º 46/2023, de 28 de julho. Orgânica do IX Governo Constitucional. *Jornal da República*, Série I, n.º 30, 28 jul. 2023.

TIMOR-LESTE. Decreto-Lei n.º 23/2010, de 9 de dezembro. Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores do Ensino Básico e Secundário. *Jornal da República*, Série I, n.º 44, 9 dez. 2010.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization, and genetic linguistics.** USA: University of California Press, 1988. <https://doi.org/10.1525/9780520912793>

VENTURI, M. A. Aquisição de língua estrangeira numa perspectiva de estudos aplicados. In: DEL RÉ, A. **A aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística.** São Paulo: Contexto, 2006. p. 113-134.

VICENTE, P. Timorização dos timorenses no sistema da educação de Timor-Leste. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v, 40, n. 01-20, 2022. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2022.e66240>

WATSON, John B. Psychology as the behaviorist views it. **Psychological Review**, v. 20, 158-177, 1913. <https://doi.org/10.1037/h0074428>

WEINREICH, U. **Languages in contact.** La Haya: Mouton, 1953.

WEINREICH, U. **Languages in contact: Findings and Problems.** 7th. ed. Mouton: Den Haag, 1970.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** (Trad. Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

# **ANEXOS**

## Anexo 1 – Declaração da Instituição coparticipante 1

### 1. Ensino Básico Santa Bernadette Soubirous, Ai-Mutin Díli Timor-Leste

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**Para** : Exmo/a Senhor/a Diretor/a da Escola  
**Assunto** : Solicitação de Autorização para Realização de Pesquisa Acadêmica  
**De** : Marcelina de Carvalho, Mestranda em Estudos Linguísticos  
**Contato** : +55 (34) 991259800  
**Email** : [carvalhomarcelina99@gmail.com](mailto:carvalhomarcelina99@gmail.com)

Uberlândia, 23 de outubro de 2024

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Venho por meio deste solicitar autorização para a realização, em sua escola, de coleta de dados para pesquisa intitulada “Interferência Linguística na Aprendizagem do Português de Timor-Leste (PTL) por Falantes do Tétum: a Concordância Verbal”. Este estudo é da autoria da pesquisadora Marcelina de Carvalho, com número de matrícula 12412ELI017, orientado por professor Dr. José Magalhães, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. A pesquisa é relevante para a aplicabilidade na formação acadêmica dos alunos timorenses, o justifica sua imprescindível cooperação, concedendo-nos esta autorização.

A coleta de dados se refere textos escritos pelos alunos sem qualquer identificação de autoria. Comprometo-me a seguir rigorosamente todas as normas éticas de pesquisa. Asseguro que a participação é estritamente voluntária e que a confidencialidade e o anonimato de todos os envolvidos, incluindo a escola, serão integralmente preservados em todas as fases da pesquisa e na publicação dos resultados. Asseguro, ainda, que os dados coletados nesta instituição serão utilizados tão somente para a realização deste estudo.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimento, comprometendo-me a retribuir a colaboração com a apresentação dos resultados da pesquisa.

Agradeço, desde já, a atenção e a indispensável colaboração da Vossa Senhoria.

Atenciosamente,



Marcelina de Carvalho



Documento assinado digitalmente  
JOSE SUELI DE MAGALHÃES  
Data: 20/10/2024 17:28:10 (GMT)  
Verifique em <https://verificar.digitebr>

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães  
(Orientador)

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Eu, SAVENHA ADELHEID BELA BONO, Diretor da Escola STA. BERNADETTA SOUBIROUS, declaro que:

**AUTORIZO** a realização da pesquisa intitulada "Interferência Linguística na Aprendizagem do Português de Timor-Leste (PTL) por Falantes do Tétum: a Concordância Verbal" pela pesquisadora Marcelina de Carvalho, de acordo com objetivos apresentados.

**NÃO AUTORIZO** a realização da pesquisa.

Local e data: Dili, 24 de outubro 2024



Assinatura do/a Diretor/a da Escola  
SAVENHA ADELHEID BELA BONO

## Anexo 2 - Declaração da Instituição coparticipante 2

### 2. Ensino Básico 3º Ciclo Fatubessi, Ermera - Timor-Leste

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**Para** : Exmo/a Senhor/a Diretor/a da Escola  
**Assunto** : Solicitação de Autorização para Realização de Pesquisa Acadêmica  
**De** : Marcelina de Carvalho, Mestranda em Estudos Linguísticos  
**Contato** : +55 (34) 991259800  
**Email** : [carvalhomarcelina99@gmail.com](mailto:carvalhomarcelina99@gmail.com)

Uberlândia, 23 de outubro de 2024

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Venho por meio deste solicitar autorização para a realização, em sua escola, de coleta de dados para pesquisa intitulada “Interferência Linguística na Aprendizagem do Português de Timor-Leste (PTL) por Falantes do Tétum: a Concordância Verbal”. Este estudo é da autoria da pesquisadora Marcelina de Carvalho, com número de matrícula 12412ELI017, orientado por professor Dr. José Magalhães, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. A pesquisa é relevante para a aplicabilidade na formação acadêmica dos alunos timorenses, o justifica sua imprescindível cooperação, concedendo-nos esta autorização.

A coleta de dados se refere textos escritos pelos alunos sem qualquer identificação de autoria. Comprometo-me a seguir rigorosamente todas as normas éticas de pesquisa. Asseguro que a participação é estritamente voluntária e que a confidencialidade e o anonimato de todos os envolvidos, incluindo a escola, serão integralmente preservados em todas as fases da pesquisa e na publicação dos resultados. Asseguro, ainda, que os dados coletados nesta instituição serão utilizados tão somente para a realização deste estudo.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimento, comprometendo-me a retribuir a

colaboração com a apresentação dos resultados da pesquisa.

Agradeço, desde já, a atenção e a indispensável colaboração da Vossa Senhoria.

Atenciosamente,

Marcelina de Carvalho

Documento assinado digitalmente  
JOSE SUELI DE MAGALHÃES  
Data: 23/10/2025 17:20:10-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães  
(Orientador)

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Eu, Albino da Costa Casimiro, Diretor da Escola Escola Básica Central Fatubessi, declaro que:

**AUTORIZO** a realização da pesquisa intitulada "Interferência Linguística na Aprendizagem do Português de Timor-Leste (PTL) por Falantes do Tétum: a Concordância Verbal" pela pesquisadora Marcelina de Carvalho, de acordo com objetivos apresentados.

**NÃO AUTORIZO** a realização da pesquisa.

Local e data: Fatubessi, 24 de outubro de 2024

Assinatura do/a Diretor/a da Escola

Albino da Costa Casimiro, B.Ed

## Anexo 3 - Declaração da Instituição coparticipante 3

### 3. Ensino secundário Geral Dom Martinho Lopes, Maliana, Timor-Leste

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**Para** : Exmo/a Senhor/a Diretor/a da Escola  
**Assunto** : Solicitação de Autorização para Realização de Pesquisa Acadêmica  
**De** : Marcelina de Carvalho, Mestranda em Estudos Linguísticos  
**Contato** : +55 (34) 991259800  
**Email** : [carvalhomarcelina99@gmail.com](mailto:carvalhomarcelina99@gmail.com)

Uberlândia, 23 de outubro de 2024

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Venho por meio deste solicitar autorização para a realização, em sua escola, de coleta de dados para pesquisa intitulada “Interferência Linguística na Aprendizagem do Português de Timor-Leste (PTL) por Falantes do Tétum: a Concordância Verbal”. Este estudo é da autoria da pesquisadora Marcelina de Carvalho, com número de matrícula 12412ELI017, orientado por professor Dr. José Magalhães, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. A pesquisa é relevante para a aplicabilidade na formação acadêmica dos alunos timorenses, o justifica sua imprescindível cooperação, concedendo-nos esta autorização.

A coleta de dados se refere textos escritos pelos alunos sem qualquer identificação de autoria. Comprometo-me a seguir rigorosamente todas as normas éticas de pesquisa. Asseguro que a participação é estritamente voluntária e que a confidencialidade e o anonimato de todos os envolvidos, incluindo a escola, serão integralmente preservados em todas as fases da pesquisa e na publicação dos resultados. Asseguro, ainda, que os dados coletados nesta instituição serão utilizados tão somente para a realização deste estudo.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimento, comprometendo-me a retribuir a

colaboração com a apresentação dos resultados da pesquisa.

Agradeço, desde já, a atenção e a indispensável colaboração da Vossa Senhoria.

Atenciosamente,

Marcelina de Carvalho  
(orientador)

Documento assinado digitalmente  
JOSE SUELI DE MAGALHÃES  
Data: 23/10/2024 17:20:10-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Eu, JUVINAL DOS REIS FERREIRA, Diretor da Escola DOM MARTINHO DA COSTA LOPES, declaro que:

**AUTORIZO** a realização da pesquisa intitulada “Interferência Linguística na Aprendizagem do Português de Timor-Leste (PTL) por Falantes do Tétum: a Concordância Verbal” pela pesquisadora Marcelina de Carvalho, de acordo com objetivos apresentados.

**NÃO AUTORIZO** a realização da pesquisa.

Local e data: Matiana, 28 de Outubro 2024

Assinatura do/a Diretor/a da escola

JUVINAL DOS REIS FERREIRA

## Anexo 4 - Declaração da Instituição coparticipante 4

### 4. Colégio São José Operário, Balide - Díli Timor-Leste

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**Para** : Exmo/a Senhor/a Diretor/a da Escola  
**Assunto** : Solicitação de Autorização para Realização de Pesquisa Acadêmica  
**De** : Marcelina de Carvalho, Mestranda em Estudos Linguísticos  
**Contato** : +55 (34) 991259800  
**Email** : [carvalhomarcelina99@gmail.com](mailto:carvalhomarcelina99@gmail.com)

Uberlândia, 23 de outubro de 2024

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Venho por meio deste solicitar autorização para a realização, em sua escola, de coleta de dados para pesquisa intitulada “Interferência Linguística na Aprendizagem do Português de Timor-Leste (PTL) por Falantes do Tétum: a Concordância Verbal”. Este estudo é da autoria da pesquisadora Marcelina de Carvalho, com número de matrícula 12412ELI017, orientado por professor Dr. José Magalhães, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. A pesquisa é relevante para a aplicabilidade na formação acadêmica dos alunos timorenses, o justifica sua imprescindível cooperação, concedendo-nos esta autorização.

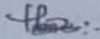
A coleta de dados se refere textos escritos pelos alunos sem qualquer identificação de autoria. Comprometo-me a seguir rigorosamente todas as normas éticas de pesquisa. Asseguro que a participação é estritamente voluntária e que a confidencialidade e o anonimato de todos os envolvidos, incluindo a escola, serão integralmente preservados em todas as fases da pesquisa e na publicação dos resultados. Asseguro, ainda, que os dados coletados nesta instituição serão utilizados tão somente para a realização deste estudo.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimento, comprometendo-me a retribuir a

colaboração com a apresentação dos resultados da pesquisa.

Agradeço, desde já, a atenção e a indispensável colaboração da Vossa Senhoria.

Atenciosamente,



Marcelina de Carvalho

Documento assinado digitalmente  
gov.br  
JOSÉ SUELI DE MAGALHÃES  
Data: 21/01/2025 17:20:53-0300  
Verifique em: <https://verificar.gov.br>

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães  
(Orientador)

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

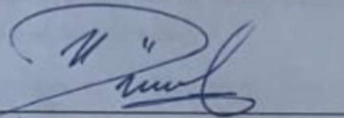
Eu, João Pinto Vice-Diretor da Escola Secundária do  
Colegio de São José operário, declaro que:

**AUTORIZO** a realização da pesquisa intitulada "Interferência Linguística na Aprendizagem do Português de Timor-Leste (PTL) por Falantes do Tétum: a Concordância Verbal" pela pesquisadora Marcelina de Carvalho, de acordo com objetivos apresentados.

**NÃO AUTORIZO** a realização da pesquisa.

Local e data: Balide, 28 de Janeiro de 2025

<sup>vice</sup>  
Assinatura do/a Diretor/a da Escola

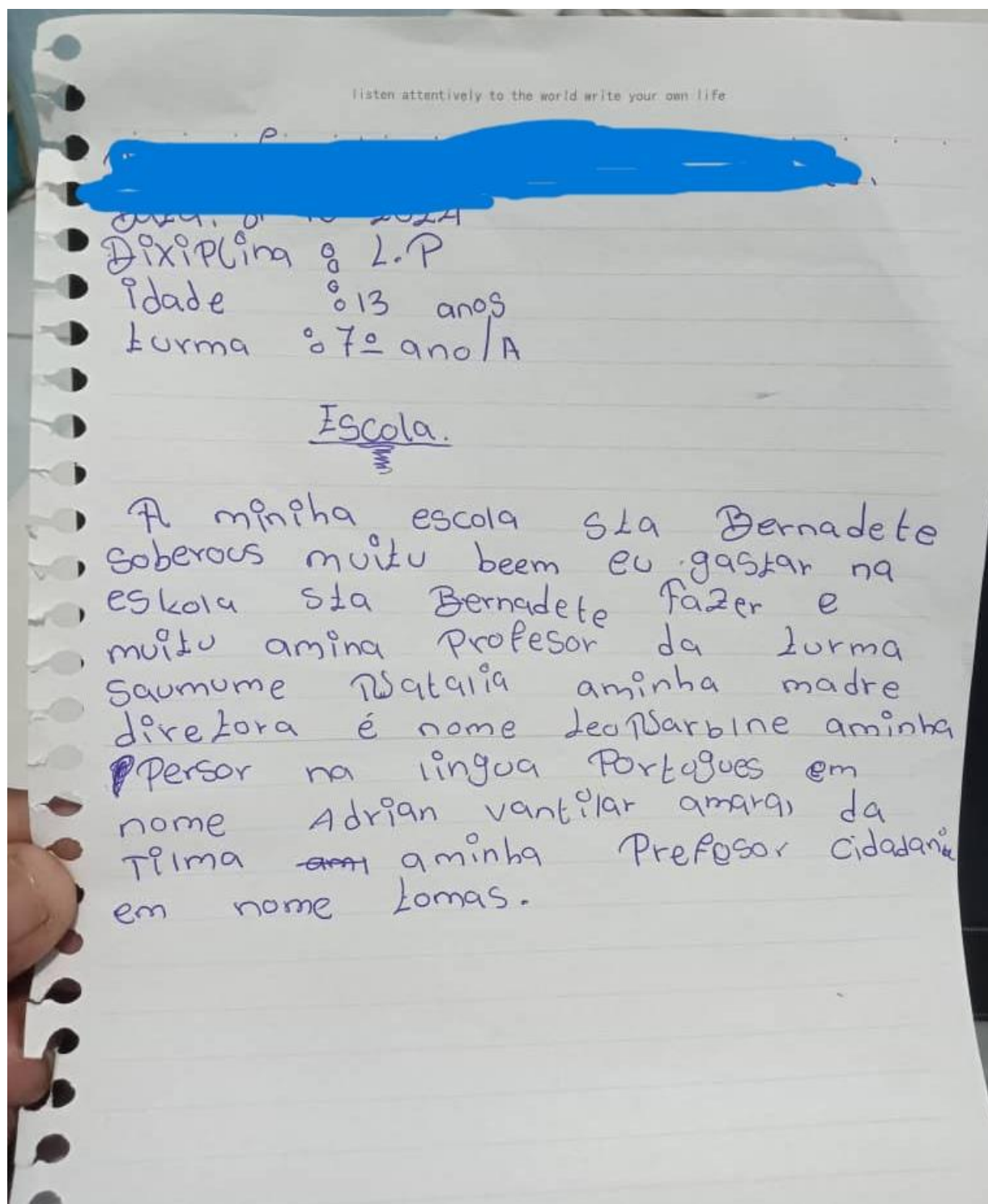


duyoperario2011@gmail.com  
+670 78375150

**Anexo 5 - Seguem algumas figuras do texto dos informantes e para aceder a todos os textos, clique no link abaixo.**

**[https://drive.google.com/drive/folders/1jblDqVZkVbgSVyuR1OggAhDXnyFHUls\\_?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1jblDqVZkVbgSVyuR1OggAhDXnyFHUls_?usp=sharing)**

Anexo 6 - Figura do texto de um aluno do EBC privado



Anexo 7 - Figura do texto de um aluno do EBC público

24 2024  
11

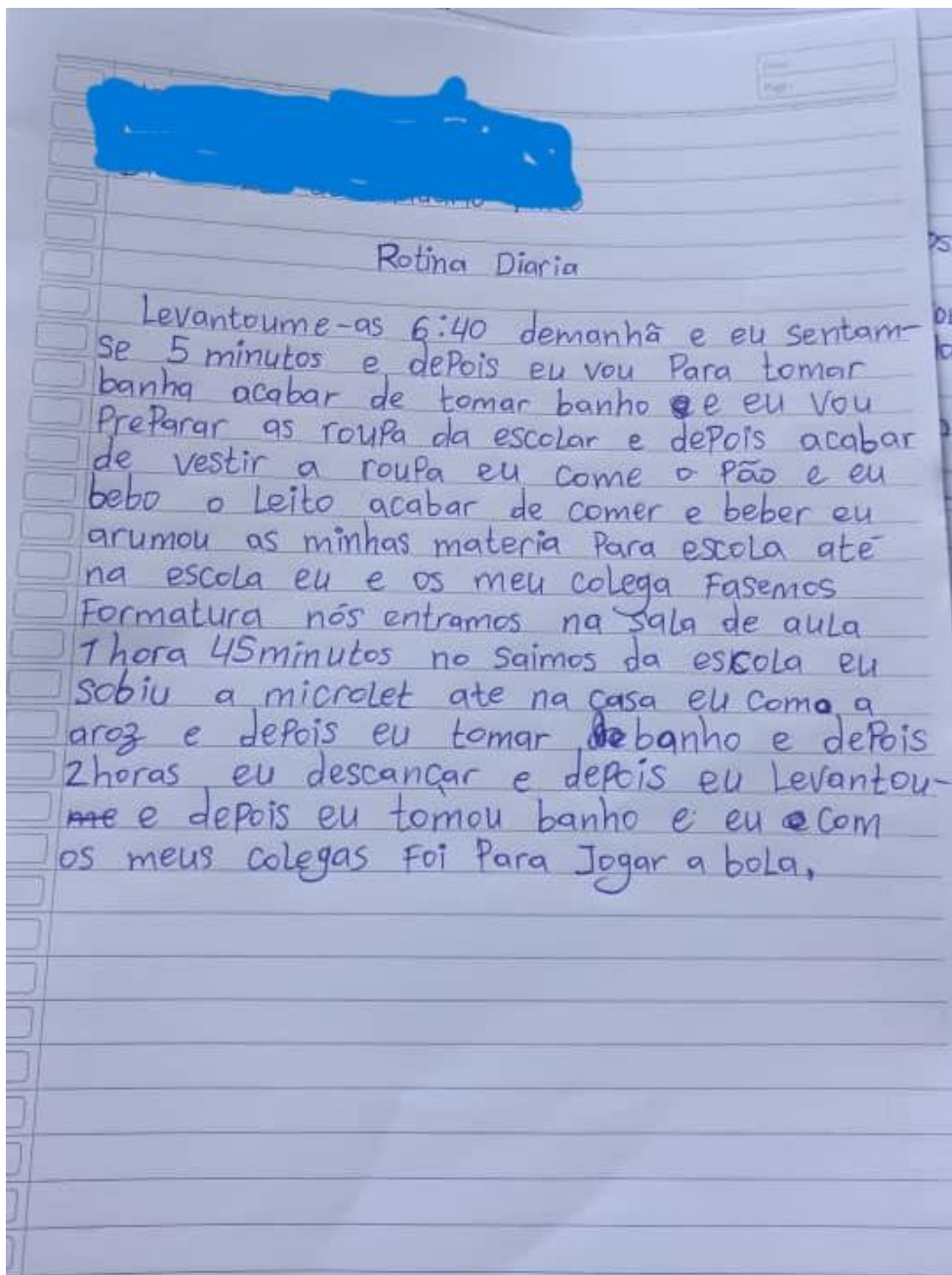
Prova diarú

Aminha família Aldeia São Frasco Suceu  
fatu-bessi chefe do da família Pai  
meu pai Angelino Fernandes e Aminha main  
Ireni Soares Magalhães. um meu pai ~~Amélia~~  
Agricultura aminha main dona de casa  
erman e (2) erman e (5).  
ester família Fernandes, (2) Euatina Fernandes  
Recardina Fernandes Leonarda Fernandes  
erman Tomas de Carvalho Adeomar  
Fernandes.

e muito obrigada

eu sou ~~\_\_\_\_\_~~

Anexo 8 - Figura do texto de um aluno do Ensino Secundário Privado



Anexo 9 - Figura do texto de um aluno do Ensino Secundário Público

25-02-2015

Sumário: fazer a composição

Nome: \_\_\_\_\_

idade: 16

Sexo: masc ( ) fem (✓)

Residência: Rural (✓) urbana ( )

Escola: Pública (✓) Privada ( )

Escolaridade: informar aqui qual série cursando

uso do Português: só na Escola (✓)

Língua materna: Tétum ( ) outra (✓) Bunak

Línguas além do tétum:  
família

Composição

sobre a minha Escola

A minha Escola chama-se Dom Martinho da Costa Lopes  
maiana. Nossa escola tem 20 salas 10 Para ct e 10  
Para csh e tem dois casa de banho Um Para masculino  
e um Para feminina temos uma cantina na atrás da escola  
A minha escola tem um Palco em frente da sala CT 9  
Temos 4 lugares de lixeiros. Temos um escritório das Professores  
tem dois Portões e normalmente usamos só um  
todas as segunda feira nos temos de Içar Bandeira  
na corredores da Escola.

Na nossa escola revolta de Jardim e arvoretos maravilhosos.